

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Abenon Menegassi

O CONCEITO DE DESTITUIÇÃO SUBJETIVA NA OBRA DE JACQUES LACAN

SÃO PAULO - 2010

Universidade de São Paulo
Instituto de Psicologia

Abenon Menegassi

Sobre o Conceito de Destituição Subjetiva na Obra de Jacques Lacan

Dissertação apresentada ao Programa de Pós- Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Área de Concentração: Psicologia Clínica.

Orientador: Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker

São Paulo – 2010

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Instituto de Psicologia da Universidade de São
Paulo

Menegassi, Abenon.

O conceito de destituição subjetiva na obra de Jacques Lacan / Abenon Menegassi; orientador Christian Ingo Lenz Dunker. – São Paulo, 2010.

187 p.

Dissertação (Mestrado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da universidade de São Paulo.

1. Destituição
2. Sujeito
3. Lacan, Jacques 1900-1980,
4. Psicanálise.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Sobre o Conceito de Destituição Subjetiva na Obra de Jacques Lacan

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Abenon Menegassi

Banca Examinadora

Prof. Dra. Ana Laura Prates Pacheco

Instituição _____ **Assinatura** _____

Prof. Dr. Daniel Kupermann

Instituição _____ **Assinatura** _____

Prof. Dr. Christian Ingo Lenz Dunker – (orientador)

Instituição _____ **Assinatura** _____

Realizado em: ____/____/____

Agradecimentos

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr Christian Ingo Lenz Dunker.

À Profª Drª Ana Laura Prates e ao Prof. Dr. Daniel Kupermann, pelas idéias e sugestões apresentados no exame de qualificação.

Aos Professores do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pelas idéias e sugestões levantadas durante as aulas das disciplinas cursadas.

Ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, pela oportunidade de realização deste curso de mestrado.

Aos amigos do curso, Letícia, Marcelo, Jonas, Ronaldo, Ana Paula, Dulce, Leandro, Tatiana. Obrigado pelas inúmeras horas de interlocução.

À minha esposa, Branca. Aos meus filhos Nadja e Abenon jr.

Ao meu neto Lenin Daniel.

Ao meu sogro *In memoriam*: Emilio Estevez Otero

Aos meus pais e irmãos.

Resumo

O objetivo deste trabalho é estudar o conceito da destituição subjetiva tal como Jacques Lacan a define com relação ao final de análise a partir dos anos sessenta. A partir da consideração do personagem Jacques Maast do livro *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan de 1917, apresentado por Lacan como referência para a destituição subjetiva, levantamos a questão sobre como se sustenta a vivência desse personagem no laço social, uma vez que após o final da análise o sujeito desejante, em sua negatividade, ainda assim está exposto à constante interpelação do Outro da Ideologia (no caso de Jacques Maast, a guerra).

Palavras-chave: Destituição, Sujeito, Lacan.

Abstract

The objective of this work is to study the concept of the subjective destitution such as Jacques Lacan defines it with relation to the end of analysis from the Sixties. From the consideration of the personage Jacques Maast of the book *The Applied Warrior* of Jean Paulhan of 1917, presented for Lacan as reference for the subjective destitution, we raise the question on as if it supports the experience of this personage in the social bow, a time that after the end of the analysis the wishes subject, in its negativity, still thus is displayed to the constant interpellation of the Other of the Ideology (in the case of Jacques Maast, the war).

Word-key: Destitution, Subject, Lacan

Sumário

Introdução.....	10
1. Instituição e Destituição do Sujeito em Psicanálise	17
1.1. O Problema da Formação de Psicanalistas após 1963.....	17
1.2. A Formação do Analista e o seu Desejo.....	20
1.3. A Escola de Lacan: a Destituição Subjetiva e o Passe	23
2. Destituição Subjetiva e Intersubjetividade	30
2.1. Incidências da Destituição Subjetiva	30
3. Aspectos Clínicos da Destituição Subjetiva.....	40
3.1. Destituição Subjetiva e Problemática do Reconhecimento	40
3.2. A instituição do sujeito em psicanálise.....	42
3.3. Destituição Subjetiva e Final do Tratamento Psicanalítico.....	52
3.4. Jacques Maast e Ernst Junger: contrastes e semelhanças na destituição subjetiva.....	60
3.5. Destituição subjetiva e sujeito suposto saber.....	73
4. Jean Paulhan e o <i>Guerreiro Aplicado</i> – exemplo de destituição subjetiva	86
4.1. Jean Paulhan e Jacques Lacan.....	86
4.2. A Destituição Subjetiva de Jacques Maast	97

5. Conclusão: <i>O Guerreiro Aplicado</i> como Modelo para a Destituição Subjetiva.....	102
6. Anexo 1: Resumo com comentários do livro <i>O Guerreiro Aplicado</i> de Jean Paulhan.....	109
7. Anexo 2: Tradução de <i>O Guerreiro Aplicado</i> de Jean Paulhan.....	135
8. Bibliografia.....	177

Introdução

O objetivo deste trabalho é estudar o conceito de destituição subjetiva na obra de Jacques Lacan. Trata-se de um conceito que tem aparição tardia nesta obra, mas que ocupa um lugar estratégico na definição do escopo e objetivos do tratamento psicanalítico, notadamente nos anos 1960. Pretendo mostrar que a idéia de destituição subjetiva encontra-se ligada a uma série de preocupações em torno da formação de psicanalistas, bem como do lugar da psicanálise no campo social. Desse modo, o nosso propósito maior é responder a seguinte pergunta: como podemos caracterizar a experiência da destituição subjetiva tendo em vista que o sujeito, após o tratamento psicanalítico, continua a se encontrar com interpelações ideológicas e com o empuxo à alienação. Em outras palavras, qual a densidade, a pretensão e a periculosidade ética e política da noção de destituição subjetiva?

Segundo Safatle (2003), na década de sessenta Lacan promove uma virada conceitual na sua obra no que concerne aos fins da análise. Esta virada acontece em relação ao programa até então elaborado por ele quanto ao estatuto da intersubjetividade pertinente à práxis analítica e seus possíveis desenlaces. O que fundamenta esta virada é o relativo abandono do que havia marcado o ensino de Lacan por trinta anos: a idéia de uma experiência intersubjetiva no interior da análise mediante a qual o desejo se faria reconhecer simbolicamente. No que concerne aos fins da análise, tal como é compreendida por Lacan neste interstício, o seu desenlace deixa de ser entendido como reconhecimento intersubjetivo do desejo e ganha a expressão da destituição subjetiva.

No capítulo 1 abordarei o tema da destituição subjetiva em relação com a formação de analistas na Escola de Lacan através do dispositivo do cartel e do passe, por entender que é esta forma institucional que Lacan privilegia para dar continuidade à ética do tratamento que ele elucida em sua clínica. Ética esta que transposta para o círculo institucional será capaz de combater os efeitos degradantes da concepção teórico-clínica da psicologia do ego tal como difundida particularmente pelos psicanalistas da Associação Psicanalítica Internacional (IPA). Quanto ao tema da formação de analistas, considero pertinente que se recorra a uma maior compreensão do problema da mediação por entender que este é o fio condutor desde o qual se pode distinguir os mecanismos envolvidos na formação de analistas em contraposição com a outras modalidades de formação.

Trabalharei, portanto, o que está em jogo no processo de formação de psicanalistas, e como a destituição subjetiva aparece neste terreno fazendo parte crucial da formação e do desejo do analista. Os acontecimentos verificados em 1963, que culminaram na exclusão de Lacan da IPA, geraram um novo problema. Tal problema gira em torno de se saber que tipo de laço social alternativo seria correlato de um redimensionamento dos fundamentos da formação psicanalítica em função de uma institucionalização e inserção social do sujeito analisado. Esse é um problema relevante e incontornável para Lacan tendo em vista sua crítica sistemática às práticas de hierarquização, docilização e instrumentalização institucional da formação do psicanalista. Ou seja, no contexto de sua exclusão, ele teria que oferecer uma alternativa real aos seus alunos e psicanalistas no que toca ao laço social esperado no quadro de uma Escola de Psicanálise. Nossa hipótese é de que o conceito de destituição subjetiva cumpre esta função de ser ao mesmo tempo um prolongamento sintético das discussões de Lacan sobre o desejo do psicanalista e a ética da psicanálise e uma forma de tematizar o laço social condizente com a formação como psicanalista (dentro de uma instituição), bem como o laço social condizente com alguém que tenha passado pela experiência de uma psicanálise (dentro do campo social).

Para que o termo da destituição subjetiva possa ser compreendido no interior da obra de Lacan, e qual sua dimensão no seu projeto clínico, teórico e formativo, considero necessário um levantamento das passagens em que Lacan se refere a esta noção em seus textos. Para entendermos o conceito é preciso retomar a exposição do que vem a ser o sujeito para Lacan e como ele articula este conceito em relação à sua instituição, sua retificação e sua destituição no decorrer do processo analítico. Será necessário também retomar a noção de ser, para entender o emprego reiterado da noção *des-ser* em associação com a idéia de destituição. Desta maneira espero conseguir estabelecer um espaço que permita o entendimento do que seja a destituição subjetiva bem como seu papel político na trajetória historicamente dada de Lacan.

No capítulo 2 abordo a noção de destituição subjetiva tendo em vista suas relações com a concepção de intersubjetividade. A idéia aqui é discutir a novidade e a ruptura representada pela noção de destituição tendo em vista a primeira concepção lacaniana da intersubjetividade como reconhecimento reflexivo. Examinarei aqui aspectos da leitura que Lacan faz da dialética de Hegel apresentando ao final, de modo comentado, as principais incidências da expressão

na obra de Lacan

No capítulo 3 abordo as implicações clínica da noção de destituição subjetiva tendo em vista noções correlatas dotadas de implicações clínicas diretas. Considerando-se o trajeto do tratamento psicanalítico destaco a importância de noções como a de retificação subjetiva, de sujeito suposto saber e de des-ser como noções que ao seu modo retratam o que se pode esperar da posição do sujeito no início, no meio e ao final da análise. A idéia de que a psicanálise revela a condição do sujeito como corte e permite uma separação nova com relação ao objeto fundamental ao qual este se encontra alienado, o objeto do fantasma, torna-se assim um crivo de comparação para a noção de destituição subjetiva. A pergunta que orienta este capítulo diz respeito à localização das insuficiências destes conceitos para descrever o que se espera do tratamento psicanalítico.

No capítulo 4, adentrarei na novela de 1917 de Jean Paulhan, *O Guerreiro Aplicado* para, a partir da consideração do personagem Jacques Maast, apresentado por Lacan como ilustração da destituição subjetiva em sua salubridade. A afirmação de Lacan é bastante clara: há algo do conceito de destituição subjetiva que este romance permite localizar. Menos clara é a interpretação desta afirmativa. Qual terá sido o ponto de correlação levado em conta nesta tese? Estamos falando de Jacques Maast, personagem principal do livro de Jean Paulhan, ou seja, um camponês do interior da França que se engaja voluntariamente na guerra de 1914-1918, atravessando-a de modo bastante peculiar. Circunstanciada que está pelo momento histórico do início do século XX europeu, que tem como um de seus traços predominantes a cultura da *belle époque*, a obra de Paulhan, possui várias características intrigantes e instigantes quando correlacionadas com o conceito de destituição subjetiva. Trata-se de um texto semi-autobiográfico com tons testemunhais que retoma a própria experiência do autor na Primeira Guerra Mundial. Trata-se de um texto que procura tematizar a emergência de um tipo de subjetividade dócil e quase apática que retoma a preocupação de seu autor com o colaboracionismo francês durante a ocupação alemã na segunda guerra mundial. Trata-se ainda de um texto que contém uma série de novidades formais, como o uso de provérbios (*récits*), variações narrativas e microhistórias que renovam a literatura francesa. Finalmente tais novidades formais são apresentadas no contexto de uma problemática homóloga à da destituição subjetiva para a psicanálise, a saber, a relação entre literatura e vida social, ou entre literatura e política. Apresentamos então nossa hipótese: estaria

Lacan empregando a destituição subjetiva, exemplificada em Jacques Maast, personagem de *O Guerreiro Aplicado*, para falar (irônica ou literalmente) da posição do psicanalista no mundo? Seria o qualificativo *salubre*, presente na afirmação de que Jacques Maast é a ilustração da destituição subjetiva em sua salubridade, uma afirmação irônica? Caso contrário, o que seria uma destituição subjetiva em sua face insalubre?

O objetivo mais genérico deste trabalho é estudar o conceito de destituição subjetiva propondo estabelecer como ele aparece em decorrência da reformulação empreendida por Lacan quanto aos paradigmas da intersubjetividade no interior da psicanálise ao invés de simplesmente abandoná-los. No que diz respeito aos objetivos teóricos este trabalho pretende mostrar como os limites de uma nova modalidade de compreensão para a relação intersubjetiva, levam Lacan a recuperar, depois de 1960, a problemática separação entre as categorias de ser e de sujeito como forma de enfrentar os paradoxos à que é levada sua teoria do reconhecimento do outro. O reconhecimento da *falta-a-ser*, em seu *efeito de ser*, constitutiva do sujeito descentrado e desejante torna-se assim uma alternativa para ultrapassar os limites lingüísticos nos quais se aprofunda sua concepção de sujeito. Pretendo demonstrar como a noção de destituição subjetiva precisa retomar esta dimensão do ser para poder incluir uma reflexão do sujeito no interior do laço social. Só a partir de então é possível a tese que propõe um novo vínculo no laço social após o final de uma psicanálise. A importância deste estudo resulta da pertinência que a questão da intersubjetividade adquire no interior do tratamento analítico. De fato, não se pode pensar a direção do tratamento senão a partir de uma concepção de relação do sujeito com a falta em torno do qual giram os aspectos envolvidos na transferência, as concepções de poder, o projeto de erigir a ética da psicanálise. Um objetivo secundário desta pesquisa é contribuir para o entendimento da formação de psicanalistas levando-se em conta a dimensão política do laço social daí advinda. Não se pode pensar a evolução conceitual de Lacan, com suas reviravoltas teóricas, estabelecendo-se esta evolução abstraída do contexto histórico em que ocorre, particularmente no que se refere ao movimento de institucionalização da psicanálise na França. Nesta linha nosso objetivo é mostrar que o conceito de destituição subjetiva possui uma face clínica e uma face social.

É sabido que durante mais de uma década Jacques Lacan torna-se o pivô de uma negociação entre a *Sociedade Francesa de Psicanálise* (SFP) e a

Associação Internacional de Psicanálise (IPA). Como, desde 1953 a SFP, na ocasião Sociedade Psicanalítica de Paris (SPP), estava banida da IPA, Lacan passa a ser moeda de troca para que a SFP volte a fazer parte dos quadros da IPA. O preço a ser pago pela SFP é justamente a proscrição de Lacan uma vez que este representava uma ameaça aos padrões vigentes sobre a técnica psicanalítica.

Proscrito, Lacan funda a *Escola Freudiana de Paris*, em 1964, e dá continuidade ao seu ensino agora acrescido da necessidade de estabelecer um programa concreto para a formação de psicanalistas. Este ensino tem, portanto, a envergadura de uma subversão sustentada em relação àquela normatividade institucional que desviara a psicanálise de seu papel no mundo, o que se pode notar tanto no tom crítico como nos argumentos dos chamados textos institucionais de Lacan, notadamente anteriores à 1963 (*Situação da Psicanálise em 1952, A Psicanálise e seu Ensino*). Dentro deste contexto, o tema da política do tratamento, no interior da psicanálise, e o tema do final da análise, no âmbito da política da psicanálise tornam-se interligados. São centrais porque possibilitam a Lacan a promoção da rearticulação das formas institucionais que mantinha o exercício de um poder que se colocava a serviço da obediência cega dos analistas em formação em relação aos seus analistas didatas. Diante da estrutura institucional vigente, Lacan não hesita. Sua política procura extrair da prática clínica os elementos teóricos que deveriam rearranjar a organização institucional dos psicanalistas e da sua formação.

O tema do tratamento e do final da análise são, assim, os eixos em torno dos quais Lacan erguerá esta reorientação. O seu passo decisivo proporá que tratamento e final de análise devem ser pensados enquanto campos que imbricam visceralmente a ética da psicanálise em contraste com outros métodos de tratamento. Exercício de poder e modos de subjetivação constituem o cerne daquilo que está em jogo no campo analítico neste momento. Estamos falando, portanto, da posição da psicanálise em relação ao quadro social mais amplo. Diante das acusações de que a psicanálise seria mais uma disciplina normatizadora e adaptativa, que usina os sujeitos e os reinsere adequadamente no liame coletivo a serviço de uma sociedade alienada, é preciso promover uma ética que faça frente a estas acusações e estabeleça um campo que seja capaz de responder a estas críticas.

O ponto alto desta crítica reside na objeção de que a psicanálise concebe a cura como adaptação de sujeitos alienados. Ela repararia os fracassos da alienação

devolvendo e produzindo sujeitos para uma sociedade baseada na alienação, na reificação e na expropriação social do trabalho e do desejo. Ao readaptá-los, a psicanálise se poria a serviço do Estado positivo que tem a coerção como meio de manter os indivíduos sob julgo em nome de uma totalização impossível. A psicanálise seria assim, como sugerem certas análises críticas de Foucault, nada mais que uma extensão do Estado, uma variante do dispositivo de poder psiquiátrico. Tão clássista e domesticante quanto os demais aparelhos ideológicos que reproduzem os meios de produção às custas da segregação e do controle, como sugere a crítica de Lucien Séve. Tão familiarista e conformista quanto as práticas mais conservadoras em termos de produção da subjetividade, como aponta a crítica de Deleuze e Guatarri. Diante deste problema, a formalização da psicanálise que Lacan ambiciona deve passar por uma concepção de relação intersubjetiva que não reproduza nem em seus meios e nem em seus fins, os modos de produção que estruturam e reproduzem as relações das sociedades alienadas e alienantes. É através desta concepção de relação intersubjetiva que Lacan poderá refazer o caminho trilhado pela psicanálise às objeções sobre o papel da psicanálise no mundo. O terceiro objetivo deste trabalho é expor o conceito de destituição subjetiva à um exame crítico do ponto de vista das objeções imediatas que ele pode suscitar. Afinal em princípio o que nossa época precisa é de verdadeiros sujeitos, de pessoas capazes de se implicar, se responsabilizar e fazer valer seu desejo, ou seja, capazes de subjetivar seu desejo. Falar em destituição do sujeito soa, neste contexto, como algo muito contra-intuitivo.

Esta formalização deve estipular para o sujeito um lugar na estrutura mas, deve, antes de tudo, negativizá-lo em relação a esta estrutura. Incluído na estrutura e negativizada em relação a ela é o modo que Lacan encontrou para reinserir um sujeito capaz de estar no laço social sendo, ao mesmo tempo, capaz de se posicionar diante dos modos de produção de alienação que esta sociedade cria. Diante desta tarefa, é que compreendo a aparição do termo da destituição subjetiva. E, para mostrar qual o caminho teórico que Lacan percorre para forjar este termo, tão preciso e importante face à tarefa que Lacan enfrenta, abordarei alguns termos conexos que formam uma constelação coerente com a destituição subjetiva e que, junto com ela, embasam o percurso de Lacan. São estes: objeto pequeno *a*, des-ser, falta-a-ser (*manque-a-lêtre*), fantasma, salubridade, efeito de ser, destituição e sujeito.

Para tentar dar conta destes objetivos pretendo expor o conceito de destituição subjetiva a duas zonas de confrontação. A primeira refere-se ao exame da obra de Lacan tendo em vista à conexidade clínica deste conceito, ou seja, sua capacidade de reunir e sintetizar e avançar as elaborações de Lacan sobre a intersubjetividade ao longo e ao final do tratamento. A segunda refere-se a uma espécie de contraprova narrativa. Neste caso, na continuidade do capítulo três e no decorrer do capítulo quatro, examinarei o caso do personagem Jacques Maast, de *O Guerreiro Aplicado*, de tal maneira a verificar em que circunstâncias este preenche a expressão conceitual da destituição subjetiva.

1 Instituição e Destituição do Sujeito em Psicanálise

1.1. O Problema da Formação de Psicanalistas após a Cisão de 1963

Minha tese principal foi no sentido de que a questão importante não é se um analista possui um diploma médico, mas se ele recebeu a formação especial necessária à prática da análise. Isto serviu de ponto de partida para uma discussão, que foi avidamente adotada, quanto a qual é a formação mais adequada para um analista. Meu ponto de vista foi e ainda continua sendo o de que não é a formação prescrita pela universidade para futuros médicos.

Freud, 1927¹

O objetivo deste capítulo é articular os temas da formação de analistas, da Escola de Lacan e do passe com o tema da destituição subjetiva naquilo que se apresenta como campo no interior do qual Lacan estabelece a ética da psicanálise. Uma disciplina implicada com sua ética própria e que tem na destituição subjetiva a estrutura necessária, só pode advir como efeito de discurso, não um qualquer, e de uma formação qualquer mas, daquele que se importa com os meios sob o qual acontece. É com este propósito que considero ser adequado partir da seguinte pergunta: o que significa falar de formação em psicanálise?

Desde Freud o problema sobre a formação de analistas se coloca no interior desta disciplina. Em *A questão da análise leiga*, Freud (1927) afirma que o importante não é que o analista possua um diploma médico adquirido na universidade mas, que ele tenha recebido a formação especial necessária à prática da análise. Esta afirmação é o ponto de partida para se buscar saber qual é a formação especial adequada a um analista. Para responder a esta pergunta Freud procura antes definir o que é a psicanálise, o que implica decidir com que objetivo

¹ FREUD, Sigmund. Pós-escritos. In: *Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade*. A questão da análise leiga e outros trabalhos, v. XX. RIO DE JANEIRO: Imago, 1925-26.

ela opera e como ela opera, ou seja, se o que pretende é curar pessoas neuróticas, então qual é o seu método de tratamento. Freud afirma que a psicanálise é uma parte da psicologia e não um ramo especializado da medicina. Mesmo assim, a finalidade da psicanálise continua sendo de cunho médico no sentido de que ela se propõe a obter uma cura partindo de um diagnóstico e realizando um tratamento. Neste sentido, o que a psicanálise entende por cura deve ser bem explicitado, pois disso depende o seu método de tratamento.

Nesta via, por ser parte da psicologia, a psicanálise tem como único tema os processos mentais dos seres humanos, e é para o estudo desses processos mentais, que só podem ser estudados nos seres humanos, que a formação deve preparar o analista. Lembremo-nos que os estudos de Freud sobre os processos mentais levaram-no a construir uma metapsicologia. Desse modo, o que Freud propõe é que o objetivo do analista, para o qual ele deve ser preparado mediante uma formação, é a "análise mais completa e mais profunda possível de quem quer que possa ser nosso paciente" (FREUD, 1925-26). Esta análise, conforme o que ele expõe em *Análise terminável e interminável* (1937), visa a remover os sintomas, angústias e inibições do paciente, prevenir suas reincidências e fortalecer o eu de forma a que este consiga uma posição melhor diante das exigências da pulsão. Para que o analista esteja preparado para operar esta análise em seus pacientes não basta adquirir *in cátedra* o conhecimento da metapsicologia freudiana.

Para que o analista esteja em condições de exercer a psicanálise e analisar seus pacientes tal como Freud orientou, é preciso que a formação deste analista o prepare adequadamente. Em se tratando de psicanálise, segundo Freud, esta formação deve ser especial. O que nos obriga a perguntar se ela difere ou não das formações liberais que encontramos na cultura em geral.

Segundo Dunker, "Freud opõe a experiência da psicanálise à experiência da formação no sentido da *Bildung* como prática cultural educativa" (DUNKER, 2002, p. 73). O conceito de formação, caro ao idealismo alemão, aparece como "Bilden e *Bildung* e enfatiza o resultado da educação" (INWOOD, 1992: p. 85) ao passo que as palavras *erziehen* e *Erziehung* enfatizam o processo da educação. Deste modo, a *Bildung* significa cultura conquanto esta seja a soma de realizações acabadas da civilização, ao passo que o verbo *erziehen* e o substantivo *Erziehung* indicam mais o movimento de construção ou o processo destas realizações.

Ainda de acordo com o mesmo dicionário, a palavra *Bilden* também significa "formar", "moldar", "modelar", "cultivar". Enquanto *Bildung* remete

apenas à educação como resultado de um processo, a palavra *Bilden*, tal como o verbo *erziehen* e o substantivo *Erziehung*, remete também ao processo mesmo da formação em andamento. Assim, no movimento exercido está o sentido da *Bilden*; na realização do acabamento ou finalização do movimento está o sentido da *Bildung*. Portanto, distintamente *Bilden* indica o processo e *Bildung* o resultado da educação ou formação.

Como dissemos, tendo em vista que a prática da psicanálise requer do analista uma posição subjetiva muito específica, é preciso perguntar se é suficiente a esta formação (*Bildung* e *Bilden*) a passagem por uma educação franqueada pelos processos de desenvolvimento pedagógicos comuns às outras profissões vistas como liberais. Como a psicanálise possui uma metapsicologia, faz parte da formação do analista tomar conhecimento do saber próprio à teoria psicanalítica. A maneira que Lacan propôs para se institucionalizar a transmissão e a aquisição deste saber nos grupos de analistas na Escola da Freudiana de Paris enfatizava o dispositivo do cartel e depois o passe. No interior da Escola, a função do cartel é tentar evitar, ou ao menos minimizar, as propensões de grupo a se fazer do coletivo analítico, que deveria ser um lugar de trabalho com o real da psicanálise, um lugar de transmissão e circulação de gozo e de poder.

Mas, felizmente, desde Freud, a formação do analista em psicanálise não se limita à aquisição de um saber teórico e prático, nos moldes liberais. Diante desta realidade, a experiência clínica em psicanálise vem trazer à luz a riqueza de sua própria especificidade prática. Desse modo, a exigência de uma formação especial que possa preparar o analista para exercer esta prática impõe aos formadores em psicanálise que se toque no problema da mediação inerentes aos processos de formação.

Em seu artigo, em conformidade com a *Bilden* hegeliana, Dunker foca o problema da formação afirmando que: "A formação não é uma meta a ser atingida, mas um percurso, um caminho, uma experiência a ser realizada. Neste percurso, o que o sujeito torna real é justamente o caráter da mediação" (DUNKER, 2002, p. 69). Como se vê, formação e mediação são processos que, por seu caráter de experiência histórica quase se tornam sinônimos, no sentido de que formar é realizar, dar forma, ou passar pelos processos de mediação que levam à dialetização com a alteridade. Em *Análise Terminável e Interminável* (1937), é possível perceber que Freud quase toma a palavra "análise" como sinônimo de formação e mediação. Neste sentido, o elemento fundamental da

formação surge da análise própria do candidato a psicanalista. Nesta via, para Dunker, a noção de formação põe em questão o estatuto da mediação uma vez que as mediações podem ser simbólicas ou imaginárias (DUNKER, 2002, p. 68).

O que a psicanálise pretende, desde que Freud introduziu a necessidade de associação livre para o andamento do tratamento em análise, é possibilitar ao sujeito que mediatize os signos que utiliza para que ele próprio se mediatize e se liberte das formações ou precipitados cristalizados de sentidos que os signos não mediatizados lhe impuseram. Ao incorporar o desejo neste processo de mediação, o sujeito em análise refaz o caminho de sua formação individual na cultura. Neste processo, ele desconstrói os edifícios de sua alienação e abre novas possibilidades de reinvenção de si a partir de um outro modo de mediação. Uma mediação que liberte o sujeito objetivamente dado quando este engendrar o subjetivamente criado.

Por isso, o que está em jogo na formação do analista é que esta formação não pode e não deve sucumbir a uma educação baseada na lógica da reflexão mediada por signos que, na fala, cristalizam precipitados de sentidos e levam o analista a carregar, como um porta-voz supostamente neutro e supostamente inocente, as ideologias vigentes que o alienam do seu desejo e, conseqüentemente, alienam o desejo de seu analisando, sobretudo, se este analista for adepto da psicologia do ego. Quanto a isto, não se pode esquecer nunca que o real é aquilo que é e que insiste sem que no entanto nenhum significante possa representá-lo, por mais que se pretenda o oposto com fins cognitivos, pedagógicos ou mesmo de dominação os mais diversos possíveis. A estes fins a formação do analista não deve servir.

1.2 A Formação do Analista e o seu Desejo

O que funda o analista é o seu desejo, o desejo de analista. Mas, para que advenha um analista com seu desejo é preciso, antes, que o sujeito sustente o desejo de formação de analista. O desejo do analista não deve ser confundido com aquele vinculado à identificação de uma profissão, ou seja, não é aquela vontade que temos quando falamos de nossas orientações vocacionais: o desejo de ser um analista. O desejo do analista é um efeito da formação não uma essência a ser revelada. Este desejo se forma, este desejo se transfere, de psicanalista para psicanalista, e é aquilo que cumpre uma função e opera na direção de um

tratamento psicanalítico. Desse modo, o desejo do analista é o operador necessário que o analista tem, e deve ter, para cumprir bem a sua função. Como diz Cottet, "o desejo do analista é uma função que opera" (COTTET, 1989, p. 183). Por isso, ele deve ser certa maneira que o sujeito analista tem de se relacionar com o seu desejo. Esta maneira é aquela que mantém o analista na posição de objeto.

Se o que funda o analista é o seu desejo enquanto função que opera no interior do tratamento analítico, então, a formação do analista visa ser a condição para que o desejo do analista advenha, e esta condição não se verifica mediante apenas a formação escolar do indivíduo adquirida nos bancos de uma cátedra qualquer, não obstante Freud tenha insistido na importância de *universitas literarum*, e da cultura mais ampla possível, como condições desejáveis para a prática da psicanálise. Não se extrai o objeto próprio ao analista a partir de aquisição de informações. De fato, a relação do analista ao saber, relação necessária para que advenha um analista e sua função própria, só a análise pode garantir. Dessa maneira, para que o sujeito obtenha um modo de se relacionar com o seu desejo, condição necessária para que este advenha desejo do analista, é preciso que este sujeito entre em contato com as formações inconscientes através das quais ele submete e nas quais ele se aliena. Para isso, ele precisa entrar em contato com estas formações inconscientes que expressam as trilhas pelas quais o seu desejo se deformou ao longo de sua existência. Feita esta operação, o sujeito estará em condições de redefinir o que é próprio de seu desejo separando-o do desejo do Outro que o habitava.

Dado este passo, temos o que é essencial para que o desejo do analista opere: a renúncia ao poder. Desde Freud é o problema da renúncia ao poder a ser exercido sobre o outro que permeia a formação do analista. A especificidade da prática psicanalítica reside na necessidade de uma posição subjetiva que tenha passado pela capacidade de se relacionar com o saber de modo a não constituir-lo como promotor da verdade e, logo, de poder. É por isso que só o contato com as formações inconscientes mediante a análise pode dar ao sujeito o desejo do analista. É apenas em parte que a formação do analista recorre a um saber sobre a teoria psicanalítica para se apropriar de sua política e de sua ética. Neste aspecto, o dispositivo do cartel, formalizado por Lacan, é uma proposta que tenta dar contornos próprios aos modos de produção deste saber na relação que tem com o poder e com a verdade. Cumpre lembrar que o desejo do analista não está desvinculado da ética e da política do analista, ao contrário, em psicanálise só se

pode falar em desejo enquanto ética. Deste modo, a ética da psicanálise depende profundamente do processo de análise que constitui o desejo do analista.

Se quisermos dar ao termo “formação do analista” um sentido adequado no interior da psicanálise, devemos entender esta formação como um processo pelo qual o sujeito re-aprende a se relacionar com o seu inconsciente. É deste re-aprendizado, ou pós-aprendizado, que pode advir o desejo do analista enquanto função que opera.

Em *Sobre o passe* (LACAN, 1975), Lacan afirma que sua proposta sobre a experiência do passe obtém algo que não é da ordem do discurso do mestre, muito menos ainda algo que partiria da idéia de formação. O que ele enfatiza é que não há formação analítica, mas, sim, formações do inconsciente. Lacan suprime a idéia de um didatismo para a análise afirmando que só há psicanálise pura. Com isso, ele afasta qualquer possibilidade de se pensar que a psicanálise possa ser transmitida mediante a teorização ou qualquer outro meio que não a experiência de análise. Desse modo, a formação do analista deve passar fundamentalmente pela experiência do inconsciente.

Como vimos, a formação do analista não se limita apenas à aquisição ou apropriação de um saber constituído pelo discurso da ciência que apaga o sujeito, mas, avança no sentido de um saber de si singular, o que inclui o real.

Afirmo a pouco que a formação de analistas deve se comprometer em forjar sujeitos que tenham sido capazes de renunciar ao poder. Isto significa que tal renúncia só pode estar assegurada em pessoas cuja subjetividade se destituiu do poder. Todavia esta formulação presume um certo entendimento do que vem a ser o poder pois em certo sentido é impossível destituir-se de relações de poder, pois elas são inerentes à ordem social. Contudo, há o poder como dominação, como servidão, como opressão e sobretudo como “exercício”. Trata-se de uma recusa, cuja negatividade, implicada na relação com o falo, que faz com que o analista, sinônimo de sujeito, suporte o des-ser. Desse modo, só a destituição subjetiva, garantida pela formação analítica, pode dar ao analista a condição rigorosa para que ele possa autorizar-se ao exercício desta prática e de sua ética. Como se trata de uma formação específica, Lacan precisou fundar uma escola singular.

1.3. A Escola de Lacan: A Destituição Subjetiva e o Passe

Em conseqüência de sua conturbada relação com a IPA (*International Psychoanalytical Association*), que culminou em 1963, após dez anos de perseguição à sua prática e ao seu ensino, com sua excomunhão Jacques Lacan viu-se no decorrer dos anos seguintes diante da necessidade de criar um novo modo institucional que cuidasse da convivência em grupo de analistas com objetivos de recrutamento e formação de candidatos a analistas.

Neste momento de sua trajetória intelectual e prática como psicanalista, ele sente a urgência de extrair da sua experiência clínica alguns elementos que pudessem contribuir como referência para a construção de uma instituição de formação de analistas que subvertesse os modos de operar daqueles agrupamentos próprios da IPA, e que estavam baseados numa hierarquia reprodutora de identificações e de segregação dado o lugar de mestria que seus líderes ocupavam no interior de sua estrutura. A esta nova instituição que, segundo Lacan, poderia e deveria dar testemunhos de uma garantia de formação suficiente, ele deu o nome de *Escola*.

A palavra *hierarquia* origina-se de uma conjunção de dois termos gregos: *hieros*, que significa *sagrado* e *arché*, que quer dizer *mandamento* (PORGE, 2006, p. 319). Fácil entender que hierarquia remete a sagrado mandamento. Por outro lado, a palavra *grau* deriva do latim *gradus* que significa grau na hierarquia. Para sabermos como funciona a escola de Lacan, é preciso identificar a diferença que há entre a hierarquia e o grau. O *gradus* é o grau na hierarquia, mas além de marcar a posição, marca também o movimento, a progressão, quer dizer, a situação de passagem de um ponto a outro. Para Porge, o *gradus* é a posição do combatente e o "passo de marcha (*gradum facere*)" (PORGE, 2006: 319). Segundo este autor, a distinção que Lacan faz entre *gradus* e hierarquia tem como meta combater o fracasso gerado pelas confirmações do títulos "das figuras notáveis que ocupavam função de direção no início da criação da escola freudiana de Paris" (PORGE, 2006, p. 319).

Desse modo, a Escola de Lacan tem a incumbência de estatuir um modo de participação coletiva que não seja hierarquizado, mas orientada pelo *gradus*, e que esteja "fundada sobre o trabalho de pesquisa, o ensino e a didática" (PORGE, 2006, p. 319). Lugar de uma experiência inaugural, a Escola não designa para Lacan apenas um lugar, mas também um conceito, o conceito de um certo laço

social a ser inventado. É o refúgio que possibilita ao sujeito pôr-se à prova enquanto suporte de um discurso, o do analista, frente aos discursos do mestre e da universidade. Lugar onde o sujeito se submete mais "à escola da experiência da psicanálise do que de proclamar-se titular de um saber estabelecido" (PORGE, 2006, p. 312).

Daí dizer-se que a Escola é uma aposta de Lacan na proposta de uma comunidade de analistas, onde este "pôr-se à prova" acontece nas diferentes modalidades de transferência de trabalho que estariam ligada à possibilidade de "operar os deslocamentos de investimentos, de interesses, de pessoas e de lugares de trabalho" (PORGE, 2006, p. 313).

O que destacamos em nossa própria leitura do "*Ato de fundação*" (LACAN, 2003), texto de Lacan de 1964, é que a Escola é um organismo que faz com que a psicanálise retorne aos princípios originais de Freud. O trabalho da Escola é indissociável da formação porque é pela via da formação que a escola pode estabelecer o seu movimento de reconquista deste campo. Segundo Porge, a escola adquire uma dimensão de combate, por tratar-se da reconquista do campo freudiano "colonizada indevidamente pela IPA" (PORGE, 2006, p. 312). Trata-se, portanto, de um lugar onde se exercita a "crítica assídua aos desvios e concessões que amortecem seu progresso, degradando o seu emprego" (LACAN, 1964/2003, p. 312). Lacan quer, com a sua Escola, combater os sintomas institucionais apresentados pelos modos de aglutinação dos dirigentes da IPA. "O termo Escola deve ser tomado no sentido de que, em tempos antigos, significava certos lugares de refúgio, ou bases de operação contra o que já então se podia chamar de mal-estar na civilização. É uma tomada de partido, a mais clara, contra e extraterritorialidade da psicanálise" (PORGE, 2006, p. 312).

No texto da "Proposição de 9 de Outubro de 1967", Lacan aborda mais diretamente o problema relativo à instituição e reconhecimento coletivo de alguém como psicanalista. Neste momento delimita-se com maior clareza a proposta de duas formas de nomeação: os Analistas de Escola (AE) e os Analistas Membros de Escola (AME). Vê-se claramente em que reside a aposta de Lacan ao fundar a Escola, a *sua* escola - e este qualificativo não deixa de ser problemático - deverá centrar-se na questão do desejo do psicanalista, o que leva à questão da formação. Seria a partir deste desejo que se pode instituir a posição de correção em relação à hierarquização. Porge coloca que a "proposição" "articula a teoria do final de análise e a do ato...com a garantia de um procedimento coletivo de

reconhecimento do desejo do analista" (PORGE, 2006, p. 318). Trata-se, portanto, do problema do desejo do analista que deve estar articulado ao discurso psicanalítico, tanto em teoria quanto em ato, recortando o seu estilo. Segundo Porge, a "Proposição", afirma que se trata de "uma verdadeira proposição de escola, naquilo em que articula a letra (a teoria) e a experiência; o individual e o coletivo; o privado e o público" (PORGE, 2006, p. 318).

Para Lacan, o conjunto destas articulações pode ser sintetizado em dois termos: intensão e extensão; a primeira refere-se à singularidade da cura e a segunda é "relativa a ao que se ensina a partir da primeira direta ou indiretamente, aos seus interesses, à pesquisa, à ideologia que ela acumula" (PORGE, 2006, p. 318).

Há uma articulação de Lacan entre a psicanálise em intensão e a psicanálise em extensão, a saber, o conceito psicanalítico que é equivalente à sua prática ou seja, o conceito de transferência. Ao forjar a experiência analítica em extensão no vivo da experiência analítica em intensão e fazer desta a base daquela, Lacan articula a verdadeira proposição de uma Escola. Aqui não podemos esquecer do sentido antigo que uma escola guarda: o sentido de uma comunidade. A IPA não fazia suas escolhas a partir da experiência analítica, nem permitia objeções. Suas decisões eram de cunho sociológico. De fato, ali as votações levavam em conta apenas critérios políticos, desconsiderando-se a formação recebida. Contrariamente a essas práticas, a Escola de Lacan formaliza-se no sentido de ser um dispositivo que neutraliza essas ações por parte de seus integrantes. Na escola de Lacan, a crítica permanente escolhe os melhores a partir da experiência e não da reunião ideológica de grupos que visam o exercício de um poder.

Diante do exposto, quero enfatizar que o objetivo perseguido neste trabalho é o de tentar esclarecer sob que moldes o termo da destituição subjetiva aparece no interior da psicanálise. Estes moldes, poderão ser melhor visualizados se considerarmos o termo da destituição subjetiva em dois tempos. Um como pertencendo ao campo da psicanálise em intensão. O outro, ao campo da psicanálise em extensão.

No campo da psicanálise em intensão, podemos falar em destituição subjetiva a partir da singularidade da experiência da cura. O conceito responde, neste caso, aos desenvolvimentos e desenlaces que se pode esperar no decorrer de uma análise. Por outro lado, ao falarmos de destituição subjetiva como algo

pertencente ao campo da psicanálise em extensão, estamos compreendendo o tipo de experiência que se dá após o final de análise, na comunidade de trabalho, nas transferências formativas e que supõe o sujeito no laço social. Aqui, seguimos de perto as coordenadas dadas por Lacan quanto à articulação que ele faz sobre o desejo do analista na prática clínica e na Escola. Deste modo, assim como os termos da psicanálise em intensão, temos que considerar aqueles correlatos que foram empregados de modo a qualificar esta experiência antes da introdução da noção de destituição subjetiva, notadamente a noção de *falta a ser*. Notamos que há uma espécie de retomada deste qualificativo para referir-se ao que se passaria na psicanálise em extensão, após a introdução da noção de destituição subjetiva, notadamente “efeito-de-ser” e “salubridade”. Transferência e desejo de analista são os conceitos que fazem a rotação entre extensão e intensão.

Lacan introduz o termo destituição subjetiva justamente no momento em que funda um espaço comum de trabalho para os analistas. Assim, destituição subjetiva é o termo que Lacan cunha para, no interior da Escola, portanto, no campo da psicanálise em extensão, promover a possibilidade de uma garantia coletiva entrincheirada no combate àquilo que é comum ao mal-estar da civilização, ou seja, as hierarquias calcadas na identificação imaginária.

Para compreendermos como Lacan verifica se após o final de análise há no sujeito o desejo de analista, será preciso entender o dispositivo do passe. Garantir o desejo do analista é essencial porque é preciso saber se o sujeito em questão se dispõe a se engajar numa prática coletiva que não se exerça a partir de uma saída cínica de sua análise. A pertinência do passe de escola tal como Lacan pressupõe reside no fato de que o passe institui a possibilidade de verificação desta garantia, quer dizer, da garantia do desejo de analista, dentro dos critérios que ele estatui.

No texto da *Proposição*, Lacan explicita que o passe é um modo de investigação que se articula com o discurso analítico visando isolar, por reconhecimento comum, o analista que se candidata a ser membro da Escola. Pode-se inferir que a estratégia de isolar o analista não incorre em exclusão ou segregação. O que em si se tenta isolar é o seu desejo, isolar para melhor reconhecer o que de analista há no sujeito. Isto implica submetê-lo a um filtro de verificação que encontre ali se houve ou não uma destituição tal que ele possa vir a ser membro da Escola.

No texto “Sobre o passe”, ele diz que a experiência do passe, exposta na *Proposição* visa o recrutamento e seleção de pessoas (AE e AME) para agregá-las

numa escola onde seres reais se situariam "nesse real [...] em nome de princípios que são completamente diferentes daqueles que constituíram anteriormente uma classe" (LACAN, 1975: p. 185-193). Neste mesmo texto, continua ele, uma classe "habitada por um outro tipo de diferentes indivíduos, é susceptível de transformar inteiramente, não certas estruturas fundamentais, mas a natureza do discurso" (LACAN, 1975: p. 185-193). Destes recortes inferimos que Lacan aposta muito na caracterização de um desejo de Escola, no sentido de um desejo formado pela Escola. É importante distinguir este desejo de um desejo cujo objeto seria a Escola, neste caso uma demanda, não um desejo em acepção mais rigorosa.

É preciso entender o experimento de Lacan como uma tentativa de superar as experiências anteriores, no seu entender fracassadas, em torno da formação de analistas. Os grupos anteriores ao passe e à Escola funcionavam segundo as leis ordinárias do mestre e da universidade. O essencial da aposta de Lacan, tal como está exposto em "*Sobre o passe*", é que este dispositivo teria a incumbência de funcionar como o lugar que verifica e garante que houve por parte do candidato a analista a vivência, na sua análise, de uma experiência que lhe permitiu apropriar-se de um saber-fazer algo com aquilo que Lacan enuncia como "mais-de-gozar" alojado no interior do sintoma.

A expressão mais-de-gozar é criada por Lacan a partir da expressão mais-valia de Marx. Marx introduz este termo para designar o *móbil essencial* do discurso capitalista no interior do discurso do mestre. Em "*Sobre o passe*", Lacan diz que o que o discurso analítico revela é que o mais-de-gozar advém no lugar da mais-valia, como uma função muito mais radical que a da mais-valia no seio do discurso capitalista. A função do mais-gozar ocupa um lugar de fundamento, ligada que está à dependência do homem em sua relação com a linguagem. O que o discurso analítico permite entrever é que é através da linguagem que o homem se separa, e assim permanece *de tudo o que concerne à relação sexual* (LACAN, 1975: p. 185-193), sendo por aí que ele entra e faz falta no real.

Ocorre que ao mesmo tempo que o homem faz falta no real, ele tem, através do discurso analítico, uma pequena chance, pelas vias "que lhe são abertas em direção a um certo número de pontos que testemunham da presença do real na origem de seu discurso" (LACAN, 1975: p. 185-193). Ele tem a chance de se posicionar no lugar do objeto pequeno a , como substituto ao S_1 , que ocupa o lugar de agente no quadrípode do mestre.

É situado neste ponto que o analista pode funcionar como deve. Se o

analista funciona na análise como objeto a, na Escola não deve ser diferente. E a função do passe é a de verificar se o analista funciona. O passe permite a alguém que quer sustentar o desejo de ser analista na prática, se autorizar a partir de sua comunicação do que fez ele se decidir por se engajar no discurso analítico e a partir deste engajamento ser o sujeito suposto, ou seja, o suporte deste discurso. O passe verifica e dá garantias sobre se o sujeito conquistou este intento, este desejo. A Escola é então lugar de por à prova, através do passe, o sujeito candidato a analista para verificar se ele suporta o discurso psicanalítico no interior da análise como analista e no interior da própria escola como membro.

Note-se que o passe é um dispositivo que interliga o espaço público de uma instituição voltada para a formação de psicanalistas com a experiência privada de um tratamento psicanalítico. O passe interliga a experiência pessoal de um tratamento com a experiência coletiva de um grupo de pessoas que passaram por algo análogo. Finalmente, o passe permite que uma experiência de dissolução dos modos neuróticos de demanda de reconhecimento e alienação, como é a experiência da análise, seja ela mesma reconhecido por um grupo que tem acesso a ela apenas pelas vias de um relato indireto. Lembremos que o passe consiste em cinco momentos:

- (a) Apresentação do candidato ao passe.
- (b) Relato da experiência de análise feita pelo passante a dois passadores, eles mesmo indicados por seus analistas (Analistas Membros de Escola – AME) como analisantes “em fim de análise”.
- (c) Transmissão deste relato da experiência dos passadores para o Cartel do Passe que avalia ou verifica a presença de um final de tratamento, do desejo de analista e da destituição subjetiva.
- (d) Nomeação do candidato como Analista Membro de Escola (AE)

Observe-se o número de pessoas envolvidas na realização de um passe. Ressalte-se como no interior desta experiência estão em jogo condições e exigências distintas. Há as habilidades necessárias para falar da própria experiência de análise, há a atividade de compilação, escuta e transmissão do que se escutou e há o ato de constatar certos traços que o relato guardaria da experiência efetivamente ocorrida. O passe foi o desencadeador da primeira cisão dentro do movimento lacaniano e até hoje representa um ponto de discórdia entre os analistas desta orientação. O que não se pode discordar é que o passe é uma experiência comunitária, que envolve e introduz no interior da prática

psicanalítica variáveis até então jamais consideradas de forma direta (reconhecimento inter-pares, a narrativa da experiência, a nomeação como ato, o juízo coletivo sob forma de funcionamento em cartel).

2. Destituição Subjetiva e Intersubjetividade

2.1. Incidências da Destituição Subjetiva

A palavra *destituição* origina-se do latim “*destituo*”; [*de+* *statuo*] (CUNHA, 1989: p. 257), e indica ação ou processo e constrói-se com sujeito agente causativo. Significa em seu aspecto jurídico, principalmente: privar alguém de seu cargo, de seu emprego, de sua função; ex.: destituir a um funcionário. Inversamente *instituir* refere-se a: "1. dar começo a; estabelecer; criar; 2. Marcar, aprazar, 3. Nomear ou declarar por herdeiro" (FERREIRA, 1993: p. 36).*

Tradicionalmente, o termo “*destituição*”** designa a deposição de uma pessoa enquanto essa passa a ser privada de sua autoridade, de sua dignidade ou de seu emprego. Neste sentido, o termo figura como sendo a exoneração ou demissão de um cargo ou posto onde sua autoridade ou dignidade são subtraídas por outrem por ter, o destituído, cometido uma falta ou provocado uma carência. Interessante constatar que as três regiões semânticas que encontramos no emprego do termo por Lacan aparecem indicadas pela filologia:

(1) A *autoridade* refere-se à dimensão de poder e de ato concernida na idéia de ato analítico e da crítica do exercício do poder e ainda invertida na tese de que *o analista não se autoriza senão de si mesmo*.

(2) A *dignidade* é uma noção que vimos aparecer, nas passagens de Lacan, associada às noções de ingenuidade e indiferença. Trata-se do veio ético da noção ao qual devemos reunir problema da dignidade.

(3) O *trabalho* é uma categoria que vimos aflorar de forma inusitada nas referências ao publicitário e ao universo social do trabalho e da criação. Trata-se aqui da vertente social ou cultural da noção de destituição subjetiva.

Se compararmos, por ex., as palavras *abolir*” e “*destituir*” fica claro que a diferença entre ambas reside no fato de que abolir não deixa restos, tratando-se de uma erradicação, enquanto que destituir, apesar de operar a extração de alguma

* A palavra *instituir* aparece no dicionário com o seguinte sentido: “Instituir: Dar começo a; estabelecer; criar; 2. Marcar, aprazar, 3. Nomear ou declarar por herdeiro (FERREIRA, 1993, p. 36).

** A palavra “abolir” tem como sinônimo 1. afastar: cortar, banir, largar, tirar, <aboliu as drogas da sua vida> 2. anular: ab-rogar, cancelar, revogar < leis > 3. suprimir: eliminar, extinguir, suspender < velhos hábitos >, e como antônimo 1. manter, restabelecer, restaurar (HOUAISS, 2003).

coisa de algum lugar, ainda assim, deixa uma porção intacta. Isto porque, se, por um lado, em latim, *statuo* indica “*por de pé*”, *destituir* não indica “*derrubar*” no sentido de “*eliminar*” mas, tirar do lugar. Trata-se de um “*por de pé*” no real, uma estátua que tenha caído ou sido derrubada, por exemplo, e de um “*derrubar*” simbólico (metafórico). Por exemplo, na Roma antiga tinha-se a *missio* que era o perdão concedido aos perdedores nas arenas. A *missio* permitia aos perdedores colocarem-se novamente em pé mas, era ao mesmo tempo seguida de uma perda de lugar moral, a honra. Neste sentido, *statuo** refere-se tanto à construção (de uma estátua) quanto à sua manutenção em pé num certo lugar. A palavra *status* também conserva este sentido mas, referindo-se ao lugar ocupado pelo objeto em seu meio. Por outro lado, destituí-la é apenas tirá-la do lugar e não destruí-la, o que estaria mais próximo de *aboleo*, abolir ou do francês *gomme*,** apagar.

Como já dissemos acima, a palavra “*destituição*” possui também um cunho jurídico. Neste âmbito, “*Destituição*” aparece em conformidade com várias acepções jurídicas, onde, em geral, significa: ato ou efeito de destituir. Assim, no Direito Administrativo ela aparece como sendo uma medida interna de distribuição de serviço correspondendo a um rebaixamento na situação do funcionário no serviço. Este rebaixamento é uma medida punitiva que consiste em privar o funcionário da função que vinha exercendo. Desse modo, segundo o Estatuto do Funcionário Público, artigo 206, a destituição de função é uma medida disciplinar que tem por fundamento a falta de exatidão, ou seja, de retidão e exatidão quando o funcionário está imbuído no cumprimento do dever. Obedecendo a critérios legais e hierárquicos, ainda segundo o Estatuto do Funcionário Público, art. 210, parágrafo único, a aplicação da pena de destituição de função cabe à autoridade que houver feito a designação do funcionário para

* “**Estatuir**”: a palavra “estatuir” deriva do latim “Statuo”, que significa 1. Pôr de pé, numa posição determinada. 2. Colocar, fixar, estabelecer, dispor, levantar, erigir (FERREIRANO, 1973/1989). Em Houaiss (2003), aparece a palavra “estatuir” que significa 1. decretar; prescrever, regulamentar, 2. instituir: determinar, estabelecer, fixar, marcar. (antônimo) desmarcar, indeterminar. Em Fernandes (1997/2002), “Estatuir” aparece como: Estabelecer, ordenar, determinar, deliberar, decretar, resolver, preceituar. Na língua francesa, a condição social da pessoa é indicada com a palavra *etat*, que significa estado. (estado social. Status social). No latim, a raiz para estado é *statuere*. Portanto, destituir opõe-se a estatuir, que significa em português: “determinar em estatuto; estabelecer”.

** Lacan usa o termo *gomme* no artigo *O engano do sujeito suposto saber* (In: Outros Escritos: p.334) enquanto “borracha”, onde a função do inconsciente, entre outras, é apagar o sujeito.

aquele cargo ou função. Assim é também no direito processual em que, por exemplo, a destituição se dá como ato legal do juiz mediante o qual este afasta o funcionário de uma função para a qual ele foi nomeado judicialmente. Este afastamento da função acontece ao ter, a pessoa, se tornado incompatível com ela por ter procedido com improbidade, negligência, falta de cumprimento de seus deveres ou por quaisquer outras causas pelas quais este funcionário se torne indigno de continuar exercendo a função que lhe foi designada.

Algumas figuras jurídicas que, de acordo com o código civil, são suscetíveis de sofrer a pena de destituição são: o tutor, o curador, o inventariante, o testamenteiro, os liquidantes, o síndico e o comissário. Existe ainda, segundo o Código Civil Art. 395, o caso da destituição do pátrio poder imputado ao pai ou à mãe quando estes, por qualquer motivo, castigarem imoderadamente o filho, deixá-lo em abandono ou, por fim, praticar atos contrários à moral e aos bons costumes.

Em *Variantes da destituição subjetiva*, Soler condiciona a instituição do sujeito ao discurso no interior do qual se dá esta instituição. Desse modo, segundo ela, existem várias respostas para a questão acerca do que seja um sujeito instituído, uma vez que existem vários discursos. Seguirei de perto como se dá, para Soler, a instituição do sujeito no discurso comum, no laço social e como se dá a instituição do sujeito na psicanálise (SOLER, 2002, p. 11). Esta autora afirma que no discurso comum, no laço social, discurso ao qual Lacan dá o nome de avesso da psicanálise, existe uma forma de instituição do sujeito definida enquanto aquela que dá voz e leva em consideração a opinião dos sujeitos.

No nível sexual isso também acontece quando se tem a sensação de ter sido tratado como objeto a ser consumido. Há também o tratamento dado no local de trabalho onde se é tratado como máquina e instrumento a ser explorado. Na democracia, mediante o voto, as pessoas sentem que são sujeitos instituídos quando podem dar a sua opinião enquanto eleitor, cidadão, homem ou mulher e, sentem o contrário, e se queixam, quando sua voz deixa de ser levada em conta.

Mas, o sentimento de que se é sujeito quando se pode dar uma opinião indica que aí há a instituição de um eu (je) e não do “sujeito” no sentido que Lacan entende. No discurso analítico, a instituição do sujeito é inversa à instituição deste eu que nos percebemos como UM, *um eu sou UM* (SOLER, 2002, p. 12).

Na obra de Lacan, o termo “destituição subjetiva” aparece nomeadamente,

pela primeira vez, no texto da *Proposição de 09 de Outubro de 1967*, em seguida reaparece no Seminário XV, *O Ato Analítico*, na aula de 17 de janeiro de 1968 e no resumo deste mesmo seminário, comunicado em 10 de junho de 1969. Por fim, aparece em *Discurso na Escola freudiana de Paris*, apresentada aos analistas da Escola em 06 de dezembro de 1967 e também em uma versão revista e ampliada que Lacan redigiu e publicou em 01 de outubro de 1970. As formas pelas quais a destituição subjetiva aparece nos textos mencionados são as seguintes:

No texto da *Proposição de 09 de outubro de 1967*, o termo aparece quatro vezes, e sob as seguintes formas:

a). “A estrutura, assim abreviada, permite-lhes ter uma idéia do que acontece ao termo da relação transferencial, ou seja, quando havendo resolvido o desejo que sustentara em sua operação o psicanalisante, ele não tem mais vontade, no fim, de levantar sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o **destitui como sujeito**”. (LACAN,1967/2001: p. 257, grifo do autor).

Na citação acima, o termo possui clara conotação clínica naquilo que acontece com o sujeito ao final de sua análise. Lacan sugere que a destituição subjetiva é o que acontece com o sujeito após o seu decaimento em relação à sua fantasia. Ela é o resultado, a conseqüência, o efeito do que acontece com a estrutura no final. Todavia a sequencia da frase admite duas leituras diferentes. Podemos entender que se trata de uma enumeração de efeitos, todos eles correlatos entre si e simultâneos (a) não ter vontade de manter a aposta (b) decair da fantasia e (c) destituição como sujeito. Podemos entender, ao contrário, que se trata de uma enumeração conseqüencial, na qual um elemento condiciona e leva ao seguinte, ou seja, a resolução do desejo que anima a transferência conduz à suspensão da aposta que por sua vez determina o decaimento da fantasia e depois disso, e só depois disso, teríamos a destituição subjetiva. Remanesce a questão de saber se esta última é um evento separado e de envergadura semelhante à suspensão da aposta da fantasia ou se trata do nome dado a este conjunto de efeitos reunidos? Neste contexto, a estrutura a que Lacan se refere, por se tratar de relação transferencial, é a do sujeito suposto saber, à qual ele se indica no texto da *Proposição* como sendo a que dá conta do tratamento analítico.

Como evento isolável seria a destituição subjetiva particularidade do final do tratamento ou antes, haveriam destituições preliminares ou parciais? Neste

contexto, trata-se de apreender o sentido da destituição subjetiva partir do que se modifica na fantasia e com o desejo sob a transferência clínica, tanto no decorrer quanto no término da análise. Certamente no processo de desenlace da análise, em que ocorre a solução do desejo, ocorrido a partir da estrutura do sujeito suposto saber, será fundamental para apreendermos o sentido do termo destituição subjetiva. Na citação seguinte, o termo aparece na interface da clínica com a instituição, servindo como critério de verificação para aceitação do analista na Escola de Lacan.

b) “Não haveríamos, ao anunciá-lo, de desestimular os amadores? A **destituição subjetiva** gravada no bilhete de ingresso...não será isso provocar o horror, a indignação, o pânico ou até o atentado, ou, pelo menos, dar um pretexto para a objeção de princípio?” (LACAN,1967/2001: p. 257, grifo do autor).

Neste caso vemos fortalecida a hipótese de que a destituição subjetiva admite antecipações, como sugere a expressão bilhete de ingresso. Todavia aqui o correlato clínico está no plano dos afetos. Trata-se da angústia, do horror e do pânico por um lado, mas também de um sentimento social muito específico e ligado à tradição de reflexão ética, a saber, a indignação. Neste contexto, o termo aparece como referendando a verificação, no dispositivo do passe, do que acontece com o analisando quando este passa a analista e quer fazer parte do grupo que se organiza, na Escola, em torno da causa de Lacan. A frase *...destituição subjetiva gravada no bilhete de ingresso...* é metafórica e indica uma espécie de portabilidade do sujeito do inconsciente que aceitou a castração e organiza o seu desejo a partir desta experiência. Sendo a destituição subjetiva aquilo que acontece com o sujeito ao final, e sendo ela o bilhete de ingresso, critério subversivo em relação a IPA, que adotava outras referências, denunciadas por Lacan, para constituir o grupo e a hierarquia. Daí ser compreensível o elenco de afetos que se pode esperar: horror, pânico e o atentado. Nada mais incomum ao amorismo das comunidades analíticas daquela época do que adotar critérios nascidos do ventre da clínica, do cerne da prática e da ética analítica para forjar critérios de acolhimento dos analistas como membros de uma Escola.

Na terceira vez em que o termo aparece no texto da *Proposição*, ele adquire a forma seguinte: "No real da ciência que **destitui o sujeito** de modo bem diferente em nossa época quando apenas seus partidários mais

eminentes, como um Oppenheimer, perdem a cabeça" (LACAN,1967/2001, p. 257, grifo do autor).

Lacan indica um modo de destituição subjetiva que, por contraste, mostra seu alheamento e oposição em relação à destituição subjetiva do final de análise. Aqui, a destituição subjetiva se refere ao que acontece com o sujeito quando exposto ao discurso da ciência, onde seus partidários *perdem a cabeça*. Na verdade, quanto a este trecho, duas leituras parecem possíveis. A primeira, como dissemos, nomeia o que acontece com o sujeito quando este se torna vítima da tecnologia aqui representada pela figura do artífice da bomba atômica. A segunda, também, plausível, se refere ao que aconteceu com o próprio Oppenheimer que alienado ao discurso da ciência enveredou-se no projeto de construção de um objeto ignorando as conseqüências éticas desta invenção. Retenhamos desta passagem uma propriedade importante e inequívoca da destituição subjetiva, a saber, que ela não se aplica exclusivamente à experiência do tratamento psicanalítico. A ciência também destitui o sujeito, não da mesma forma que a psicanálise, mas de forma insalubre. Para Colete Soler o discurso da ciência anula o sujeito, ou seja, o destitui porque a ciência promove "falsas ideologias pela liberdade" (SOLER, 1998, p. 123). Contudo esse fragmento reforça nossa interpretação de que o conceito de destituição subjetiva é um conceito simultaneamente clínico e social.

Na quarta e última citação de Lacan no texto da *Proposição*, ele se refere à destituição subjetiva como sendo a recusa do sujeito a participar em grupos que através da indiferença cínica protege a verdade:

d) “Com que pretexto abrigamos essa recusa, quando se sabe perfeitamente da indiferença que protege a verdade e os sujeitos, todos juntos, e se sabe que, ao prometer a estes a primeira, isso só não dá na mesma para aqueles que já estão próximos dela? Falar de **destituição subjetiva** jamais deterá o inocente, que não tem outra lei senão seu desejo.” (LACAN,1967/2001: p. 258, grifo do autor).

Reencontramos aqui duas expressões de ampla incidência no discurso ético do ocidente: a indiferença e a inocência.

No Seminário XV sobre O Ato Psicanalítico, realizado entre 1967 e 1968, contemporâneo aos eventos que deram ensejo à segunda versão do texto da *Proposição* Lacan refere-se à destituição subjetiva em estreita ligação com a idéia

de alienação:

a) “Preciso ainda lembrar-lhes que a tarefa analítica, na medida em que ela se delinea a partir desse ponto do sujeito já alienado, em um certo sentido ingênuo em sua alienação, aquele que o psicanalista sabe ser definido pelo “eu não penso”, que a tarefa em que ele o coloca é em um “eu penso” que toma justamente todo o seu peso de que ele saiba o “eu não penso” inerente ao estatuto do sujeito? Ele o põe na tarefa de um pensamento que se apresenta, de alguma forma, em seu próprio enunciado, na regra que o **institui**, como admitindo essa verdade fundamental do “eu não penso”: que ele associe e, livremente, que ele não procure saber se está ou não por inteiro, como sujeito, se ele aí se afirma. A tarefa à qual o ato psicanalítico dá seu estatuto é uma tarefa que já implica essa **destituição do sujeito**. E aonde isso nos conduz?...chama-se a “castração que deve ser tomada em sua dimensão de experiência subjetiva”. (LACAN, 1968: p. 97-98, grifo do autor).

No começo de uma análise o sujeito do “eu não penso” é o sujeito alienado e ingênuo quanto a esta situação de alienação. Reencontramos aqui o termo relativo à ingenuidade. Neste contexto é que aparece a destituição subjetiva, mas surpreendentemente de forma ambígua do lado do analista, em sua relação com o ato analítico ou com o efeito deste ato no analisante. A destituição subjetiva é a condição para que o analista possa produzir o ato necessário que pode causar no analisante o desejo de análise. Não é de qualquer lugar que o analista sustenta o seu discurso. Estar neste lugar só é possível sob a condição da destituição subjetiva que permite ao analista subjetivar a castração e, ao mesmo tempo, situar o analisante no caminho da associação livre necessária para que ele entre em contato com sua condição de sujeito dividido através do “eu penso”. Encontramos aqui um novo sentido para a destituição subjetiva, ou seja, ela refere-se à possibilidade necessária ao analista de que este suspenda ou destitua-se como sujeito para poder fazer falar e ouvir o único sujeito em jogo no processo psicanalítico, a saber, o psicanalisante.

Esta leitura se choca com o que se expressa no *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, pois nele a destituição subjetiva é clara e inequivocamente atribuída ao psicanalisante, o que sugere por sua vez que a ambigüidade contida na formulação anterior tenha despertado dúvidas nos alunos de Lacan:

a) “Pois afinal não está o psicanalista sempre à mercê do psicanalisante, ainda mais que o psicanalisante de nada

pode poupá-lo quando ele tropeça como psicanalista, e menos ainda quando ele não tropeça? Pelo menos, é isso o que nos ensina a experiência.

“O que ele não pode poupar-lhe é o des-ser com que ele é afetado como término a ser atribuído a cada psicanalisante, e que me espanta encontrar em tantas bocas desde minha proposição, como que atribuído àquele que inflige o golpe, por estar, no passe, conotando unicamente uma **destituição subjetiva**: o psicanalisante.” (LACAN, 1967/2001: p. 279, grifo do autor).

Aqui Lacan assinala que é o analisante quem faz a análise. Ao analista cabe a tarefa de não permitir que o analisante procrastine a sua afecção, ao final, do des-ser do sujeito. De novo, Lacan indica que a destituição subjetiva não é o que acontece unicamente com o analisante. Ela é condição para que haja um analista, logo, ela se refere ao analista também. O analista não pode prescindir do des-ser e o psicanalisante não pode fazê-lo também.

b) “Para falar da **destituição subjetiva** sem trair o segredo do Blá Blá Blá ao passador, ou seja, aquilo cujas formas em uso até agora já fazem imaginar sua dimensão, eu a abordarei noutro lugar. [...] Aquilo de que se trata é de fazer com que se entenda que não é ela que faz des-ser, antes ser, singularmente e forte. Para ter uma idéia disso, imaginem a mobilização da guerra moderna, tal como esta intervém para um homem da belle époque. Isso se encontra no futurista que lê nela sua poesia, ou no publicitário que faz de tudo para aumentar a tiragem. Mas, **no que concerne ao efeito de ser, aborda-se melhor o assunto em Jean Paulhan. Lê Guerrier Appliqué é a destituição subjetiva em sua salubridade**”. (LACAN, 1967/2001: p. 279, grifo do autor).

Agora Lacan diz que a destituição subjetiva apesar de produzir o des-ser do sujeito não se reduz a ele. A destituição subjetiva refere-se ao que ela deve comportar quando o sujeito se insere no laço social. Os exemplos são tão raros quanto prosaicos em Lacan: a guerra, a publicidade, a poesia futurista, a belle époque. Aqui temos a indicação de qual é o nosso objeto-problema de estudo neste trabalho. Que espécie de destituição subjetiva acontece com o sujeito que terminou a sua análise e se propõe a um novo laço no social. E de que espécie é este novo laço social, ao qual ele chama de efeito de ser salubre?

Neste tópico, Lacan fala também da destituição subjetiva concernente ao social da modernidade, particularmente acerca do momento do efeito da guerra sobre o homem da belle époque. Lacan destaca duas figuras, o futurista e o

publicitário, que se engajam a partir da intervenção da guerra para tirar os dividendos possíveis advindas de sua mobilização. Ele compara estas duas figuras para melhor contrapor e destacar a figura de Jacques Maast, personagem principal do livro *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan. Lacan faz isto para ilustrar que Maast é a figura que melhor representa na literatura o sujeito destituído do final de análise que enceta um novo laço social. O efeito de ser salubre de Maast supõe que este sujeito encontrou a resolução do seu desejo e suprimiu as inibições e os sintomas.*

c) “Ou ainda então, imaginem-me em 1961, sabendo que eu servia a meus colegas para que voltassem à Internacional, ao preço de meu ensino, que dela seria proscrito. Continuei esse ensino, no entanto, eu, ao preço de cuidar exclusivamente dele, sem sequer me opor ao trabalho de separarem dele meu auditório. Esses seminários, sobre os quais, ao relê-los, alguém exclamou diante de mim recentemente sem outras intenções, ao que me pareceu, que eu tinha de gostar muito daquela gente para quem sustentava esse discurso, eis outro exemplo de **destituição subjetiva**. Pois bem, dou-lhes esse testemunho, somos “ser” um bocado nesse caso, a ponto de parecer gostar, vejam só”. (LACAN, 1967/2001: p. 279, grifo do autor).

Outro fato raro Lacan nos dá seu próprio testemunho, incluindo o conceito em suas próprias circunstância biográficas. Neste trecho ele se refere a si mesmo como um exemplo de destituição subjetiva em seu *efeito-de-ser*. Lacan pede que imaginemos a sua situação em 1961, momento em que sabia que servia aos seus colegas da Sociedade Francesa de Psicanálise como moeda de troca para que esta instituição voltasse à Internacional (IPA), ao preço de seu ensino, *que dela seria proscrito*. Lacan relata que continuou o seu ensino *sozinho* "... ao preço de cuidar exclusivamente dele, sem sequer [se] opor ao trabalho de separarem dele o seu auditório" (LACAN, 1967/2001: p. 279). Lacan recebe então o comentário de que ele deveria gostar muito daquela gente para quem ele sustentava o seu discurso, ao que ele considera: *...gostar...vejam só...*A situação merece exame detalhado. Trata-se de Lacan, um psicanalista, mas na situação de ensino e de formação. Uma pessoa que é traída por aqueles a quem se dispõe a transmitir algo. A intuição sugere que alguma gratidão devia ser esperada, contudo de forma estóica ele cuida de seu ensino mais além do que de seu auditório. Laço social

* “Resolução” aqui significa extrair o seu desejo puro a partir de uma espécie de depuração que desaliena o sujeito, e seu desejo, dos liames do fantasma.

problemático ou atitude decidida ?

Estes critérios se apresentam como pontos a serem alcançados pelo sujeito que se cura de suas inibições, sintomas e angústias. Na citação acima, Lacan explicita que serviu aos seus colegas ao mesmo tempo em que o banimento poderia ser o preço a ser pago para que a IPA aceitasse os demais. Mesmo assim, Lacan continuou trabalhando, nestes termos, sob as piores condições. Contudo, ele parece dizer que não o fez por amor, e esta aparente indiferença enquanto um estar sozinho, mas não sem os outros, é um ponto fundamental do efeito de ser da destituição subjetiva que deveremos abordar adiante.

No resumo do Seminário XV (1969), sobre o seminário *O Ato psicanalítico*(1967-1968) aparece uma outra vertente importante e congruente com o exemplo pessoal acima relatado, ou seja, a destituição subjetiva versa sobre a relação do sujeito com o seu próprio ato. Levanta-se então o problema de saber a qual gramática pertence a destituição, a que tipo de posição diante do ato ela se opõe e a que tipo de posição diante do ato ela se aproxima.

a) “O ato analítico parece apropriado a reverberar com mais luz sobre o ato, por ser ato a ser produzido pelo próprio fazer que ele ordena. Por isso ele remete ao em-si de uma consistência lógica, de decidir se é possível dar seqüência a um ato tal que, em seu fim, **destitui o próprio sujeito** que o instaura. Por aí se percebe que é o sujeito, aqui, do qual é preciso dizer se é saber. Será que o psicanalisante, ao término da tarefa que lhe foi atribuída, sabe “melhor do que ninguém” da **destituição subjetiva** a que ela reduziu justamente aquele que lha ordenou? Ou seja: o em-si do objeto a que, nesse término esvazia-se no mesmo movimento pelo qual o psicanalizante cai, por ter verificado nesse objeto a causa do desejo”. (Lacan, 1969/2003, p. 371, grifo do autor).

Seguindo na direção da destituição subjetiva como categoria práxica vemos que a última referência disponível sobre este termo indica sua relação com a criação, com o começo e o recomeço.

b) "Pois é a partir da estrutura de ficção pela qual se enuncia a verdade que ele fará, de seu próprio ser, estofa para a produção de um ... irreal. [...] não há menos **destituição subjetiva** por proibir esse passe que, como o mar, deve ser sempre recomeçado." (LACAN, 1969/2001: p. 372-373, grifo do autor).

3. Aspectos Clínicos da Destituição Subjetiva

3.1. A Destituição Subjetiva e a Problemática do Reconhecimento

Antes dos anos sessenta, Lacan estabelecia o reconhecimento em termos de flexibilidade como a condição que permitiria o desenlace de uma análise em três tempos. No Seminário sobre As Psicoses (1955), ele fala do final do tratamento nos seguintes termos: "...o sujeito começa por falar dele, e não fala com você – a seguir, ele fala com você, mas não fala dele – quando ele tiver falado dele, que terá sensivelmente mudado neste tempo, com você, teremos chegado ao final da análise" (LACAN, 1955/1997: p. 186).

Estes três tempos recuperam os momentos da dialética da consciência. Em termos hegelianos, o primeiro tempo é o da consciência em si e para si. Neste tempo, o sujeito fala de si mediado pelo Outro. O segundo é o tempo da passagem pelo outro. Tempo da alienação na transferência. O terceiro é o tempo da volta a si enquanto detentor da verdade de si. Aí se daria o reconhecimento reflexivo do desejo porque o sujeito passou pela outra consciência (o analista) e, na volta, se desalienou desta outra consciência.

Contudo, podemos perceber que no livro IV da *Fenomenologia do Espírito* Hegel afirma que a consciência de si só é em si e para si quando é em si e para si para uma outra consciência, ou seja, quando é reconhecida por uma Outra consciência. Tal é, portanto, a maneira pela qual se dá o que Kojève chama de "desdobramento da consciência em si, desdobramento este que se dá como desejo de ser reconhecido" (KOJEVE, 2002, p. 49). Lacan, por sua vez, concorda com Hegel quanto ao fato de que e "... a realidade ... de cada ser humano está no ser do outro...há uma alienação recíproca ...irredutível, sem saída" (LACAN, 1954/1985, p. 96). Vê-se neste contexto, tanto em Kojève quanto em Lacan, que se mantém a idéia hegeliana de reconhecimento, indicativa da alienação fundamental presente na constituição do ser humano. Se o reconhecimento intersubjetivo é o que dá as coordenadas da alienação do homem, como ela pode ser, considerada por Lacan como aquilo que está no desfecho do final de uma análise? Temos aqui uma pista de porque Lacan abandona esta proposta de formalização da clínica e sente a necessidade de pensar outra saída para o final de análise, já que se incorreria numa contradição pensar o final de análise enquanto desfecho onde o desejo permanece alienado. A indicação é clara: se a proposta do tratamento psicanalítico é

justamente livrar o sujeito das amarras que o alienavam ao desejo do Outro, então, não se pode pensar um final de análise em termos de alienação ao outro. Contudo, estabelece-se aqui um impasse, pois não se pode conceber uma clínica em que a dimensão do outro seja excluída. A necessidade de uma formalização da clínica em que o outro seja considerado é real, pois para que haja a cura não se pode obviamente prescindir do laço social. A tarefa será, portanto, conceber a cura em termos de desalienação e relação de objeto. A tarefa não é simples já que exige trabalhar com a consideração de que é preciso conciliar aparentes opostos tais como sujeito e linguagem, Eu e Outro, Lei e desejo, e assim por diante.

Quanto a esta alienação fundamental, Safatle (2002: p. 191), localiza a crítica lacaniana da intersubjetividade na clínica no texto “*Kant com Sade*” (LACAN, 1963/2000), e esta crítica reside na constatação de que tal racionalidade intersubjetiva incorre num impasse ao ter seu campo mediado pelo simbólico, o que formaliza a impossibilidade da linguagem adequar-se às coisas sensíveis, aos objetos empíricos, pois o significante é desprovido de “força denotativa” (LACAN, 1955/1997: p. 192), ou seja, por um mediador que seria *a negação do empírico* (SAFATLE, 2005: p. 106).

Por isso, a partir deste momento, a referência central para o advento desta virada conceitual, calcada na sua experiência clínica, passa a ser a reformulação proposta a partir do termo “*Destituição Subjetiva*”, enquanto paradigma de final de análise e não mais a idéia de reconhecimento intersubjetivo e nomeação do desejo mediado pelo simbólico. A destituição subjetiva aparece assim neste novo horizonte como um limiar que dará um novo destino a termos tão caros a Lacan como “travessia do fantasma”, “objeto a”, “queda do sujeito suposto saber”, “des-ser” e outros.

No Seminário VII, sobre a Ética da Psicanálise de 1960, indicativo deste período de transição, o que Lacan passa a dizer é que “podemos tentar definir o campo do sujeito na medida em que ele não é apenas o sujeito intersubjetivo, o sujeito submetido à mediação significante, mas o que está por trás deste sujeito” (LACAN, 1960/1992: p. 130).

Lacan passa a falar de um novo sujeito passível de ser localizado por trás da relação intersubjetiva. Mas, cabe a pergunta: qual é o lugar que este sujeito ocupa na estrutura, já que ele não deve estar lá onde possa ser objetivado pelo simbólico? Ademais, estamos falando de pessoa, personalidade ou indivíduo? Para Simanké (2002), por exemplo, todo o esforço de Lacan gira em torno de

formalizar a psicanálise de modo a conseguir um lugar para o sujeito na estrutura, um lugar em que ele não seja aspirado e submetido às coordenadas gerais do sistema a que pertence em detrimento de sua subjetividade.

Nesta via, o sujeito do inconsciente lacaniano, o sujeito da ciência que nasce com o cogito cartesiano, é diferente de uma individualidade empírica. Ele é suporte de saber que, sendo despsicologizado, pontual e evanescente caracteriza-se por seu descentramento. Sujeito pensante lá onde não é, e sendo lá onde não pensa, define-se por ser sujeito de fala que marca sua aparição através de uma performatividade negativa do enunciado. Isto significa que, para Lacan, subverter o sujeito cartesiano para fazer emergir o sujeito do inconsciente, é preciso fazer com que "o enunciado transforme-se no contrário do que se queria enunciar" (SAFATLE, 1997: p. 183). Assim, como ato de fala, o sujeito não se confunde com nada que possa ser integrado pela estrutura. Assim como as relações entre o desejo e a linguagem jamais serão plenamente integrativas, as relações entre o sujeito e o desejo são de disparidade e apenas temporalmente integráveis.

Sendo suporte de saber, é preciso perguntar como, desse modo, este sujeito pode ser instituído e, depois, destituído sem, no entanto, deixar de existir. Também é preciso perguntar como a formação psicanalítica pode garantir a existência de tal desejo. No próximo capítulo tentarei situar o momento teórico e histórico que Lacan vive quando se dispõe a responder a estas questões.

3.2. A instituição do sujeito em Psicanálise

Para Soler (2002), na psicanálise existem vários termos que são usados no lugar de sujeito. Freud usou, por exemplo, o termo inconsciente. Por sua vez, o sujeito que Lacan introduziu na psicanálise vem da filosofia. Para ele, o sujeito da psicanálise é o sujeito cartesiano, correlato da ciência. No que se refere a este sujeito, diz Soler, Lacan tem um postulado básico: "o que é tratado na psicanálise deve ser homogêneo ao instrumento para tratá-lo" (SOLER, 2002: p. 12). O que este postulado indica é que o sujeito na psicanálise "é definido pela sua dependência daquilo que se articula" (SOLER, 2002: p. 12).

Disso se infere que o sujeito é o suposto do que se articula, e o que se articula primeiramente em psicanálise é a fala. Logo, o sujeito é o suposto da fala. Para Lacan, lembra Soler, o que se articula no campo da psicanálise é dado como "estrutura de linguagem mobilizada na palavra" (SOLER, 2002: p. 12).

Contudo, no que se refere ao sujeito de Descartes, há um problema. Na filosofia de Descartes, o “Eu sou” é um *Solus ipse*, ou seja, ele não tem um semelhante, não tem próximo, ele é um sujeito instituído em sua solidão. O problema é que a fala já implica o outro, quer dizer, implica que este eu que fala não é sem o outro que ouve. Não reconhecer isso seria o mesmo que reconhecer que o falante não precisa de um ouvinte para falar para ele. Na sua tese de mestrado, Vladinir Safatle afirma que na via da crítica antirealista de Lacan está a idéia de que a função da linguagem não é representar os dados naturais ou nos comunicar os sentidos pré-existentes à comunicação, mas, sua função é representar o sujeito como questão que evoca o outro. (SAFATLE, 1997: p. 126).

Do lado da psicanálise isso vai ter um grande peso para a definição do sujeito, pois uma das primeiras formas de divisão do sujeito, tal como Lacan constrói, deriva do fato de que o eu não é sem o outro. Sendo assim, ouvir o outro é a maneira de instituir o sujeito enquanto aquilo que a fala supõe, quer dizer, o sujeito é instituído toda vez que o ouvinte se dá à palavra daquele que fala.

Mas, ainda assim, há um impasse inerente a esta definição de sujeito suposto à fala. Claro, a psicanálise absolutiza a fala ao abordar o psicanalisante enquanto sujeito. Contudo, o impasse se dá porque cabe a pergunta sobre o que o sujeito é enquanto suposto à fala. Um primeiro passo a ser dado é que na psicanálise não é possível se contentar em responder à pergunta sobre o ser a partir da fórmula cartesiana. Isto significa que em psicanálise, à pergunta “o que sou?” não se pode responder cartesianamente dizendo “Sou uma coisa pensante”. Isso porque, para além de ser uma coisa que fala e que, no limite, pensa, o “eu sou” é uma coisa que porta um sintoma que o faz sofrer. Ademais, uma coisa que sofre pode fazê-lo sem falar. O sintoma prova que se sofre para além da fala e do pensamento.

Contudo, para que haja o tratamento, o discurso psicanalítico interroga a coisa que sofre como coisa que fala. O impasse reside aí justamente na medida em que é necessário saber o que este “eu” é na articulação da fala, bem como na articulação da cadeia significante. Assim, para se dar conta da fórmula sobre a homogeneidade entre o tratado e o seu instrumento de tratamento, pode-se dizer que o sujeito, enquanto suposto da fala, portanto, enquanto aquilo que um significante representa para outro significante, é a variável X no sentido matemático do termo, quer dizer, ele é um mistério, uma incógnita de uma equação. É enquanto suposto da fala que a instituição do sujeito terá como

correlato necessário a sua indeterminação. Isto significa que a cadeia significante representa o sujeito mediante a fala mas, esta representação ao mesmo tempo em que institui o sujeito, não diz quem ele é. De outro modo, se o significante é o que representa o sujeito ao mesmo tempo em que não diz o que ele é, então, a instituição deste sujeito passa a ser solidária da sua ignorância acerca de si mesmo. Ao analista, cabe instituir, através da retificação subjetiva, este sujeito para que ele, ao se dizer, desarticule as formações sintomáticas que o faz sofrer.

Quanto à questão da homogeneidade entre o que é tratado e o instrumento para tratá-lo, temos agora que, sendo a instituição do sujeito, enquanto aquilo que é tratado, ou seja, uma operação do discurso, onde este sujeito aparece como uma incógnita que porta um sintoma que o faz sofrer, é esta mesma operação de discurso, enquanto propriedade de fala do sujeito, que será focada e regrada ao ser tomada pela psicanálise como instrumento para tratá-lo.

Na psicanálise, a maneira de se destituir o eu (*je*) e instituir o sujeito lacaniano, se inicia com o próprio movimento de entrada em análise, o que não é o mesmo que apenas comparecer às sessões. Para entrar em análise, além de comparecer às sessões, o candidato a analisante deve produzir, através de sua fala, um movimento em sua relação com o saber que se denomina por retificação subjetiva, o que implica a aceitação e execução das regras analíticas dentre as quais vigora a regra fundamental que é a associação livre criada por Freud.

Embora existam muitas maneiras de o sujeito se expressar, Freud privilegia a via das palavras, que é o caminho aberto pelo registro do simbólico, por ser este o que melhor propicia a "investigação do ser". (LEITE, 2000: p. 206). Para Quinet, "na análise, só há lugar para um único sujeito, [este é o] sujeito do inconsciente que fala pela boca do analisante" (QUINET, 1991: p. 102). Ao analista cabe o dever de não competir por este lugar com o analisante.

A consequência necessária e imediata da prática das regras psicanalíticas é que ao falar tudo o que lhe vier à cabeça, o analisante coloca a sua subjetividade em evidência e se implica como sujeito em questão. Desse modo, o cumprimento da regra fundamental da psicanálise, que é a associação livre, permitirá que o analista tenha acesso ao universo simbólico e passe a observar de que maneira aquilo que o analisante diz está sobredeterminado.

Ao trilhar a via do simbólico, Lacan acreditava que o "processo dialético da fala" (LEITE, 2000: p. 206) seria o suficiente para que o sujeito pudesse alcançar a sua verdade singular enquanto constituído por suas "vivências, desejos

e fatos de sua história" (LEITE, 2000: p. 206). Nesta direção, a pretensão de Lacan era promover o surgimento total do sujeito. Mas, a sua prática clínica mostra-lhe a impossibilidade de o sujeito alcançar uma "postura existencial diante da morte" (LEITE, 2000: p. 206), o que inviabiliza o seu programa de completude, porque mesmo chegando-se ao limite do dizível, não se pode dizer tudo, inclusive, não se pode dizer o que é a morte.

Não sendo possível ao ser falante completar-se na fala, a via do simbólico leva a análise a um impasse. Este impasse é gerado porque sempre haverá um resto que fará obstáculo a esta completude. Este resto pode ser nomeado com a noção de *falta*, que é um dos nomes do real. Será por esta via, a via do real, que Lacan irá conceber a sua teoria do sujeito.

A proposta de leitura de um outro autor precisa ser também aqui considerada. Trata-se da leitura que Safatle faz da destituição subjetiva em seu livro *Paixão do Negativo*, especificamente no capítulo "A destituição subjetiva como protocolo de amor" (SAFATLE, 2005: p. 216).

Neste texto, o autor busca o esclarecimento de pontos obscuros concernentes ao problema do reconhecimento e suas implicações na clínica contidos nos escritos finais de Lacan. Por isso, escreve que o protocolo de reconhecimento e de subjetivação que Lacan passará a buscar a partir dos anos sessenta, deverá pensar a subjetividade não mais atada à "...falta própria do desejo puro mas, de construir um modo de subjetivação da opacidade do objeto, deste objeto não narcísico que se apresentará para além do quadro fantasmático de apreensão". (SAFATLE, 2005: p. 198).

Para Safatle, existe um quiasma que diz respeito a uma articulação central entre a destituição subjetiva e o destino do objeto no final da análise. O aprofundamento desta questão pode contribuir para a compreensão de alguns aspectos fundamentais sobre a teoria do sujeito em Lacan.

No final dos 50 e começo dos 60, a clínica lacaniana coloca alguns problemas que vão aparecer na sua experiência intelectual. Um destes problemas diz respeito "ao destino da categoria de objeto no final da análise" (SAFATLE, 2005: p. 198). Tal problematização permitirá fazer um esboço do que pode ser uma relação pós-analítica de objeto, uma fixação de objeto que nasce a partir da travessia do fantasma. Desse modo, a pergunta é: qual seria a relação ou fixação de objeto instituída pelo sujeito da destituição subjetiva do pós-análise?

A primeira resposta é que se trataria de um "estranho investimento

libidinal de um objeto que já não é mais suportado por estrutura fantasmática alguma" (SAFATLE, 2005: p. 199 e segs). Para compreender o de que se trata nesta configuração do objeto após a travessia do fantasma, Safatle recorre a alguns recursos pontuais da categoria de "sensível" que podem incidir como conceito organizador de certos aspectos da experiência clínica.

Para Safatle, a reflexão sobre o destino do objeto no interior da relação analítica sistematiza o debate em torno da operação da destituição subjetiva. A destituição subjetiva, termo que Lacan introduz para dar conta da dinâmica própria do ato analítico, da travessia do fantasma e do amor de transferência, não é o índice do abandono do conceito de sujeito psicanalítico. Ao contrário, a destituição subjetiva não se confunde com definições que dão o fim de análise como uma "imanência pré-reflexiva do ser", em que se abandona a categoria de sujeito e se privilegiam conceitos como *parletre* e *aparoie*, nos quais se hipostasiam a irreflexividade rumo a um plano de imanência não simbolizável. Tais leituras não são autorizadas pelo conceito lacaniano de destituição subjetiva. Na verdade, a destituição subjetiva em Lacan é solidária de um processo de radicalização que constitui a noção lacaniana de sujeito descentrado, que é a recusa em se aceitar um vínculo ontológico entre sujeito e princípio de identidade. Desse modo, a definição da destituição subjetiva enquanto objetivo vinculado à direção da cura seria justamente a consequência irreduzível da sustentação do conceito de sujeito descentrado.

Sobre o sujeito descentrado, Safatle argumenta lembrando que a psicanálise sempre criticou a idéia de uma categoria de sujeito transparente, quer dizer, que garante a transparência entre as funções intencionais, as representações mentais e a consciência. Como parte desta crítica, a psicanálise sempre entendeu a consciência como sinônimo de alienação. Lacan insiste que a alienação do sujeito é o resultado direto da sua submissão ao universo simbólico do significante, através do qual o sujeito só pode falar de si mediante um significante que o objetifica em uma linguagem reificada e que o faz esquecer sua subjetividade. Mas, a alienação não é completa. Antes, para Lacan, o sujeito é o *locus* de uma clivagem fundamental.

Assim, partindo de uma leitura de Lacan, ancorada nas filosofias M. Pontyana e *adorniana*, Safatle considera que a destituição subjetiva é a posição subjetiva sustentada "...por um sujeito que é capaz de reconhecer o alvo do amor no ponto de exílio do objeto em relação ao pensamento submetido às coordenadas

do fantasma" (SAFATLE, 2005: p. 216). Ao falar de amor, trilha-se o problema que se coloca desde Freud para os destinos da pulsão, a saber, sobre de qual posição subjetiva se investiria libidinalmente os objetos após o final da análise. Uma figura que responde a esta posição, ele entreve no primado da carne como paradigma da impessoalidade e da despersonalização.

Antes, é preciso distinguir o que Lacan entende por amor. A concepção lacaniana de amor é diferente daquela de cunho sócio-filosófico defendida por um Honneth, por exemplo. Para Axel Honneth o amor está atrelado a uma articulação sobre o processo de reconhecimento social, campo onde se abriria o espaço da promessa de reconhecimento mútuo ou intersubjetivo.

Assim, o amor na teoria de Honneth implica o reconhecimento recíproco onde a confirmação mútua dos sujeitos em prol de suas necessidades concretas aparece como representação primeira. Ao contrário desta perspectiva de Honneth, Lacan insiste em outro ponto. Para Lacan, é preciso pensar em um tipo de amor que não mais apareça capturado pelo fantasma narcísico. De fato, a máxima lacaniana de que a relação sexual não existe aponta sobretudo para a idéia de que não é possível o encontro com o outro a partir da "lógica fantasmática narcísica".

Um tipo de amor que não se deixa aprisionar por tal lógica acaba por determinar a possibilidade de se escolher os objetos justo quando o sujeito tiver a capacidade "de se reconhecer naquilo que, no outro, aparece como algo da ordem da opacidade dos objetos" (SAFATLE, 2005: p. 216- 217).

Fora da identificação narcísica ao outro, o amor agora é capaz de promover um tipo de reconhecimento diferente; este novo tipo de reconhecimento se dá num ponto de exílio do objeto, ponto em que a opacidade do objeto é preservada justo para priorizar o seu caráter de exterioridade não assimilável a qualquer tentativa de adequação pelo instrumental fantasmático.

Vê-se que, ao amor que implica numa "simbiose refratada pela individualização mútua" (SAFATLE, 2005: p. 216), tal como descreve Honneth, um amor que se denominaria como "relação sexual" elevada à unidade, ao UM, Lacan propõe, ao contrário, um amor onde "o sujeito encontra no outro a mesma opacidade que lhe permitirá constituir relações não narcísicas a si" (SAFATLE, 2005: p. 217).

Aqui, Safatle aponta para o que ele denomina por "quiasma". O "quiasma" é justamente a existência deste núcleo de opacidade dos objetos, que advém no lugar do reconhecimento mútuo. Esta opacidade, própria aos procedimentos de

auto-reflexão, "indica o estatuto problemático do corpo, do sexual e da verdade do inconsciente à apreensão subjetiva" (SAFATLE, 2005: p. 217).

E este estatuto problemático ou problematizador do termo "opacidade", ao indicar o caráter de impessoalidade dos sujeitos, quiasma que aparece como ponto de partida ou de apoio para aquela auto-reflexão não narcísica a si, é o que permitirá a Safatle compreender que o "advento do vocabulário da carne no contexto das relações amorosas, [esta carne que é sempre] abertura a este anonimato inato de mim mesmo" (SAFATLE, 2005: p. 217)

Neste contexto, a carne, ao marcar a opacidade dos sujeitos, pois pré-existente ao eu que é antes de tudo a imagem do corpo próprio e, para além da imagem narcísica do outro, pois bem, a carne é o que abre as portas para a possibilidade de uma experiência de reconhecimento do outro no limiar da despersonalização.

Está claro, portanto, que Lacan busca engendrar uma racionalidade própria à destituição subjetiva sem abrir mão do advento do outro. Na relação de sujeito a sujeito, ao contrário, tenta preservar o amor para além da relação narcísica, um amor que seria capaz de "reconhecer meu desejo no ponto de despersonalização do outro ... ponto no qual o outro revela este núcleo de objeto que constitui todo sujeito" (SAFATLE, 2005: p. 217). É essa relação não narcísica de sujeito a sujeito que permite a conclusão de que a "reflexividade desse processo faz que o resultado de tal amor seja aquilo que, em uma relação subjetiva, chamaríamos de 'destituição subjetiva'" (SAFATLE, 2005: p. 217), amor que encontra seu alvo na opacidade do objeto, na despersonalização do outro.

Uma perspectiva que se abre aqui é a de saber como neste limite de despersonalização dos sujeitos a destituição subjetiva engendra a união do desejo com a Lei, ponto crucial para se entender como se dá a eticidade do sujeito cujo desejo é o do analista.

Assim como os outros comentadores de Lacan que já citamos acima, Safatle lança luz sobre o nosso tema observando que Lacan, ao tentar dar a última palavra sobre a formalização do final de análise, compreenderia a destituição subjetiva como resolução do amor de transferência. Desse modo, a *equação geral* que Safatle estabelece para definir o de que se trata na destituição subjetiva é a seguinte:

Destituição subjetiva é aquilo que ocorre quando o sujeito se reconhece na opacidade de um objeto pulsional que o constitui ao mesmo tempo que lhe escapa, opacidade que

Lacan indica toda vez que fala do advento do objeto *a* em sua condição de resto, ou seja, na condição daquilo que é desprovido de valor do ponto de vista da sua conformação com o fantasma (SAFATLE, 2005: p. 217).

Quanto à questão do amor de transferência e de sua resolução no final de análise, Safatle cita Lacan para afirmar que a destituição subjetiva acontece quando ocorre "a queda do sujeito suposto saber e sua redução ao aparecimento deste objeto *a*, como causa da divisão do sujeito que vem no seu lugar" (LACAN, 1968 *apud* SAFATLE, 2005: p. 217-218). Em decorrência da queda do sujeito enquanto suporte de saber, é o esvaziamento do próprio Outro que se dá; este já não mais aparece "na posição fantasmática de sujeito suposto saber na transferência. [Agora, é o outro que advém enquanto] objeto inerte vinculado ao Real" (SAFATLE, 2005: p. 218)

O Outro, enquanto ocupante da posição fantasmática de sujeito suposto saber na transferência, sujeito que detém o saber sobre o gozo, saber pensado como a capacidade de nomear de forma positiva para fornecer o objeto adequado ao gozo, pois bem, este Outro não mais aparecerá.

Partindo da via que indica que a opacidade do sujeito reduzido à sua dimensão de objeto vinculado ao Real, portanto, de resto ou objeto *a* que se afirma enquanto negatividade que não se conforma às coordenadas do fantasma, Safatle avança agora afirmando que o analista ao aparecer e agir como este objeto não incorre numa irreflexividade mas, ao contrário e ao mesmo tempo, que ao agir assim o analista opera a partir de um desejo que não é puro.

Esta afirmação pode parecer contraditória já que ao escapar da diagramação do fantasma, o sujeito, enquanto objeto opaco e negativo, poderia facilmente ser admitido como puro desejante. Mas, o que ocorre é que o analista e seu ato, ou seja, o ato analítico, que é operado por este objeto, "é consequência direta da defesa de que o desejo do analista não é um desejo puro" (SAFATLE, 2005: p. 218. Portanto, o ato analítico não opera a partir de um desejo puro. É claro que isto não significa que o desejo voltou a ser submetido e regido pelas coordenadas do fantasma. Por outro lado, nada mais sensato conceder, mesmo que aparentemente seja contraditório, que o desejo do analista se vincula aos objetos empíricos do mundo, afinal vimos desde o começo que Lacan não pode prescindir da relação de objeto no interior do laço social. Se incorremos num impasse ao dizer que o desejo do analista não é puro, então, é preciso estabelecer em que

termos é possível se dar a nova relação de objeto, relação esta em que o sujeito não mais está submetido às coordenadas do fantasma, modo pelo qual se aplica dizer, segundo Safatle, que se trata de destituição subjetiva.

Na verdade, o desejo do analista não se coloca no ponto de indiferença em relação à cadeia ou série dos objetos empíricos. Para Safatle, o desejo do analista é kantianamente patológico, quer dizer, é desejo que se abre ao objeto. Neste sentido, "este desejo ao qual o desejo do analista está vinculado e que agora guia o seu ato não é mais objeto preso ao fantasma" (SAFATLE, 2005: p. 218). Contudo, para Safatle, com Lacan, é possível uma espécie de vinculação aos objetos ao mesmo tempo em que não se está preso às coordenadas do fantasma. Este modo de vínculo é consequência direta da obtenção do quiasma, quer dizer, da opacidade do objeto após a queda do sujeito suposto saber. Mas, este tipo de vínculo, onde o objeto se exterioriza ao fantasma, vai requerer do sujeito um novo realinhamento na sua posição subjetiva, o que exigirá que seja capaz de "sustentar o investimento libidinal em um objeto posto nessas condições" (SAFATLE, 2005: p. 218).

O que a queda do sujeito que suportava o saber revela posteriormente é que o amor inicial da análise, amor de transferência, não era, na verdade, suportado apenas por uma promessa de saber sobre o gozo. De fato, havia também a promessa de encontro de um objeto que não se submetia ao fantasma, o objeto a.

Para Safatle, mais uma vez, faz-se necessário falar em destituição subjetiva quando se tratar "de um reconhecimento reflexivo do sujeito no que aparece no outro como não submetido ao fantasma" (SAFATLE, 2005: p. 218).

Mas, porque é, então, que Lacan cria este novo termo para falar do final de análise? Afinal, para falar do que acontece após a travessia do fantasma ele já tinha o termo "des-ser", "queda do sujeito suposto saber", "objeto a", "resto", "dejeito" e " $-\phi$ ". Não era preciso a criação do termo destituição subjetiva apenas para sintetizar o que ele já havia concebido até então. Estaria Lacan, com este termo, querendo introduzir uma novidade àquilo que por si só já era reorganizador na sua maneira de pensar o final de análise?

Lacan não abandona a categoria de sujeito. Falar de destituição subjetiva é falar de um sujeito, ainda que destituído mas, de um sujeito. Mas, afinal, de que um sujeito pode ser destituído se, de fato, ele é suporte vazio de todo o posto? O que se deu a entender até agora é que ele é destituído da ilusão do fantasma.

Toda a ênfase deve ser posta aqui sobre a palavra “destituído”. Isto para se perguntar: de que, por que, para que?

Assim, ainda quanto à questão de se saber se a destituição subjetiva é inovadora ou não, cabe perguntar se Lacan quer introduzir uma idéia nova ou, para se evitar equívocos quanto à função do analista da escola, quer apenas sintetizar o que já havia dito com outros conceitos anteriormente.

Para Safatle, como se trata de um sujeito, a destituição remete à capacidade de se formalizar "experiências de não identidade" (SAFATLE, 2005: p. 219). Assim, a reflexão de Safatle sobre o destino do objeto na destituição subjetiva, leva-o a admitir que a "confrontação com a experiência da carne no interior de uma relação amorosa nos permite pensar como um sujeito é capaz de por-se em uma relação que não submeta o não idêntico à síntese fantasmática do UM" (SAFATLE, 2005: p. 219).

Para o sujeito, estar numa relação cuja primazia seja não submeter o não idêntico à síntese fantasmática do UM, indica uma posição que permite pensarmos em uma relação objetal que após a travessia do fantasma mostra a configuração do que está em questão "na confrontação com o desejo do analista no final da análise" (SAFATLE, 2005: p. 219).

Aqui, o primado da carne, como paradigma do impessoal é fundamental para se entender porque para Safatle, a partir de seu entendimento de Adorno, a ação só é verdadeiramente humana quando os homens não se colocam e não agem mais como pessoas mas, "como um Si que seria desprovido de eu" (SAFATLE, 2005: p. 219).

Para Safatle:

Os homens só são humanos quando eles se reconhecem naquilo que não tem os contornos auto-idênticos de um eu. Pois só há um sujeito lá onde há a possibilidade de reconhecer uma experiência interna de não-identidade. Uma experiência cujo espaço privilegiado de reconhecimento não parece mais ser a relação intersubjetiva da consciência de si, mas a confrontação traumática entre sujeito e objeto (SAFATLE, 2005: p. 220).

3.3. Destituição Subjetiva e Final do Tratamento Psicanalítico

Para Soler, existe ainda uma outra definição para sujeito instituído em psicanálise enquanto solidário da fórmula lacaniana que o define enquanto representado na cadeia significante. Para ela, a manifestação maior do sujeito instituído na cadeia de associações, portanto, na cadeia significante que o paciente trás como fala, é o "corte" (SOLER, 2002: p. 14). O sujeito da psicanálise nunca está tão instituído como no momento do corte, que é o momento em que se dá a ruptura da cadeia significante. O sujeito da psicanálise é o efeito deste corte.

O nome freudiano do sujeito instituído é “inconsciente”. Para Freud, o inconsciente é algo que se mostra de forma pulsante. Algo que aparece e desaparece "nos tropeços, nos cortes, nos hiatos, tanto da fala quanto da conduta ou dos atos" (SOLER, 2002: p. 14). Uma singularidade deste sujeito é que ao aparecer no ato falho, ele destitui o eu (je) que o discurso comum instituiu. Atenta a isto, a análise introduz uma retificação subjetiva que reside em manter o sujeito da psicanálise instituído no corte que operou a destituição do eu do discurso comum. É o que faz a análise em seu início quando a retificação subjetiva destitui o *je* para convertê-lo em \$ (sujeito barrado). Em seguida, o que ela faz é interpretar o eu (je) egoificado, que é o resultado da sutura operada pelo discurso a que pertence.

A conversão do je, que é o sujeito suturado, assegurado do seu fantasma, em sujeito barrado, que é o sujeito instituído em forma de questão, coloca-o em um estado de “pode ser”, ou seja, ele oscila entre uma perda e uma espera: por um lado, a perda de uma segurança que era garantida pelo je. Por outro, a espera de uma outra segurança que poderá vir a ser garantida, no limite, pelo fim da análise. Desse modo, ele não é nem um “eu sou” e nem um “eu não sou”, ou seja, ele passa a permanecer numa espécie de umbral da indeterminação.

Em 1964, Lacan declara que para se colocar a psicanálise em pé era preciso ir além do inconsciente freudiano. Isto porque, em Freud, o sujeito neurótico adora manter-se no impasse gerado por sua indeterminação, ou seja, por ser um X. Lacan diz que é preciso ir além do inconsciente freudiano porque este não conclui. Isto significa que existe uma espécie de *indeterminação interminável* do sujeito, deste sujeito que não conclui, quer dizer, que não leva a análise a um final e que se mantém retido no seu limiar, dito por Freud como “rochedo da castração” que é, no fundo, um impasse gerado por este impossível do simbólico.

De acordo com Lacan, existem três vias para a análise: a via do imaginário, a via do simbólico e a via do Real (LEITE, 2000: p. 208). Sendo a via imaginária descartada por ser dependente do simbólico este, por sua vez, incorre num impasse por não ser acessível ao ser falante que ele se complete mediante a fala. Isto significa que não sendo possível ao falante completar a sua subjetividade pela via do simbólico, pois a morte não é subjetivável, resta, para a direção da análise, a terceira via que é a via do Real. A via do Real foi a resposta que Lacan encontrou, a partir dos anos sessenta, "para solucionar o impasse gerado pela impossibilidade do sujeito subjetivar a falta" (LEITE, 2000: p. 208) através do simbólico.

Para Lacan, uma vez que o inconsciente freudiano não conclui e que, quanto mais ele é interpretado, via simbólico, mais ele se confirma como inconsciente, o problema está em fazer chegar o sujeito da certeza. Dado que se o sujeito é o X da cadeia, ou seja, é o -1 que a análise, ao invés de liquidar, na via oposta, confirma, então a questão toda está em como se sair da circularidade da indeterminação interminável para concluir.

Para dar o salto do tigre e buscar uma saída diante deste impasse, a proposta será produzir o que em psicanálise pode ser nomeado como efeito de castração. Este efeito de castração é uma "grande significação que pode declinar-se como falta de ser, falta de saber e falta de gozo" (SOLER, 2002: p. 15). Safatle (2002) afirma que para Lacan o sujeito é a falta-a-ser na sua relação com o desejo: "...o desejo é uma relação de ser à falta. Esta falta é falta-de-ser propriamente dita. Não é falta disto ou daquilo mas falta de ser através do qual o ser existe" (SAFATLE, 2002: p. 193-194).

Quanto a este aspecto da análise, a verificação que acontece no passe leva em consideração esse impasse na elaboração. Todo o peso e a lógica do passe esta em levar em conta a maneira como o sujeito elabora o impasse da indeterminação interminável. Esta elaboração é, ao mesmo tempo, a resposta e a saída que o passe verifica.

Diante do exposto, pode-se dizer que o sujeito, na análise, vai desde a sua instituição enquanto incógnito ou corte até a sua destituição enquanto sujeito que elabora e aceita a perda da indeterminação interminável através do efeito de castração e conclui. Para Leite (2000), ao impasse gerado pelo impossível do simbólico, Lacan propõe uma solução que se daria pela via do Real, e que implicaria numa "dessubjetivação". A esta dessubjetivação, segundo Leite, Lacan

teria dado o nome de "destituição subjetiva". Dentro deste regime, para Lacan a destituição subjetiva seria o equivalente da travessia da fantasia, sendo a fantasia aquilo que faz com que o sujeito creia que a subjetivação total seja possível.

Através do matema $\$ \langle \rangle a$, Lacan dá a escritura da fantasia. Nesta escritura, o sujeito (\$) está em relação ($\langle \rangle$) com o objeto a. Nesta relação, o sujeito tem a ilusão de que estaria completo. O que a análise faz é produzir a disjunção dos mecanismos que causam a "completude ilusória do sujeito" (LEITE, 2000: p. 209). O fim da análise é, então, "o resultado de uma experiência de saber (LEITE, 2000: p. 209), de um trabalho significativo que, para além deste, finaliza com a assimilação e a assunção da falta em ser, consequência da "disjunção do sujeito com este objeto que o completa".(LEITE, 2000: p. 209). E este é o passo a frente que Lacan dá em relação ao inconsciente freudiano. É possível entender esta perda da indeterminação através da perspectiva da estrutura.

Na análise, a razão de estrutura apresenta as características de que além de o sujeito ser um princípio lógico de inconsistência e incompletude, ele também apresenta, em ato, a dimensão do princípio de constância. Esse princípio, refere-se ao que o sujeito diz, ou seja, mesmo sendo indeterminado na cadeia significativa, o sujeito diz sempre a mesma coisa. No fiar das suas associações, o que ele revela é que ele funciona como se fosse um disco singular que gira e que volta sempre sobre as mesmas pegadas, trilhando sempre os mesmos sulcos como se estes estivessem imantados ou magnetizados. O princípio de constância supõe que o sujeito realiza uma aderência ao disco enquanto ato de fala circular, onde esta aderência é o que faz o sujeito gozar.

O princípio de constância supõe também que além de se manter como sujeito cativo e que goza ao dizer coisas no decorrer da análise, ele também se mantém cativo e goza ao se instalar no limiar da análise enquanto sujeito da indeterminação interminável. Retido no princípio de constância, o sujeito da indeterminação interminável goza de seu inconsciente, ou seja, ele goza de um "eu sei" do mesmo modo que gozava de um "eu não sei".

Vimos que o sujeito instituído da retificação subjetiva destitui o je através de um efeito de corte. Vimos também que o sujeito que se coloca em questão chega, no limiar da análise, a um ponto de impasse que denomina "indeterminação interminável". Agora, para se sair deste ponto de impasse, o sujeito da destituição subjetiva é aquele que "ganha uma certa percepção dessa satisfação que o amarra à sua história" (SOLER, 2002: p. 16). Diante disso, ocorre

um efeito de castração que supõe uma perda, uma perda que destitui o sujeito do -1 , que é o sujeito da indeterminação interminável e institui um sujeito que opera um corte, pois ele encontrou um consentimento ao limite, ou seja, "àquilo que se é enquanto limitado" (SOLER, 2002: p. 17).

Mas, há um problema. O sujeito que adquire uma certa percepção histórica de sua satisfação, o sujeito que fez advir o "é isso" no lugar do que antes era "o que é isso?", ainda assim é um sujeito que goza, pois o "é isso" está do lado do gozo. Para resolver este problema, será preciso um sujeito do "eu não quero saber daquilo que eu sou como gozo" (SOLER, 2002: p. 17).

Esse nada querer saber sobre o que se é como gozo implica uma mudança de lugar por parte do sujeito. A esta mudança de lugar é que se pode dar o nome de destituição subjetiva. Lacan cria o objeto a justamente para designar o que advém no lugar do sujeito como gozo. E o que advém no lugar do sujeito como gozo é o resultado de uma ultrapassagem que ao mesmo tempo em que implica uma perda, implica também um benefício, um benefício epistêmico, pois o sujeito sabe algo que é o efeito de certeza que o acompanha. É possível escrever o matema da destituição subjetiva: $a / \$$, onde o objeto a aparece no lugar do $\$$ enquanto sujeito indeterminado. De outro modo, temos que a destituição subjetiva é a destituição do ser objetual ou ser de gozo pelo objeto a .

Diante dos três estados do sujeito estabelecidos até agora, que são: o sujeito suturado, o sujeito indeterminado e o sujeito destituído, cabe observar que o sujeito da indeterminação ainda mantém uma relação objetual que é fonte de gozo. Só o advento do objeto a produz um efeito de certeza que condiz com um nada querer saber sobre o que se é como gozo. Cabe observar também, que o sujeito destituído se dá em um momento e, enquanto tal, ele não é o sujeito da falta-a-ser, antes, ele faz ser. No texto *Discurso na escola freudiana de Paris*, Lacan esclarece que a destituição subjetiva é um efeito de ser. Para Soler, no que se refere a este efeito de ser, diz ela que se trata de "um efeito homólogo a uma identificação, na medida em que leva o sujeito a sua identidade de gozo, ressaltando-se que não se trata de uma identificação pelo significante" (SOLER, 2002: p. 17).

A identificação ao sintoma é uma maneira que Lacan propôs para nomear o efeito de destituição que o sujeito obtém ao se reconhecer nas suas modalidades de satisfação. Isto significa que, no final, não advém um sujeito sem fixações de gozo. Ao contrário, a identificação ao sintoma implica justamente a idéia de que o

sujeito possa reconhecer as suas modalidades de satisfação com as quais consente por serem estas verificadas por ele como irreduzíveis e singulares.

Assim, a posição do sujeito no fim da análise consiste em "estabelecer um acordo com o seu sintoma (LEITE, 2000: p. 210), acordo este que não se esgota num compromisso conformista, pois trata-se, agora, da assunção de sua incompletude que implica, inclusive, que ele não mais se iludirá com a idéia de uma completude futura.

Desse modo, a destituição subjetiva corresponde à queda daqueles significantes mestres que representavam o sujeito, "significantes da identificação ideal advindos do Outro [I(A)]" (LEITE, 2002: p. 213). Corresponde também ao "advento do ser" (QUINET, 1991: p. 102) dado o fato de que o sujeito sendo falta a ser, o seu ser apareceria, no final da análise, em $-\phi$ ou em a .

Isto significa que, por ser, o sujeito, falta a ter e falta a ser, é em $(-\phi)$ ou em (a) que, no final, aparece o seu ser. Quanto a este ser, trata-se do "ser do agálma do sujeito suposto saber" (QUINET, 1991: p. 103). A ele cabe a função de "arrematar o processo do psicanalisante em destituição subjetiva" (QUINET, 1991: p. 103). Por isso, a destituição é, também, destituição do sujeito suposto saber. O sujeito suposto saber é o pivô da transferência. A destituição subjetiva é o que promove a "dissipação do amor transferencial, [fazendo com que o analista perca a] causa da transferência: agálma" (QUINET, 1991: p. 103).

Para Soler, do que foi exposto até agora, é possível extrair uma definição geral de destituição subjetiva: "há destituição subjetiva cada vez que o sujeito é determinado como objeto" (SOLER, 2002: p. 18).

Para se entender o que esta frase significa no que se refere ao final de análise, onde o de que se trata é de ser determinado como objeto a , é necessário abordar o objeto a em seu duplo aspecto. O primeiro aspecto é expresso por Lacan como ludológico. O segundo aspecto é o substancial.

O aspecto ludológico do objeto a refere-se a que ele não possui uma única definição. Desse modo, ele cinge diversos aspectos da experiência, o efeito castração, por exemplo. Sob este prisma, o objeto a pode ser tomado como aquilo que marca a certeza dos limites da estrutura, uma vez que pode designar, no final e no passe, aquilo que na Proposição Lacan chama de "saber vão de um ser que se furta" (LACAN, 2003: p. 260).

Por sua vez, o aspecto substancial do objeto a diz respeito a que aquilo que embora não possa ser dito nem por isso deixa de ter substancia ou corpo.

Feito corpo, ou seja, determinado como corpo pelo Outro, o objeto a participa do gozo. Isto implica que sendo o Outro o lugar da cadeia significativa que constitui o sujeito enquanto *moi-je*, neste Outro jaz algo que comanda este *je*, que o ultrapassa, que o leva e o torna cativo de um gozo, de um desejo que, ao mesmo tempo em que insiste o apaga, o que faz com que este sujeito se torne destituído.

Por isso, o masoquista de Sacher Von Masoch é um blefe. Ele pretende oferecer-se como objeto mas, pretende também, estabelecer com o seu carrasco um contrato para definir o objeto que vai ser. É óbvio que isso não é destituição, antes, é uma estratégia antidestituição, pois coloca o sujeito na posição de agente ou sujeito-mestre de todo o cenário. Deste modo, ele não consente em nada, ao contrário, domina e controla. O sujeito destituído está nos antípodas desta posição, uma vez que não controla e não domina a situação.

Seja como for, masoquista ou não, vê-se que o sujeito da destituição subjetiva coloca-se numa posição aparentemente pouco confortável para não dizer paradoxal, pois mesmo não se tratando de masoquismo trata-se de estar num lugar de aparente submissão. Portanto, quanto a esta destituição, como Lacan concebe o seu estatuto de cura? A resposta é que para Lacan, a destituição subjetiva é "a única saída lógica da análise" (SOLER, 2002: p. 18).

Sendo a destituição subjetiva também a destituição do sujeito suposto saber, cujos efeitos incidem na transferência, tem-se que a teoria do fim de análise supõe uma lógica "segundo a qual no fim da análise termina aquilo que a faz possível no começo, que foi a instalação da transferência" (LEITE, 2000: p. 214). A entrada na análise possui um algoritmo lógico que é o algoritmo do sujeito suposto saber. A saída lógica implica, portanto, que deve haver um algoritmo da saída. O algoritmo lógico da saída da análise pela destituição subjetiva é: $a / \$$.

Ainda segundo esta lógica, no final da análise, onde se dá por concluída a travessia da fantasia, o sujeito vê soçobrar a segurança que a fantasia lhe garantia. A travessia da fantasia corresponde à simbolização fálica e ao "gozo não simbolizável do objeto a" (LEITE, 2000: p. 214). Sendo a fantasia o que permite ao sujeito ver-se ou crer-se um inteiro, a travessia da fantasia é, então, uma passagem que culmina com o fato de que o sujeito não encontra mais a sua unidade no significante. Localizado na transferência no lugar de objeto a, o sujeito dá uma solução ao X do desejo do Outro. Neste lugar da equação, o sujeito encontra o seu ser fora de uma identificação ao significante, que provinha de uma "unidade ilusória" (LEITE, 2000: p. 214). Seu ser, agora, é instituído pelo objeto

a. "O que está em jogo, então, no final da análise é que o sujeito se reconheça como objeto" (LEITE, 2000: p. 214).

É a este X que o psicanalista entrega o seu ser. Um X, cujo valor se anota com $-\phi$ que é a "hiância que se designa como função do falo ao isolá-la no complexo de castração, ou em (a) para aquilo que a obtura com o objeto que se reconhece sob a função aproximada da relação pré-genital" (LEITE, 2000: p. 214-215).

Uma psicanálise que chega a este ponto produz a desarticulação do agálma, o que pode ser escrito com o matema (a/ $-\phi$). Esta desarticulação produz, então, um efeito de ruptura, de desencantamento, enfim, de desmoronamento da transferência. (LEITE, 2000: p. 215).

A destituição subjetiva que ocorre com o analisante, no final, tem um correlato de ser. Este correlato de ser do analisante corresponde no analista a um efeito de desser. O advento do desser do analista ocorre quando ele é deixado, "largado como resto pelo analisante" (LEITE, 2000: p. 215). Como no final o analista passa a ser um rebotalho, isto implica que ele tem que vir a ser dejetado. "O analista perde o valor de objeto precioso de maravilhamento para adquirir o valor de dejetado, rebotalho do processo analítico" (QUINET, 1991: p. 103).

Quanto à questão da saída lógica da análise, seguindo os passos de Lacan na Proposição, observamos que se trata de uma equação que, por ser dada como estrutura algorítmica de transferência que se desdobra, no final, em uma solução de equação, ela permite perceber que a saída pela destituição é necessária, ou seja, não contingente. Se no início temos um X como indeterminação do sujeito, na saída pela destituição teremos, necessariamente e a partir de uma solução derivada de uma equação lógica na transferência, o valor possível deste X.

A condição de necessidade da saída lógica da destituição subjetiva implica que ela é programada. Contudo, por ser programada, não se deve entender que ela pode ou deve acontecer em todos os casos, o que não nos dispensa de perguntar se em cada caso se produziu ou não e, muito menos, nos dispensa de procurarmos seus índices de ocorrência. Em se tratando de sua necessidade lógica, ela pode muito bem não se produzir assim como qualquer equação pode nunca ser resolvida. Pode não acontecer porque a análise não depende única e exclusivamente desta necessidade. Ela depende também, e não prescinde, de um elemento que é não programável. Trata-se do elemento da ética pura. "A estrutura tem seu programa, mas o que se realiza dentro da estrutura não é só estrutura."

(SOLER, 2002: p. 19)

Por não ser só estrutura, pode-se tomar esta dimensão pelo lado do afeto. Em 1972, Lacan formula que o afeto próprio e típico da destituição subjetiva pode ser nomeado com a expressão “maníaco-depressivamente”. Esta expressão indica o afeto típico que responde à estrutura na destituição subjetiva porque do lado depressivo há perda e, do lado maníaco, ganho.

No entanto, a posição ética do sujeito pode vir a fazer barra à destituição subjetiva. Isso significa que pode haver por parte do sujeito uma recusa a se experimentar e se saber como objeto de algo que mesmo sendo você, o ultrapassa.

Desse modo, é possível ensaiar uma fórmula da destituição subjetiva enquanto paródia à fórmula freudiana do “lá onde isso estava eu devo advir”. Esta paródia pode ser dada colocando-se no lugar do “eu devo advir” da segunda parte da frase de Freud a expressão “eu sou destituído”, o que a deixaria com o seguinte sentido: “lá onde isso estava eu devo ‘me fazer’ ser, eu devo suportar ser” (SOLER, 2002: p. 20).

Suportar este ponto da destituição subjetiva no pó-análise depende da ética do sujeito; não são todos que conseguem fazê-lo. O uso que os sujeitos fazem da destituição pode conduzi-los a um ponto de inércia do tipo “assim eu sou, assim eu fico”, nada querendo saber de uma ética de analisando que Lacan formulou enquanto destituição do passe e do pós-passe. A importância da questão ética do analisando reside no fato de que dela depende a não repetição mortificante da teoria psicanalítica. Quanto aos usos inertes da destituição subjetiva, na *Carta aos italianos* de 1974, Lacan estigmatizou ao menos dois casos: há o trabalhador do nome próprio, e há o grande preguiçoso. Ambas as soluções não valem grande coisa para a psicanálise.

3.4. Jacques Maast e Ernst Junger: contrastes e semelhanças na destituição subjetiva

Em *Discurso na Escola Freudiana de Paris*, Lacan afirma que O Guerreiro Aplicado de Jean Paulhan é a destituição subjetiva em seu efeito de ser salubre. A primeira pergunta que se coloca diante desta afirmação é se no caso do Guerreiro Aplicado se trata de uma destituição subjetiva como tantas outras que, mesmo em sua salubridade, acontecem quando os discursos do Outro submetem os sujeitos e os apagam. Em segundo, considerando que a palavra “salubre” remete à cura e, portanto, à enfermidade, tratar-se-ia, então, de uma salubridade que poderia ser considerada ou não como o equivalente à cura em psicanálise e, se a resposta for sim, ou seja, se se trata de cura decorrente da destituição subjetiva em psicanálise, então de que tipo é esta cura. Em terceiro lugar, saber se O Guerreiro Aplicado de Jean Paulhan agrega elementos que sejam ilustrativos desta cura.

Começo respondendo pela terceira. Por que o livro O Guerreiro Aplicado não poderia ser, como tantos outros são, um exemplo escolhido por Lacan para mostrar o que é a cura em psicanálise e, particularmente, o que é a cura enquanto destituição subjetiva? A questão é saber em que este livro é esta ilustração. À primeira pergunta, respondo dizendo que mesmo que o Outro da guerra exerça uma pressão esmagadora sobre Maast, este a recebe e a resolve de uma maneira bem diferente dos demais, e é esta diferença que, a meu ver, faz com que Maast não se reduza a um sujeito típico da bela época. A minha leitura é de que no texto *Discurso na escola freudiana de Paris*, Lacan remete o efeito de ser salubre à psicanálise porque diz que este efeito de ser não faz des-ser, antes ser singular e forte. Esta caracterização me parece contrastar com aquela do homem da bela época. Lacan evoca as figuras do publicitário e do futurista, típicas da bela época, para dizer um “mas”, ou seja, para dizer que o Guerreiro Aplicado, por contraste, não é este sujeito, embora viva na mesma época. Quando Lacan nos pede que imaginemos a mobilização que a guerra provoca intervindo no homem da bela época, é para melhor dizer que a intervenção da guerra pode até ser a mesma que é exercida sobre Jacques Maast mas, que este se mobiliza em um efeito de ser salubre singular e forte muito diferente daquele do homem da bela época. Esta é a minha leitura do texto, o que me impõe a tarefa de buscar um aprofundamento na compreensão do que Lacan queria dizer com “salubre”. A meu ver não se trata

apenas de um abandono sem desespero, de um entusiasmo, isto os “kamikases” de todas as épocas também fazem mas, de algo referente à estrutura e, de acordo com Lacan, se trata de livrar-se da infecção de todo ideal..

No artigo *Os discursos-tela*, Colette Soler afirma que Ernst Junger, em seu livro *A Guerra como experiência interior* nos apresenta com sua escrita o testemunho de sua resistência pessoal ao traumatismo. Resistência esta que se desdobra em uma forte vontade que se recusa a fechar os olhos, a ser vítima ou a se dobrar diante dos acontecimentos. Trata-se de uma decisão de ser onde nada o intimida, nem o Outro nem o real. Decisão esta que se dá como operação exemplar, que forja um novo discurso para uma transmutação do real, uma espécie de versão *salutar de um abandono assumido sem desespero, mesmo num mundo sem Deus*. (Soler, 1998/2004: p. 7) Caberia, portanto, perguntar se é Junger, e não, ou, também, assim como Paulhan, quem escreve sobre o efeito de ser salubre decorrente da destituição subjetiva. Mas, o mais importante está algumas linhas adiante no texto de Soler. A autora diz que Junger responde ao real postulando que a aniquilação em marcha da guerra de 14 -18 traz promessas de que as forças da procriação elaboram os prodígios do futuro. Em seguida vem a sentença: *Então pode colocar do lado das figuras do santo e do sábio a do guerreiro moderno, tão destituído e aplicado quanto o de Paulhan*. (Soler, 1998/2004: p. 7) A posição de Soler parece clara: tanto Junger quanto O Guerreiro Aplicado são exemplos de destituição subjetiva que acontecem fora da análise. Portanto, mesmo que de alguma forma salubre, e a posição de Soler, quanto ao Guerreiro Aplicado, é que este é salubre em seu entusiasmo de combatente, ambos são exemplos do que acontece com o sujeito destituído quando este está sob a pressão esmagadora do Outro, fora da análise.

Haveria-se que se concordar com o fato de que o guerreiro de Paulhan, Jacques Maast, é tão destituído e aplicado quanto o guerreiro moderno mas, seria do mesmo jeito? Se sim, teríamos que concordar com a hipótese de que Maast faz parte da Figura de seu tempo sendo, assim, mais um tipo dentro de uma série tal como os trabalhadores e os soldados que se dedicavam à elaboração dos prodígios do futuro ou, no outro extremo, como o santo, Saint-Denis em particular, cuja iconografia o representa como mártir já decaptado pelos romanos e que caminha em direção ao seu túmulo segurando a cabeça entre as próprias mãos. Teremos que ver se Maast se encaixa neste perfil ou se a sua subjetividade é de uma outra ordem. A questão toda aqui é saber se Jacques Maast, personagem principal do

livro de Paulhan, corresponde (é análogo) ao trabalhador-guerreiro decidido, figura maior do futurismo de Ernst Junger em seu realismo heróico (sendo assim, Maast não seria uma personagem que se opõe ao futurista e ao publicitário mas, mais um destes oportunistas), ou se ele pode ser tomado enquanto ilustração da destituição subjetiva em sua salubridade pós analítica. Se prevalecer a primeira hipótese, então, com o termo “salubridade”, Lacan estaria mais interpondo uma ironia ao comentário do que afirmando que Maast é sim um sujeito que passou pelo processo de análise e, conseqüentemente, dizendo que “salubridade” se refere a uma posição entusiasta fora da análise. Desse modo, não nos caberia outra saída senão entender o predicado “O guerreiro aplicado” de Paulhan, que é uma transformação do clichê “aluno aplicado” como índice, não de um engajamento num novo aprendizado, escola de vida e de renascimento, que o discurso analítico se propõe a trazer como formação, inclusive a de analista, para o seu aplicado analisante-analisado mas, de algo da ordem de um sacrifício e de mortificação de seu desejo em nome das insígnias dos ideais.

A objeção aqui poderia ser feita nos moldes de que Maast, enquanto ilustração da destituição subjetiva em seu efeito de ser salubre, em sua indiferença, não possui desejo algum e que, por isto mesmo, não o sustenta ao passo que Junger, ao contrário, mesmo sendo um futurista visionário, sustenta o seu desejo e faz face ao real. Mas, aqui, perguntamos, se Maast é, segundo Lacan, a partir da minha leitura do D.E.F.P, a ilustração do efeito de ser salubre do desejo do analista, então qual é este desejo? O que Lacan parece dizer (e isto serviria para verificarmos se Maast e Junger são iguais) é que Maast nos dá boas coordenadas para pensarmos como sustentar o desejo do analista naquilo que ele faz face à alteridade, ao laço social e, ao mesmo tempo em face do próprio sintoma. A minha estratégia de leitura é a de que Maast está no pós-analítico, portanto, trata-se de um fora da análise e de uma relação com o Outro diferenciado. No pós-analítico o sujeito ocupa uma posição outra face ao Outro que o esmaga. Sendo assim, não é só em um entusiasmo mais ou menos espontâneo que Maast é salubre. Concordo que sua salubridade é, como diz Soler, programada, ou seja, é fruto da análise. E Jacques Maast, o guerreiro aplicado, é a ilustração daquilo que o analista deve ser em sua salubridade, ou seja, na capacidade de suportar, como meio, o outro da transferência, que pode ser qualquer um já que agálma é um significante qualquer. No caso de Maast, configurou-se a guerra mas, poderia ser o amor, o casamento ou sq. Estes seriam

meios. Aí está o ponto em que o desejo do analista vem ser questionado em sua ética radical, se ela é capaz de suportar a transferência e de não se deter no desejo de ir além do sintoma.

Desse modo, partindo do pressuposto de que o livro *O Guerreiro Aplicado* é uma obra de arte e que, por isso, permitiria este tipo de exercício, se pensarmos que Maast seria hipoteticamente um sujeito que terminou a sua análise, poderíamos cogitar que a salubridade a que Lacan se refere é um termo que, tal como ele entende, nos dará a pista para responder a questão na via mesma de se poder refletir sobre o que seria para Lacan o ser após a análise. No seminário VIII, Lacan nos dá uma pista para se entender o que ele pensa sobre a “salubridade”. Adotarei esta definição de Lacan sobre o termo para seguir em frente com a minha tarefa de compreender o que possa ser o “efeito de ser salubre” de Maast.

Antes, precisarei analisar como Maast resolve a sua indiferença sem cair num domíngio da vida tal como os dois jogadores de xadrez persas do poema de Pessoa*, que em nada se abalam ao verem a sua cidade ser queimada pelos invasores. Chega a ser irônico o modo como Maast se refere ao contexto da guerra que está lutando. Ao se referir aos alemães que entoam um canto em solo francês, ele exclama: *-Ah!, pergunto, o que tem contra nós estes vizinhos aí da frente?* (Paulhan, 1930/1982: p.76). Nesta via, me caberia resolver o problema da hystoerização a que Lacan se refere em *A terceira enquanto* termo que delimita a participação histórica do sujeito analisado onde ele se colocaria como analisante.

Um outro desafio é o de saber se Maast e Junger se equivalem ou não, embora em muitos aspectos sejam semelhantes. Por exemplo, tanto Junger quanto Maast dão testemunhos de guerra informando sobre o entusiasmo que se sentia ao se aproximar da zona de combate. Aqui, se nos cabe pensar Maast como um trabalhador decidido, não é na mesma via de Junger. Este é um trabalhador decidido mas, na via da figura historicamente dada, no sentido de que compõe um particular dentro do universal, enquanto Maast busca a singularidade absoluta, portanto, fora do particular e do universal. O descentramento subjetivo é o que permite entender como se dá esta singularidade. Ao lado do tom de época a que se refere Lacan ao falar da *belle époque*, vê-se também, neste momento da história, uma glamourização da técnica, uma

Estetização da guerra e do sacrifício que na ocasião alguns ideólogos alemães promoviam, entre os quais

* Reis, Ricardo (Fernando Pessoa), Ouvi contar que outrora. Extraído em 17/09/2009. In: <www.academia.dexadres.com/2009/12/01/odes-de-ricardo-reis-fernando-pessoa/>.

se destacavam o escritor Ernst Junger e o filósofo Carl Schmitt. Se tratava do trabalhador soldado. Neste contexto, segundo o que entende Tomás Abraham, a guerra seria um novo modelo para a indústria, o soldado para o operário e o tanque para o trator. Os engenheiros, orientadores da vida tecnológica, seriam os operadores de uma transformação axiológica de largo alcance. A humanidade deixaria de ser apenas o reino do egoísmo compartilhado, da busca de benefícios próprios e do utilitarismo funcional. Também haveria uma nova irmandade: a confraria dos trabalhadores, cuja meta seria entregar-se à produção com a mesma generosidade que os soldados à guerra. A rigor, se tratava de uma aliança objetiva entre um romanticismo de corte pagão, os novos mundos da técnica e um anticapitalismo pequeno-burgues que também era um anticomunismo. (Gonzales, Reoyo e Alonzo, 2002: p.158).

Quanto a Maast, este não é uma figura decidida enquanto particularidade de um universal mas, uma singularidade. Lacan diz *singular e forte* ao se referir ao guerreiro de Paulhan, e não em qualquer direção mas, naquela que se refere ao que acontece ao sujeito após seu decaimento do Outro na análise. Por outro lado, é a própria Soler quem afirma que Junger responde ao real postulando que a aniquilação em marcha da guerra de 14-18 traz promessas de que as forças da procriação elaboram os prodígios do futuro. De fato, por traz do entusiasmo do trabalhador decidido de Junger existe uma forte ideologia ou demagogia fascista como afirma Walter Benjamin ao se referir à obra de Ernst Junger embora este sempre tenha se mantido distante do partido nazista por quem fora sondado. Desde 1933 ele é vigiado pela gestapo e pelo regime, o que o obrigou a se mudar para uma aldeia chamada Goslar. Assim, temos fortes argumentos para compreender que se ao lado do santo e do sábio o guerreiro aplicado de Paulhan sofre das destituições advindas dos discursos Outros, não é da mesma maneira que Maast, o guerreiro de Paulhan responde a eles. A sua posição subjetiva é outra, e toda a sua especificidade pode ser destacada quando nos aproximamos dela e a olhamos com a lente do discurso psicanalítico.

A filosofia de Junger está profundamente marcada pelos estudos de zoologia e botânica que fez após a sua participação na guerra de 1914, de onde a Alemanha saiu derrotada. Destes estudos, combinados com leituras distorcidas da filosofia nietzscheana, vai derivar a idéia de que as Figuras da natureza obedecem

às leis de unidade que, por sua vez, não obedecem às leis de causa-efeito. Ex.: existe na natureza forte predominância das cores amarelo-preto. Flores, insetos e toda uma variada gama de minerais etc. possuem essa combinação de cores. Transposta para o social, o princípio da predominância vai definir que é o trabalhador quem vai encarnar essa unidade que predomina sobre as outras e funda um domínio.

Seguindo esta linha ideológica, Ernst Junger vê o trabalhador enquanto combatente tal como o soldado. O trabalhador na metalúrgica e o soldado na guerra são dois exemplos da relação do homem com o metal. Esta relação mostra como o homem trava uma luta de morte ao desenvolver a técnica na produção de instrumentos ou de um domínio. Para Junger, baseado no conceito leibniziano de mônada, a figura é o que se refere aos modos de forças ou grandezas que mostram ao olhar que são capazes de conceber “que o mundo no seu conjunto pode ser compreendido segundo uma lei mais decisiva que a da causa-efeito, ainda que não se possa discernir a unidade mediante a qual esta compreensão é realizada”. (Cordeiro, 1994: p. 27 e segs.).

A despeito de Maast parecer não estar engajado na história de seu tempo, posição imperdoável visto pelo prisma da hystoerização, é de uma outra forma de estar na história que se trata em Maast. De que maneira o analista se engaja na história? Seu engajamento não acontece pela via de uma renúncia a estar com o outro dentro do discurso do mestre, mesmo quando este discurso se abate sobre ele? A semelhança entre Maast e Junger só vai até o ponto do entusiasmo ou há outros pontos a serem destacados? Na hystoerização, o sujeito se colocaria numa posição histórica dentro da história. Isto acontece a partir do momento em que ele verifica que não há Outro do Outro. Para Stella Jimenez,

Segundo Miller, aqui se trata de uma certa regressão em direção ao inconsciente transferencial. O sujeito volta para o campo do sentido, volta para o campo transferencial, mesmo que agora sob a forma de transferencia de trabalho. Lacan fala em historização e faz um jogo de palavras com histerização, ou seja, o sujeito volta a uma certa posição histórica, já que o sujeito deve mentir, histerizar-se para passar uma história, uma construção, com os pedaços do real esparsos em que esse sujeito se verificou durante a análise. (Jimenez, 2009: p. 1)

Para Junger, na modernidade, é a figura do trabalhador quem encarna esta lei e unidade. Desse modo, na política é preciso combater com a figura do trabalhador que é a mais decisiva de nossa época. É preciso combater com figuras, e não com conceitos, idéias ou fenômenos, afirma ele dentro do mais radical anti-materialismo e anti-idealismo e, também, anti-capitalismo. O trabalhador e o soldado são figuras contidas na história, que é a forma de fundo, uma figura-forma que contém as unidades, as figuras-unidades. O inimigo é o Estado burguês e a burguesia nascida com as luzes. Para Junger, o realismo heróico é o modo de se opor à ação da burguesia, combatendo para fazer avançar o niilismo europeu e mundial em que se transformou a história desde que passou a ser administrada pelos burgueses, isto porque sua forma de compreender e agenciar o trabalho e os trabalhadores não se exerce em prol de uma humanidade livre. Junger vê no realismo heróico do trabalhador decidido a figura da revolta que avança ativamente a linha do niilismo europeu e o empurra até o ponto em que se dará a ultrapassagem e superação do mesmo, resolvendo-se a história na libertação de toda a humanidade.

Ao conceber uma estetização da guerra, Junger afirma que o herói realista quer o niilismo porque quer fazê-lo avançar para finalmente superá-lo. Nesta luta, o seu entusiasmo e paixão pela morte o faz combater para que se avance ativamente a história. O herói realista quer o nada niilista. Ele avança ativamente a história deixando-se explodir pelos ares. É bastante conhecida a história de que os soldados alemães iam para as frentes de combate muito entusiasmados porque “liam” em Nietzsche os sinais de um messianismo utópico cuja realização na terra dependia dos atos corajosos destes bravos combatentes que, como diz Maast a certa altura, são alvo de todo tipo de proezas realizadas por seus chefes.

O herói realista de Junger ama a morte, isso porque ele sabe que é imortal. Ele pode morrer como elemento, como pessoa mas, se eterniza como esta figura determinada de sua época. Ele é capaz de se fazer ir pelos ares com enorme alegria porque vê nesse ato uma confirmação da ordem a que pertence. É o próprio Junger quem nos dá a imagem paroxística e compensatória que existe neste movimento. Junger serviu na guerra de 1914-1918 pelo lado alemão e foi ferido 14 vezes. Sobre um desses momentos decisivos ele nos diz no livro *Tempestade de aço*. Trata-se do momento do encontro com a morte:

Dessa vez não tinha jeito. No instante em que me senti atingido, compreendi que a bala tinha cortado a vida pela raiz...E

estranhamente, esse momento foi um dos raros que posso dizer terem sido realmente felizes. Entendi nesse segundo, como um raio, minha vida em sua estrutura mais secreta. Eu sentia uma surpresa incrível de que ela devesse terminar nesse lugar preciso, mas esta surpresa estava marcada por uma grande alegria. (Junger, 1932: p. 371).

Vale lembrar que Maast também vive uma espécie de sentimento de liberdade e alegria diante do encontro com a morte quando é ferido no dia 25/12/1914. mas, é mais ainda interessante observar o seu descontentamento por ter sido retirado da frente de batalha.

Toco o meu músculo; está coberto com o sangue que ainda jorra. Então começa a aparecer em mim um sentimento novo de liberdade. Surgem diante de mim milhares e milhares de idéias: me reconheço liberto, por elas, de todos os esforços, do tempo, destas terras. Alegria que me parece maior que toda uma existência. Na trincheira para onde me levaram – quem me levou? Não sei-, me sinto a principio decepcionado. Tudo acabou, a porta está fechada. (Paulhan, 1930/1982: p.85).

Poderíamos ver nesta ressalva o índice de que Maast também é um guerreiro decidido como Junger mas, ainda quero manter a convicção de que por se tratarem de dois guerreiros neles as coisas apenas superficialmente se tocam e parecem ser iguais, contudo, se distanciam quando fazemos as devidas distinções. É impressionante ver como os livros de guerra são bastante iguais. Posso citar, além de O Guerreiro Aplicado e Tempestades de aço, Nada de Novo no Front, de Erick Maria Remarque. (Remarque, Rio de Janeiro, 1981).

Contudo, vê-se que os sentimentos são os mesmos tanto em Maast quanto em Junger, ou quase os mesmos já que Maast se decepciona por ter sido retirado do front contra a sua vontade, o que demonstra o seu desejo de combater e, portanto, para isso, de ficar vivo e não de morrer. Basta ver o tom de decepção quando ele diz “a porta está fechada, tudo acabou” para se certificar de que ele queria continuar vivo e lutando ao invés de encontrar a liberdade na morte. Para ele tudo acaba não porque vai morrer mas, porque, ferido e evacuado, não poderá mais

voltar para o front. Definitivamente, Maast não é um kamikase.

Também cumpre dizer que a paixão heróica de Junger pela morte encerra uma erótica de cunho masoquista. O mesmo acontece com Maast mas, na direção de um engajamento enquanto aluno que busca na guerra, não o sinônimo da morte mas, o meio para um aprendizado onde ela será uma escola de vida e símbolo de renascimento, como explicita uma das últimas comparações do récit:

Um outro alemão teve as pernas partidas por um obus. Ele permanecia num canto, enrolado como um recém-nascido em um cobertor que se manchava de vermelho na parte inferior. (Paulhan, 1930/1982: p. 86-87).

O ponto a ser destacado é o de se perguntar se a experiência de Maast no interior da guerra é tão orgíaca quanto a de Junger. É no interior desta experiência que ele experimenta a volúpia da morte: *na experiência da morte há um paroxismo, um grau orgíaco, que Junger descreve em “O trabalhador”*. (Sônia, 1996: p. 54-66).

É de se perguntar também se Maast está sozinho na sua experiência diante da morte ou se ele se situa como Junger cuja experiência é ao mesmo tempo individual e coletiva. Maast está só.

Uma diferenciação entre Junger e Maast pode ser buscada no fato de que em Junger trata-se de um grande agenciamento de subjetividades, um programa que visa buscar os sujeitos no seu recôndito mais íntimo para recrutá-los a compor as fileiras do batalho coletivo social em que se tornou a massa civil trabalhadora dos centros urbanos e do campo. Aqui, combate-se em nome de ideologias que matam o desejo. Na atitude denominada por Junger como realismo heróico, a pessoa singular do soldado-trabalhador ao promover uma força ofensiva que não é realizável nem pelo materialismo nem pelo idealismo, voluntaria-se, ao mesmo tempo, para inserir-se e servir numa grande ordem hierárquica de figuras e poderes reais e físicos necessários. “Aqui a pessoa singular já não se manifesta, não se pode manifestar, enquanto indivíduo, mas enquanto tipo”. (Cordeiro, 1994: p. 35). Diante desta grande ordem, o sujeito singular torna-se um símile, um agente a partir do qual todo o peso, “a riqueza e o sentido de sua vida passa a depender da medida de sua participação na hierarquia e no combate das figuras”. (Cordeiro, 1994: p. 114).

Por outro lado, veremos como Maast, ao se engajar como Zuavo, encontra neste significante antes a inversão do fantasma do que a sua alienação a ele, seja ele individual ou coletivo.

Por sua vez, diz Junger, para que este recrutamento devido seja levado a cabo, é preciso uma educação. Neste ponto, mais uma vez, vê-se uma semelhança com Paulhan. Paulhan também pretende que seus recits estejam a serviço de uma educação onde a produção de um poder sobre o leitor provocaria um efeito e uma mudança repentina na sua cabeça e o transformaria parcial ou completamente. (Dieudonné, 2004: p. 201). Ao tentar estabelecer a função do récit dentro da arte literária, a pedagogia de Paulhan leva a uma metamorfose do leitor na via de instituí-lo num masoquismo que o coloca na direção de uma experiência que o desconcerta e o converte. Em Maast este masoquismo aparece como motor de um aprendizado na esteira da formação de sua consciência guerreira. Mas, esta consciência guerreira é apenas a configuração de um eu em sua função de compor um fantasma, um fantasma pós-analítico, e encaminhar o desejo, que não é propriamente o de ser um soldado. O eu, recordemos, *é só uma função, não uma essência*. (Dunker, 2006: pág. 111-124).

Lembremos que Maast abre o livro dizendo que parecia ser alguém que de fato não era. Nele, tudo é aparência e guarda de uma outra realidade. Para Maast, na via da máxima de Parny, tanto a guerra quanto o amor não são um fim em si mas, meios plenos de atrativos para a conquista de uma superação de si. De fato, Paulhan escreve três récits que compõem a trilogia Maast. São eles: “O Guerreiro Aplicado”, “O progresso no amor é bastante lento” e “A cura severa”. No primeiro livro, Maast pretende a superação de si tendo como meio a guerra. No segundo, o amor e, no terceiro, o casamento. Os três contam o caminho percorrido por Maast onde ele se deixa ultrapassar e levar pelo real ao qual se aplica. Desse modo, o que notamos é que Maast aceita estar nas situações mais para realizar uma passagem pelo outro e pelo Outro na busca de ultrapassar e transformar a si mesmo, ao mesmo tempo em que realiza um ato ético em relação ao outro e ao Outro, do que participar de qualquer tipo de nacionalismo ou idealismo que seja. Deste modo, ele realiza o que Lacan chama de salubre no Seminário VIII, que é realizar de modo simples o desejo no ato, o que exige por parte do sujeito a ultrapassagem da ilusão egóica de se pautar pelos ideais.

Por seu turno, Junger pretende uma educação que reedue o tipo de homem burguês, uma reeducação que consiste na destruição do trabalho de

educação que a era burguesa levou a cabo sobre os homens. Nesta via, o herói realista de Junger confere mais com o que apresenta Clausewitz na sua filosofia da guerra onde o soldado trabalhador está nas trincheiras a serviço do Estado para executar um trabalho, portanto, para efetivar um ato de violência cujo único objetivo é forçar o adversário a executar o nosso desejo. Tal como em Junger, em Clausewitz trata-se de uma filosofia escatológica e messiânica, cujo futurismo vê a figura do trabalhador enquanto instrumento racionalizado da política nacional. (Rapoport, 1979: p. 9 e segs.).

Nesta linha, temos que ao menos perguntar se não seria ingenuidade acreditar na idéia de que o efeito de ser próprio da destituição subjetiva em sua salubridade pertence ao modo de ser dos trabalhadores decididos na via de Junger ou de Clausewitz. Aqui, é importante que ouçamos uma vez mais o eco da voz de Lacan quando ele afirma que O guerreiro aplicado é a destituição subjetiva em sua salubridade, e a que distância ela nos leva com seu ensinamento. O ponto a que ele nos leva é o de estar curado da infecção do ideal.

O texto de Paulhan narra a transformação subjetiva pela qual Jacques Maast passa durante sua travessia da guerra de 1914-1918. Esta narrativa em primeira pessoa desvela um personagem que descreve a guerra e sua experiência dela sem, no entanto, referir-se ao contexto sócio-político em que ela se dá. Ao contrário, ele rechaça toda e qualquer alusão a este contexto, sobretudo, nas vias de um particularismo crítico ou queixoso. Este detalhe é um diferenciador na comparação entre o soldado de Junger e Maast. Se lermos um outro romance que fala sobre a mesma guerra mas, do ponto de vista dos derrotados, os alemães, por exemplo “Nada de novo no front” de Erick Maria Remarque, veremos que o personagem principal, do começo até o final do livro se queixa e critica duramente as instituições alemãs. Nada é poupado: Estado, ciência, educação, medicina, direito, enfim, tudo é atacado e é acusado de cumplicidade e de causação de uma guerra sem sentido aparente algum na qual jovens lutam e morrem às pencas apenas porque disseram um grande “Sim” à interpelação da ideologia representada pela figura de um professor que, em sala de aula, cobrava-lhes insistentemente suas presenças na guerra. Não seria este o sinal maior de sua alienação ao Outro, a alienação de um ressentimento sublimado numa crítica a este Outro? E Maast? Este estudante também diz sim às interpelações que sofre. Mas, seu sim de modo algum é o de um sujeito alienado ao Outro. Ademais, a seu modo, quer dizer, sem queixas e sem críticas, Maast parte de Saint-Denis em silêncio. Se ele adere às

opiniões circundantes é menos por alienação do que por aceitar estas opiniões simples sem que elas, no entanto, e isto é o mais importante do ponto de vista da eficácia analítica, sem que elas contradigam ou se oponham à pulsão e ao desejo.

A pergunta a ser feita é a de se saber se ver como Jacques Maast vive a experiência da guerra não seria ver como um sujeito curado de sua neurose enfrenta a angústia diante do real. A hipótese seria a de que Lacan, para além de uma leitura sociológica da época, concebe a guerra como a realidade diante da qual o neurótico se posiciona à sua maneira defensiva. Maast seria evocado, então, por Lacan como um exemplo de sujeito que enfrenta o real de um modo saudável.

Em 1947, apenas dois anos após o final da segunda guerra mundial, Lacan publica um artigo em *L`evolution Psyquiatrique*, traduzido para o português como *A Psiquiatria inglesa e a guerra* (Publicado no Brasil em *Outros escritos*, p. 101 e segs.). Nesse texto Lacan fala sobre o seu sentimento diante da maneira como os franceses viveram a situação da guerra.

A guerra me havia deixado um vivo sentimento da forma de irrealidade em que a coletividade dos franceses a tinha vivido de ponta a ponta. Não me refiro aqui às ideologias de feira que nos haviam lançado fantasmagorias sobre nossa grandeza, parenta dos disparates da senilidade ou até do delírio agônico, em fabulações compensatórias próprias da infância. Refiro-me, antes, em cada um, a um desconhecimento sistemático do mundo, a refúgios imaginários em que, psicanalista, eu só podia identificar no grupo, então às voltas com uma dissolução verdadeiramente assustadora de seu status moral, as mesmas modalidades de defesa que o indivíduo utiliza na neurose contra sua angústia, e com sucesso não menos ambíguo, tão paradoxalmente eficaz quanto elas, e selando assim, pobres de nós, um destino que se transmite por gerações. (Lacan, 2003: p. 101).

Neste trecho, Lacan denuncia que os franceses enquanto grupo, face à realidade da guerra, a viveram de forma irreal. Esta posição se originava em um desconhecimento que levava os indivíduos a refúgios imaginários que os proviam com modalidades de defesas utilizadas no fantasma neurótico contra a angústia.

O raciocínio é o seguinte: a doença do indivíduo neurótico face à realidade é a dissolução do status moral, e a saída que este indivíduo encontra é defender-se da angústia face ao real com refúgios imaginários. Neste sentido, esta idéia coaduna-se perfeitamente com a teoria do fantasma, elaborado por Lacan. Mas, sabemos desde Freud que a covardia moral é o que impulsiona uma saída doente diante da realidade insuportável. Assim, a cura não está obviamente do lado da defesa neurótica. Então, o que seria para Lacan a salubridade? A salubridade só pode ser um modo de estar na guerra que não se equivale a gerar e reproduzir fantasmagorias compensatórias infantis, cujo sucesso é no mínimo ambíguo. Trata-se, antes, de posicionar-se fora do circuito coletivo de engajamento, fora de uma massa ávida de pertencer à esfera das Figuras de sua época que cobram o sacrifício em prol de uma humanidade futura. Desse modo, só podemos entender que Lacan, ao designar Maast como sujeito salubre em seu efeito de ser diante do real, e sujeito de uma destituição subjetiva muito específica que seria o resultado do final de análise, está fora deste circuito. Assim, não se trata de reconhecer em Maast uma subjetividade que se engaja num coletivo, como faziam os soldados desejosos de pertencerem aos coletivos que através da guerra implantariam na terra a ultrapassagem da dominação do homem pelo homem como veremos abaixo, num trecho de *Os trabalhadores* de Ernst Junger:

As figuras autênticas reconhecem-se no fato de a soma de todas as forças lhes poder ser dedicadas, de a maior veneração lhes poder ser testemunhada, de o ódio mais extremo lhes poder ser devotado. Uma vez que elas contêm em si mesmas a totalidade, também reclamam a totalidade. Daí que o homem descubra, ao mesmo tempo que descobre a figura, a sua vocação e o seu destino, e é esta descoberta que o torna capaz do sacrifício, que obtém a sua expressão mais reveladora no sacrifício do seu sangue. (Junger, apud Cordeiro, 2007: pag. 114).

Diante destas palavras, me pergunto: qual é o discurso do analista pelo qual ele pagaria com seu ser? Certamente não é um discurso colado no Outro. Assim, seguindo o nosso raciocínio, para Lacan, tratar-se-ia, antes, de ver em Maast uma subjetividade que se livrou desta infecção. O termo *salubridade* poderia especificar justamente isto: desejo no ato. Um desejo que escapa ao

idealismo que tem seu húmus mais forte no ódio do ressentimento, como se vê no trecho acima. Não se trata, portanto, do ato que provoca o colapso do desejo do sujeito mas, do ato que sustenta o desejo ao mesmo tempo em que se mantém na posição de “fora” do domínio de qualquer Figura (gestaltung) que circunscreve um determinado campo, uma determinada Forma onde o indivíduo se torna um elemento da totalidade.

Vê-se assim claramente em que Maast difere de Junger, a despeito de qualquer afirmação que sustente que o guerreiro de Paulhan pode ser colocado ao lado das figuras do santo, do sábio e do guerreiro moderno. Concordamos que Maast é destituído e aplicado mas, ele vive a destituição advinda do Outro com uma aplicação outra que não a de Junger, e a configura a partir de uma destituição subjetiva muito própria, a que superou o modo neurótico de enfrentar o real.

Podemos destacar, por exemplo, que se há uma posição feminina e masoquista em Maast, esta não abriga a pulsão de uma teleologia cujo caráter é alicerçar o herói realista em sua ânsia de poder.

3.5. Destituição subjetiva e sujeito suposto saber

Mas, uma questão precisa ser abordada. Se o fantasma é a relação do sujeito com o objeto, uma relação intermediada pela aderência entre o simbólico e o imaginário, e se entendermos que a travessia do fantasma implica a saída do sujeito do Outro, a questão é saber como seria possível que houvesse alguma relação entre o sujeito e o objeto sem simbólico – imaginário.

A destituição subjetiva que se espera do analista durante a sua prática é uma das concepções que ele forjou para pensar o final de análise. Cabe enfatizar que esta figura da destituição subjetiva é a mesma que se espera do analisante no final de sua análise. Ela é a condição para que de um analisante se faça um analista, e ela seria saudável na medida em que, na cura, possibilitaria ao sujeito uma nova maneira de se relacionar com os seus sintomas em um novo laço social, onde o sujeito apesar de ter uma opção, não a levantaria. Nisso reside a sua diferença em relação àquelas outras figuras da destituição. A destituição subjetiva do final tem a condição paradoxal de ter que constituir este sujeito. Mas, de que sujeito se trata? Trata-se do sujeito da falta-a-ser, sujeito este que, no início do tratamento, encontra-se recoberto, no sintoma, pelo véil da alienação.

Safatle afirma que para Lacan o sujeito é a falta-a-ser na sua relação com o desejo: " ... o desejo é uma relação de ser à falta. Esta falta é falta-de-ser propriamente dita. Não é falta disto ou daquilo mas falta de ser através do qual o ser existe" (SAFATLE, 2002; p. 193-194) . É este sujeito que a destituição subjetiva constitui no final do tratamento.

Numa primeira leitura, o par de palavras *destituição* e *subjetiva*, juntas, e numa via oposta a uma instituição do sujeito, podem remeter à idéia de uma retirada do que está posto como sujeito ou suporte (*hypokeimenon*).^{*} Pensar na retirada de algo que está posto como suporte para um objeto, que se assenta sobre este suporte, é incorrer na possibilidade de ver o objeto cair, ou não existir, pois, sem o suporte o objeto não tem sobre o que se assentar. Assim, pensar em destituição do sujeito pode implicar o vazio, sua abolição. Mas, de fato, numa outra via, diferente da que registramos no começo, a palavra "destituição" refere-se não a uma retirada do sujeito do desejo mas, daquilo que sobre ele se assenta, ou seja, o saber que é o objeto que ele constrói, no sintoma, durante o seu processo de alienação ao Outro.

Disso decorre o que Lacan afirma no *Discurso da Escola Freudiana de Paris*, ou seja, que este sujeito não é um não-ser, mas, antes, "ser singularmente e forte" (LACAN, 2001: p. 278). Aí reside o paradoxo. A destituição subjetiva que advém no final de análise é, para Lacan, não des-ser, mas ser. Então, poderíamos pensar assim que a destituição subjetiva significa sujeito destituído mas, observe-se, não na ultrapassagem da fronteira entre o ser e o não-ser. Resta um pouco de ser; um resto. O sujeito destituído, ainda assim, é um sujeito. Um sujeito que equivale ao desejo e que é constituído como negatividade em sua condição de suporte do saber.

Ademais, quanto ao efeito de ser que advém após o final de análise, este sujeito singular e forte é *salubre*, diz Lacan, neste resto que é a sua divisão: "Quanto ao efeito de ser, onde melhor se vê é em Jean Paulhan. O Guerreiro Aplicado é a destituição Subjetiva em sua salubridade (LACAN, 2001: p. 279)

Desse modo, a destituição subjetiva equivale, para Lacan, ao efeito conseqüente à travessia do Fantasma, onde o sujeito experimenta o advento paradoxal de um ser marcado pela falta-a-ser, um ser^{**} destituído em sua

^{*} Para Aristóteles, o sujeito é *hypokeimenon*, que significa suporte para uma outra substância. É nesta condição que este sujeito do desejo é o suporte de saber.

^{**} É preciso distinguir entre duas dimensões do *ser* que estão em perspectiva aqui. O ser do sujeito que entra em análise não é o mesmo ser do sujeito da destituição subjetiva em que este ser se

subjetividade pela queda dos significantes mestres que o representavam. Estes significantes mestres são aqueles capturados pelo sujeito ao Outro, através da identificação. Na operação realizada pelo tratamento analítico, o sujeito procede à desidentificação aos objetos que o alienavam ao Outro. Feita esta desidentificação, o sujeito, ele próprio, é quem cai como objeto e se cura.

Para entendermos como se efetiva este processo, é preciso compreender que o progresso do tratamento numa análise se efetiva enquanto tempo de uma experiência onde, na dimensão transferencial, a destituição vem se construir e se revelar, segundo o que acontece no registro da intersubjetividade em cada momento da análise. No texto da *Proposição*, Lacan afirma que "No começo da Psicanálise está a transferência" (LACAN, 2004: p. 252). Mas, o que é a transferência? Pergunta ele. Sua resposta incidirá justamente naquilo que ela produz como efeito na intersubjetividade, desde o começo com Freud.

...a transferência por si só cria uma objeção à intersubjetividade. Chego até a lamentá-lo, visto que nada é mais verdadeiro: ela a refuta, é seu obstáculo. Aliás, foi para estabelecer o fundo contra o qual se pode perceber o contrário que promovi desde o começo, o que implica de intersubjetividade o uso da fala. Esse termo foi, portanto, um modo – um modo como outro qualquer, diria eu, se não se me houvesse imposto – de circunscrever o alcance da transferência. (LACAN, 2004: p. 252),

É em termos de “objeção”, “refutação” e “obstáculo” que Lacan situa a condição da transferência no interior da intersubjetividade. Parece não haver, para ele, outra referência mais contrária à idéia de intersubjetividade do que esta. Safatle (2002: p. 191) localiza a crítica lacaniana à intersubjetividade no texto *Kant com Sade*, e esta reside na constatação de que a racionalidade intersubjetiva incorre num impasse ao ter seu campo mediado pelo simbólico, o que formaliza a impossibilidade de a linguagem adequar-se às coisas sensíveis, pois o significante é desprovido de "força denotativa" (LACAN, 1998: p. 192). No Seminário VII, sobre a ética da psicanálise, o que ele diz é que “... podemos tentar definir o campo do sujeito na medida em que ele não é apenas o sujeito intersubjetivo, o sujeito submetido à mediação significativa, mas o que está por trás deste sujeito”

transmuta no final. O primeiro refere-se ao ser em sua essencialidade egóica, superegóica, idealista, narcísica etc. , o segundo ser refere-se a uma transmutação onde o sujeito se separou das identificações que o alienavam ao Outro. Este ser é forte e singular, não porque é consistente mas,

(LACAN, 1959-1960/1988: p. 130). Neste trecho, Lacan trabalha com a idéia de dois sujeitos. O primeiro, o da relação intersubjetiva, está submetido à mediação significativa, o outro sujeito está para além e é o sujeito que nenhuma mediação simbólica intersubjetiva pode apreender, este é o sujeito do desejo. Daí Lacan buscar uma virada teórica para a experiência analítica a partir da década de sessenta, pois o que se evidencia na transferência é que nas relações recíprocas entre duas pessoas, na mediação simbólica, o sujeito do desejo fica recoberto.

Vemos, então, como seu ensino, neste momento de virada, se distancia daquela de poucos anos atrás quando se referia à intersubjetividade como o campo legítimo e privilegiado de ocorrência da cura na análise. O trecho a seguir é de 1953: "Nossa via é a da experiência intersubjetiva na qual o desejo do sujeito se faz reconhecer" (LACAN, 1953-1954/1979: p. 279).

Cabe estabelecer, portanto, o campo sobre o qual haveria a ocorrência da transferência enquanto obstáculo à intersubjetividade. Esse campo, diz Lacan, é a estrutura do sujeito suposto saber. É nesse campo que se pode circunscrever o alcance da transferência na ocorrência da intersubjetividade: "O sujeito suposto saber é, para nós, o eixo a partir do qual se articula tudo o que acontece com a transferência" (LACAN, 2003: p. 253).

Temos nesta frase uma outra indicação preciosa de Lacan e que se refere à relação da destituição subjetiva com a transferência. Ela permite concluir que a destituição subjetiva advém ao termo da relação transferencial. Esta ênfase de Lacan quanto ao que acontece na transferência mostra que é no seu bojo que o advento da destituição subjetiva deve ser pensado, uma vez que é aí que o sujeito se institui. Deste modo, é necessário que se pense a dissolução da transferência e a conseqüente extração da destituição a partir do que se passa no interior da estrutura do sujeito suposto saber na sua relação intrínseca com o objeto a e com o falo em sua significação, de acordo com a castração. Se, por um lado, a intersubjetividade está determinada pela relação transferencial, por outro, e no seu interior, é o posto do saber que concorre para a modulação desta intersubjetividade. Estando ela condicionada pela suposição de saber, é na modulação deste saber, no âmbito da relação transferencial em análise, na dissimetria entre o objeto a e os demais objetos da identificação imaginária que devemos situar a especificação do que acontece na travessia do fantasma e na sua destituição.

ao contrário, porque experienciou a falta constitutiva de seu ser e a subjetivou.

Assim, do começo ao fim da análise, há momentos de reviravoltas dialéticas determinadas pela dinâmica articulada em torno da estrutura do sujeito suposto saber.* É neste contexto que Lacan assinala o termo da Destituição Subjetiva como sendo fundamental para a nova possibilidade programática de sua práxis. A nomeação do desejo, aspecto principal da proposta anterior de cura, se daria pela recorrência à linguagem, ou seja, ao Outro. Por outro lado, enquanto “efeito de ser” em sua salubridade, a Destituição Subjetiva contemplaria a negatividade do desejo, uma vez que este desejo, na sua recorrência ao Outro, jamais alcança objetivação adequada aos objetos do mundo empírico, não podendo, portanto, ser nomeável. Como dissemos, é por esta via que Lacan demonstra a transcendência da negatividade do desejo. Ela se dá ao constituir o sujeito como falta-a-ser e revela o encontro intersubjetivo enquanto impossibilidade, pois, para ele, é próprio da relação sexual pertencer à ordem do fracasso. Quanto a este encontro, Lacan inicia o Seminário VIII falando da *disparidade* que há entre os sujeitos em relação. Em relação à falta-a-ser, Leite cita Lacan e diz que:

A “destituição subjetiva” corresponderia tanto à queda dos significantes mestres que representavam o Sujeito, significantes da identificação ideal advindas do Outro, quanto ao advento do ser, pois, sendo o Sujeito, falta a ser, no final da análise seria em (- ϕ ou em (a) que apareceria seu ser. É o que nos diz Lacan na primeira versão da “Proposição” (LEITE, 1967 *apud* LACAN, 2000: p. 213).

Soler (2002), por sua vez, afirma que a destituição subjetiva é um conceito que Lacan usou "para definir a saída de uma análise" (SOLER, 2002: p. 13), momento em que a equação do desejo estaria resolvida. O que está em questão, portanto, no final de análise, é a necessidade de constituição de uma subjetividade cuja falta-a-ser produza, ao mesmo tempo, o reconhecimento objetivado deste sujeito como objeto destituído dos significantes mestres advindos do Outro. Para Lacan, esse reconhecimento outro, diferente daquele da nomeação do desejo na relação intersubjetiva, produziria um “efeito de ser” saudável no sujeito. Sobre este efeito “saudável”, falaremos adiante ao tentarmos dar conta de um termo

* Em outro nível, o saber é, também, o campo que está como pivô, como eixo em torno do qual se articula a posição – que é preciso sustentar – da Psicanálise diante da Ciência.

muito intrigante que Lacan usa para predicar a Destituição Subjetiva, ou seja a *salubridade*.

O objetivo da análise seria, então, a queda do sujeito como objeto destituído dos significantes mestres que o condicionavam ao Outro e davam essencialidade e consistência às instâncias psíquicas (Eu, Supereu, Eu Ideal e Ideal de Eu) do psicanalisante. A análise chegaria ao seu final quando em (a) ou em (-φ) este objetivo tivesse sido alcançado. Em (a) porque se trata de reduzir-se ao objeto não especular, em (-φ) porque se trata de dar a este objeto não empírico e não especular a dimensão fálica do desejo. (QUINET, 1991: p. 116) faz a mesma consideração ressaltando ainda que a destituição subjetiva no final da partida está articulada à sua relação com o *Outro* e, além disso, ao *ato analítico*. Com relação à articulação ao Outro, diz ele:

Ela é correlata ao desvanecimento do Outro: o sujeito se depara com a castração, com a falta do Outro que desvela sua inconsistência: a barra sendo colocada no Outro (A) é do “Outro que cai o (a), diz Lacan, e é no Outro que se abre a hiância do (-φ). (QUINET, 199: p. 103)

A notação (-φ) designa a *hiância do desejo* operada pela castração, quer dizer, hiância do desejo desalojado de suas relações com os objetos empíricos. Por outro lado, o a pode vir a *ser* um objeto simbólico-imaginário em função deste engodo fundamental que se estabelece quando o sujeito envolve o seu desejo com estes objetos visando essencializá-los especularmente com o brilho fálico. Esse recobrimento é o que produz o agálma que é o objeto a, objeto fálico especularmente essencializado na transferência. Agálma é, então, o ponto em que de a ao Outro e de volta ao objeto a se dá a identificação, i(a) e, conseqüentemente, o véil da alienação. Agálma é o objeto a significando fálicamente um valor aos objetos do mundo. E é o agálma que, na transferência, habita o analista, tal como Lacan indica no Seminário VIII ao referir-se ao amor que Alcebiades dedica a Sócrates, ambos, personagens de *O Banquete* de Platão.

Sobre o agálma, diz Lacan: "nosso objetivo é formular uma equação cuja constante é o agálma" (LACAN, 1967/2003: p. 257). Segundo indicação de Soler no livro *Variáveis do fim de análise*, agálma = α, onde os demais termos variam em sua função. Quais termos? No texto da Proposição, Lacan diz que o outro termo da equação é o desejo, cuja incógnita designamos com o x. Assim, a equação se torna α = a + (+φ). Esta equação pode ser lida da seguinte maneira: o

agálma é igual a relação do objeto \underline{a} com a significância fálica ou, o desejo é igual a variação do objeto \underline{a} em função do falo no interior de agálma., onde este $(+\phi)$ representa a significação fálica dos objetos do mundo pela via de porre (por). Assim, o objeto \underline{a} , tem como casulo os objetos significados especularmente pelo sujeito. Como na transferência a passagem, no final, se dá em função do sujeito suposto saber, temos que este sujeito suposto saber é uma estrutura que se articula e evolui em função de agálma e do desejo, onde este, do começo ao fim, transforma a relação do sujeito com o seu saber e, no final, extrai o esvaziamento deste saber do sujeito em relação ao objeto \underline{a} . Disso tem-se que, uma vez resolvida a equação, no final produz-se o $-\phi$ no lugar do x . A solução da equação entrega ao psicanalista "[...] seu ser e cujo valor tem a notação $-\phi$, hiância que designamos com a função do falo a ser isolada no complexo de castração, ou (a) , quanto àquilo que o obtura com o objeto que reconhecemos sob a função aproximada da relação pré-genital" (LACAN, 1967/2003: p. 258). Onde a identificação imaginária ao outro $i(a)$ faz a reunião do objeto \underline{a} , o x deve se tornar $-\phi$ (menos phi: castração), enquanto hiância (função fálica) que designa o novo ser do analista, ou (a) . Assim, $x = \alpha$ advém $-\phi = \alpha$ mas, também, $x = (a)$, onde (a) é o objeto \underline{a} . O que Lacan diz é que no lugar do x , que é a incógnita sobre o desejo do sujeito, e também a do analista no final, aí deve advir o $-\phi$ (hiância fálica) ou (a) . Então, não pode se tratar de (a) enquanto $i(a)$, objeto especular, mas \underline{a} enquanto objeto \underline{a} , não especularizável. O sujeito cai como (a) , como o objeto que um dia supôs obturar a falta do Outro.

Vê-se, então, que não se trata da Destituição Subjetiva operada pelo projeto de Oppenheimer, pois essa é a que foi provocada pela bomba atômica. O que o desejo do analista enuncia com $-\phi$ ou com (a) , é a hiância e a falta como sendo aquilo que é obturado pelo objeto especular, reconhecido sob a função aproximada da relação pré-genital do estádio do espelho: $a-a'$.

...a estrutura, assim abreviada, permite-lhes ter uma idéia do que acontece ao termo da relação transferencial, ou seja, quando havendo-se resolvido o desejo que sustentara em sua operação o psicanalista, ele não tem mais vontade, no fim, de levantar a sua opção, isto é, o resto que, como determinante de sua divisão, o faz decair de sua fantasia e o destitui como sujeito (LACAN,1967/2003: p. 259).

O sujeito suposto saber, ao ser destituído como sujeito, é destituído sobre o saber de seu ser. Isso é cair como (a). Durante o tratamento, o analista precisa saber marcar a distancia entre o objeto *a* e o sujeito suposto saber na transferência para que ele mesmo não entre numa relação imaginária com seu paciente e não cole nas identificações deste petrificando, assim, a intersubjetividade. Assim, se considerarmos que a fantasia (fantasma $S \leftrightarrow a$) é a ignorância funcionando com a estabilidade de uma certeza, então concluiremos que é ao nível do saber que se deve produzir a equação solução. Daí a importância do sujeito suposto saber na estrutura.

Quanto à relação do sujeito com o saber, PORGE (2006) afirma que a partir de 1964, o sujeito suposto saber constitui o eixo em torno do qual gira a questão da transferência, e isso vai ocorrer até o último seminário de Lacan, *Dissolution* em 1981. A transferência, que é o campo onde se dá o posto do saber, implica a fórmula $x = \alpha$, onde o segundo termo conota a relação do Sujeito suposto saber com o agálma. Quanto ao Sujeito Suposto saber, o algoritmo dá a sua medida:

$$\begin{array}{c} \underline{\quad S \quad} \longrightarrow Sq \\ S (S1, S2...Sn) \end{array}$$

Na parte de cima do algoritmo tem-se o significante da transferência que pode ser nomeado pelo nome próprio do analista em especial, dado que no começo um outro significante qualquer pode não ser evidente. Na parte de baixo, S é o Sujeito Suposto, *hypo-kaimenon*. (PORGE, 2006: p. 278) afirma que se trata de um pleonasma este Sujeito Suposto porque sujeito = suposto. Assim, o sujeito é suposto ou suporte para o quê? Para o saber: (S1, S2, ... Sn)*. Isto porque o analista é alguém que o analisante supõe ter um saber sobre ele, o analisante. Em termos topológicos, este saber, o analista o disporia ali na borda do corte para preencher a falta do analisante, por isso este apela na demanda. Na contrapartida, o analisante constrói, não de uma só vez, o agálma, o significante que catalisa o vetor da transferência. Por isso o analista deve saber manejar a transferência e não atender à demanda do analisante. Na partida, a efetivação do significante qualquer (sq) é da ordem da alienação. Sq está em relação com S desde o começo, na

* O sujeito, enquanto suporte, é a falta-a-ser na sua relação com o desejo. Como vimos, para Safatle: "O desejo é uma relação de ser à falta. Esta falta é falta-de-ser propriamente dita. Não é falta disto ou daquilo mas falta de ser através do qual o ser existe" (SAFATLE, 2002: p. 193-194). É nesta condição que este sujeito é o suporte de saber.

alienação, mesmo que não seja enunciado. No final reduz-se a si mesmo e, na separação é ejetado como um resto. Sq é o resultado de S, o analista, reduzido a um significante qualquer.

No final da análise, o futuro psicanalista, que ocupará para os outros o lugar de S, está próximo a reduzir-se, ele e seu nome, ao significante qualquer, para pagar o preço pelo seu desejo. Este pagamento se efetiva como resultado da des-alienação operada pela castração. Para que o seu desejo advenha, o analisante tem que pagar com seu ser o preço de passar pela castração na transferência com seu analista e, depois, como analista, sustentá-la, na transferência com seu analisante. "O advento de uma articulação significativa, o seu franqueamento da barra quando de uma passagem S1 a S2 não ainda sabida, acarreta a decomposição do significante da transferência e sua redução a um significante qualquer, ou seja, uma outra passagem, aquela de S a Sq" (PORGE, 2006: p. 274). Quando o sujeito, na transferência, depura o que é agalma e cai como (a), reduzindo-se a um significante qualquer, então ele chega ao final. O significante qualquer instala-se, no começo, como significante mestre. No final, ele se torna o significante qualquer, reduzido ao que sempre foi. É que um significante mestre é um significante qualquer falicizado. No final, a castração faz o significante mestre voltar a ser o significante qualquer que sempre foi.

O que caracteriza fundamentalmente a intersubjetividade é o fato de que ela está marcada pelo saber mútuo, onde cada um supõe um saber sobre o outro. Lacan diz no texto da "Proposição" que o obstáculo imediato da formalização do sujeito suposto saber na sua articulação com a transferência encontra-se na intersubjetividade, uma vez que no seu interior o sujeito suposto saber é suposto pelo outro sujeito. O termo intersubjetividade adquire aqui a dimensão desta suposição de saber que circula entre dois sujeitos na transferência. Esta idéia estabelece que o saber suposto ao analista encontra-se do lado do analisante e inversamente, o saber suposto ao analisante encontra-se do lado do analista. A manifestação do sujeito suposto saber na fala do lado psicanalisante, faz com que o psicanalisante demonstre isto de mil formas, com mil máscaras. O analista precisa ter muito claro o que fazer com este saber. No extremo, saber estar com o analisante sem ter saber algum sobre ele. Já o analisante faz deste saber sobre o analista todo tipo mas, não qualquer um, de fantasmagoria.

Por causa do mito médico, o psicanalista se aloja no lugar de quem sabe. O analisando confere um status de saber ao médico. Esse é o primeiro agálma: o

médico é o sujeito que sabe. A suposição de saber conferida ao médico dá a ele uma subjetividade. A subjetividade está intrinsicamente ligada à suposição de saber por um sujeito a outro sujeito. É este o sentido da afirmação lacaniana de que o sujeito suposto saber só o é se suposto por outro sujeito.

Contudo, na seguinte frase, contida na “Proposição”, ele aventa a seguinte possibilidade: "E se provisoriamente suposéssemos que não há sujeito que possa ser suposto por outro sujeito?" (LACAN,1967/2003: p. 251 e segs.)

Que sujeito é este que Lacan supõe enquanto aquele que não pode ser suposto por outro sujeito? Entendemos, primeiro, que Lacan está colocando o sujeito do lado do universal da não suposição. Ele faz esta suposição colocando o analista no interior deste universal? O analista seria, então, o sujeito que não pode ser suposto por outro sujeito, onde caberia a ele, analista, portar a insígnia de que não existe

Isto, para estabelecer o que deve acontecer com o saber do lado do analista. O analista deveria portar-se de modo tal que o analisante jamais poderia supor um saber sobre ele. Mas, aqui, a minha objeção pode ser colocada a partir da idéia de que, vimos, a suposição de saber do analisante sobre o analista vem de fora, ou seja, ela vem da tradição. O analista não tem como evitá-lo. O próprio Lacan diz que a psicanálise deve isto à ciência. Sendo assim, como o analista poderia anular esta suposição? A contra objeção pode se dar ao argumentarmos que de início esta suposição de saber vinda de fora é sem conteúdo. O analista pode até desejar que ela exista, desde que no tratamento esteja atento para o que virá a ser próprio de cada um. Aqui, fazemos a distinção de que a suposição inicial de saber do analisante sobre o analista é vazia de conteúdo. Ele sabe que o analista sabe algo sobre o seu sofrimento mas, ainda não sabe o que o faz sofrer, pois a causa de seu sofrimento ainda está encerrada no invólucro do sintoma. Será o advento do agálma enquanto significante endereçado ao analista, além daquele de pura suposição de saber, que iniciará singularmente a transferência e, no tratamento, o desvelamento de seu enigma. Esta pura suposição de saber é equivalente ao cogito cartesiano naquilo que ele tem de pura formalização da existência a partir de um pensar sem conteúdo para além de si mesmo.

Em *Análise terminável e interminável*, texto de 1937, Freud se esforça para definir o que é o final de uma análise. Seu empreendimento é uma tentativa de justificar a questão da cura na sua relação com o tempo de tratamento, ou seja, na sua relação com os obstáculos que, neste tempo, se interpõem à cura. Por isso,

nesse texto, ele conclui que o objetivo de uma análise está em contribuir para a superação das forças de resistências contidas nos mecanismos de defesa do Ego alterado dos pacientes. A cura seria alcançada caso se provocasse o “amansamento”^{*} do ego que se modificaria a tal ponto que o melhor seria alcançado e tudo se estabeleceria da melhor maneira possível e de forma duradoura, libertando o sujeito dos pontos de fixação pulsional em que havia se alojado em decorrência da força do trauma. Assim, o “amansamento” seria o resultado da resolução do conflito existente entre instintos opostos no aparelho psíquico, provenientes do Id e do (super) Ego.

Esta concepção do final de análise parte de uma definição de sujeito dividido, dotado de um ego forte ou fraco, que se vê em dificuldades para resolver os seus conflitos pulsionais. Seguindo seu modelo de Metapsicologia, que considera o aparelho psíquico nas esferas econômica, dinâmica e topográfica, Freud analisa a situação do final de análise e do sujeito em termos de destino pulsional e de variação quantidade x qualidade. Esse destino encontraria bom caminho, caso o ego fosse capaz de perceber, ou seja, tornar consciente as áreas de conflito e, como dissemos, amansá-los. Em vista disso, é que ele se pergunta sobre quais são os obstáculos que se interpõem no caminho de tal cura.

Para tentar responder a esta questão, ele aborda o problema dos mecanismos de defesa que se levantam durante o tratamento, como sendo impeditivos da cura. São a resistência e a agressividade os dois principais aspectos que correspondem a esta defesa. Na transferência, diz ele, elas são pontos negativos. A análise se desenvolveria através da relação intersubjetiva onde, na transferência, a resistência e a agressividade apareceriam como principais obstáculos ao sucesso da análise, impedindo qualquer mudança ou posição nova do sujeito em relação ao seu sintoma. Para Freud, a análise terminaria no momento em que se chegasse ao impossível da ultrapassagem do rochedo da castração. Para Lacan, trata-se de ir além deste ponto para se conceber o final da análise.

* Amansamento. Bändigung. Numa nota de rodapé do artigo "O cartel e os laços sociais" de Clarice Gatto, encontramos o seguinte comentário: “Bändigung” fôí traduzida para o português por “amansamento”, entretanto preferimos traduzi-la por “enlaçamento” porque *Band* é laço, fita, vínculo; e se *Bändigung* é o amansamento (a domaço) de um animal, conserva em alemão – diversamente do português – a referência a o laço; Band remete também ao verbo “*binden*”, atar, ligar, etc" (GATTO, C., 2004: p. 100). Foi na carta de Freud a Fliess de 21 de setembro de 1897 que pudemos ler essa possibilidade (anteriormente trabalhada por Freud em *Projeto de uma Psicologia*): “Se a gente vê que o inconsciente jamais domina a resistência da consciência, então afunda a expectativa de que o inverso venha a acontecer no tratamento até o completo

Assim, à pergunta: o que é a cura para a Psicanálise? Pode-se responder: para Freud é o encontro com o Rochedo da Castração. Para Lacan é a Destituição Subjetiva em sua Salubridade. Através deste trabalho pretende-se investigar como Jacques Lacan define o conceito da Destituição Subjetiva em sua Salubridade no Final de Análise e, também, como ele define os modos pelos quais este sujeito se institui em um novo laço social considerando-se que ele vive no interior das ideologias que constituem as sociedades.

O problema relativo a este tema pode ser formulado da seguinte maneira: Como pensar este sujeito, enquanto pura extensão, pura existência sem predicados ou qualidades, inserido saudavelmente no laço social?

Para Slavoj Žižek este problema encerra uma contradição incontornável. Uma vez que não existe uma linha de separação entre a psicanálise e o materialismo dialético, o aparelho psíquico, inserido numa sociedade dividida em classes, estaria destinado a ser afetado por suas ideologias e, conseqüentemente, a reproduzir os seus modos constituintes de alienação. É importante ressaltar que Žižek considera o problema a partir da ótica de Freud para quem, afirma ele, são as contradições decorrentes das estruturas das sociedades que afetam a consciência e produzem a doença mental.

Haveria, portanto, uma contradição ao se estabelecer o tratamento e a cura das doenças mentais. Dada a condição da estrutura social, a cura ficaria inviabilizada devido ao fato de que o aparelho psíquico está em constante contato com ela. Uma vez mergulhado no nihil contraditório do capitalismo todo tratamento seria inútil, não se tem escapatória.

Para Leite (2000), na proposta lacaniana de final de análise, o sujeito subjetiva a incompletude de maneira radical, o que supõe a admissão de que esta falta não pode ser completada por nenhum objeto. Falta a ser é isto: ser na falta, o que implica um saber que se dessupõe enquanto saber que a esta falta obtura.

O efeito da subjetivação da incompletude produzirá um efeito na transferência denominado de “liquidação da transferência”. Esta liquidação situa-se como o advento de uma dessuposição de saber. Esta dessuposição de saber é o que Lacan chama de *dês-ser* do sujeito e que ele identifica na proposição como “saber vão de um ser que se furta” (LACAN, 1967/2003: p. 260)

Para se entender melhor isso, pode-se partir da pergunta sobre o que é o ser? O ser é o que dele aparece. E o que aparece do ser é aquilo que é escrito sobre

enlaçamento (Bändigung) do inconsciente através da consciência” (FREUD, 1999, p. 284).

o sujeito. Logo, des-ser do sujeito significa a sua dessuposição de sobre o que nele está escrito, ou seja, o saber. É isso o que quer dizer *saber vão de um ser que se furta*. O saber, deposto de sua consistência, vão em sua nulidade, furta-se e leva o ser que, nele, fazia sua essência.

Na Proposição, Lacan diz que o momento da travessia é correlato de uma perda que se realiza ao nível do dê-ser do sujeito suposto saber. Trata-se. Portanto, do dê-ser do analista, já que é o analista o suporte deste saber. Esta perda faz com que o objeto a reste do lado do analista, "que ao cair como sujeito suposto saber fica reduzido a um resto desprovido de todo valor de agalma" (LACAN,1967/2003: p. 248 e segs.), valor este que se furta por ter sabido, na travessia, se reconhecer em sua vanidade.

Para Lacan, na Proposição, o propósito do final da análise "é produzir uma equação cuja constante é o agalma. O desejo do analista é sua enunciação, que só poderia operar-se se ele vem aí em posição de X" (LACAN,1967/2003: p. 257). É com agálma que o des-ser do analista está relacionado. Uma vez resolvido a solução da equação, é em agálma que o analista encontra o seu dê-ser, condição para a função da destituição subjetiva enquanto efeito de ser salubre.

4. Jean Paulhan e o *Guerreiro Aplicado*: exemplo de destituição subjetiva

4.1. Jean Paulhan e Jacques Lacan

Jean Paulhan* nasceu em Nimes, França, em 1884 e morreu em Paris no dia 09 de outubro de 1968. Foi um escritor considerado por muitos como uma espécie de eminência parda da literatura francesa, tanto como teórico da língua e da literatura quanto como crítico de arte. Após estudar na Sorbone, parte para Madagascar onde trabalha como professor, depois de ter sido agricultor e garimpeiro de ouro no rio Ikopa.(Chemama, 2002:19). Em 1912 volta a Paris e passa a ensinar o idioma malgache na escola de Línguas Orientais.** Em 1914, quando a primeira guerra mundial eclode, se alista e serve como sargento na 9ª Companhia de Zuavos.*** No dia 25 de dezembro é ferido no Bosque de Sain-Mard. Em 1921 é chamado por Jacques Rivière para assumir o cargo de secretário geral da Nouvelle Revue Française, da qual será o diretor após a morte de Rivière em 1925. Doravante, exercerá uma grande influência sobre a literatura francesa. Desde seu escritório, convocará escritores de posições distintas como Gide, Maurras, Breton, Claudel, Artaud, Sartre, Michaux, de Rougemont, Supervielle, Robbe-Grillet, Sollers, sob o signo de que ali "cada um pode estar só" (OSTER, 2008). Durante este tempo publica pouco. Quando estoura a segunda guerra mundial, é um dos primeiros a participar da resistência. Em 1941, após abandonar a direção da Nouvelle Revue Française funda Les lettres françaises junto com Jacques Decour. É preso pela Gestapo mas logo é libertado. Em 1945 é eleito membro da Academia francesa.

Lacan, ao se referir aos seus textos e aos textos de outros autores, os quais mencionava para ilustrar seu pensamento, sempre recomendava que os interessados é que fossem procurar neles o porquê disso. Desse modo, Lacan dá o tom de seu estilo que é, inclusive, deixar o seu interlocutor em suspenso, tal como é possível estar em certos momentos da análise, momentos em que o sujeito sabe que existe alguma coisa sem saber o que (CHEMAMA, 2002). Aqui, minha tarefa passa a ser a de buscar perspectivas, pontos de vistas, desde os quais possamos

* OSTER, P. *Quem é Jean Paulhan?* In : site <Société des lecteurs de Jean Paulhan>, Disponível em: < www.atelierpdf.com/paulhan.sljp/ - 6k . Acesso: 18 de maio de 2008.

** Idem;

*** Zuavo: soldado da infantaria francesa.

alçar uma visada ao menos aproximada acerca do que Lacan poderia estar dizendo com destituição subjetiva, ademais em seu efeito de ser salubre.

Quanto a isto, ao menos uma coisa pode ser dita: no meio de um terreno tão pantanoso, certo é que quando Lacan, diz que o livro de Paulhan, *O guerreiro aplicado*, ilustra o que ele está pensando em certo momento sobre a destituição subjetiva, o que ele faz é nos mostrar que este livro permite aos analistas perceberem desde a exterioridade o íntimo de sua prática que é o tratamento analítico (CHEMAMA, 2002).

Mas, percebe-se, esta ilustração não é auto-evidente. Como vimos, em textos como “Proposição e 9 de outubro de 1967” e “Discurso na Escola freudiana de Paris”, Lacan procede, antes, a uma designação ostensiva ao afirmar que o livro *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan (Paulhan, 1930/1982) é a destituição subjetiva tal como se deve esperar que tenha acontecido em um final de análise.

A designação ostensiva que Lacan efetua mergulha o termo num relativismo ambíguo, pois é próprio de tais designações, de acordo com a propriedade significante, segundo a qual estes não se referem a nada senão a si mesmos abrir, sobredeterminações que cobrem extensões bem diversas quanto aos seus possíveis sentidos (SAFATLE, 1997: p. 117).

Quando Lacan diz que o *Guerreiro aplicado* de Jean Paulhan é a destituição subjetiva ..., este é, de Lacan, indica que Paulhan está próximo da psicanálise. Paulhan lia Freud e chegou a escrever um artigo sobre ele. Esta proximidade pode ser verificada se nos perguntarmos sobre as aspirações destes dois campos. Por um lado, o da psicanálise, o desenvolvimento de seu método e a definição de seu objetivo, que são relativos ao tratamento e à cura. Por outro, o da escrita de Paulhan, o seu estilo e o seu propósito pedagógico. Esta proximidade entre Paulhan e a psicanálise concerne a que cada qual com seu modo peculiar tratam de se referir ao ser. Do lado de Paulhan o quadro da experiência sobre o ser se dá no contexto da sua interrogação sobre a linguagem e a literatura. Veremos como o *Guerreiro aplicado* enquanto récit e enquanto provérbio é uma dessas experiências. Mas, aqui não estamos numa metafísica ou numa ontologia. O de que se trata do lado da psicanálise é que a experiência gira em torno do desvelar um saber sobre o inconsciente. Por isso, o ponto fundamental que deve ser assinalado é que o que tanto Paulhan quanto a psicanálise buscam, nas suas respectivas e peculiares artes de falar sobre a experiência das palavras e das coisas, incluindo- se o corpo, é o "advento do encontro com o real" (CHEMAMA,

2002: p. 20).

Quanto a Paulhan, a peculiaridade de sua experiência literária é que ele não a vive de maneira inédita, no entanto, contra o terror nas letras, tenta dizer o real em uma palavra. E é neste aspecto que, para Chemama, esta experiência do provérbio equivale a um tratamento analítico. (CHEMAMA, 2002: p. 19). Para entendermos a peculiaridade da escrita de Paulhan, será necessário adentrar na história de sua experiência com os provérbios. Experiência que ele inicia desde sua passagem por Madagascar.

No livro *Defing Gravity*, o autor Michael Sirotsky, escreve que, segundo Paulhan, o termo “terror nas letras” designa não um terror situado nos eventos históricos mas, um terror que acontece especificamente no interior da história da literatura: "Terror é a literatura que rejeita os lugares-comuns e as convenções literárias como uma tentativa de ascender à sua pura e autêntica expressão" (SYROTINSKI, 1998: p. 84). Este “terror nas letras” acontece na história da literatura a partir de uma violenta destruição imposta à retórica pelo terror, desde uma inversão completa em que se dá a prioridade da linguagem sobre o pensamento e não o contrário. Seu objetivo, é limpar a literatura das impurezas, das ambigüidades que a retórica conserva. Para Paulhan, ao passo que o terror padece de uma ilusão de ótica, os lugares comuns na literatura são monstros de ambigüidade, e é justamente esta característica que Paulhan vai valorizar para reinventar a retórica. Para Paulhan, do ponto de vista da retórica o autor está livre de uma constante preocupação com a linguagem justamente por causa da submissão à autoridade dos lugares-comuns. O que a retórica faz é partir do lugar-comum para chegar à novidade virgem das coisas. Para tornar os clichês cidadãos da literatura novamente, o que era preciso fazer era livrá-los de sua ambigüidade sem, no entanto, sair do lugar-comum.

Para nós a importância disso reside no fato de que é através do mecanismo de funcionamento da retórica proverbial que Paulhan promoverá uma espécie de resistência contra este tipo de terror. Como o livro *O guerreiro aplicado* pode ser tomado, no todo ou em partes, como um provérbio, teremos que entender como o mecanismo do provérbio funciona para, em seguida, entendermos como ele age neste livro.

No seu livro *Elementos lacanianos para uma psicanálise no cotidiano*, Roland Chemama expõe no capítulo *A experiência do provérbio e o discurso psicanalítico* o que Jean Paulhan apreende de sua experiência do provérbio em

Madagascar. Expõe também em que este estudo de Paulhan pode contribuir para uma teoria do significante na psicanálise.

No texto “A experiência do provérbio” de 1925, Jean Paulhan expõe algumas considerações que extraiu de sua experiência com os provérbios durante sua convivência com os malgaxes em Madagascar (CHEMAMA, 2002: p. 37).

Entre os malgaxes, Paulhan descobre que a essência da linguagem é o mal-entendido. Em seus estudos ele não negligencia este mal-entendido e, por isso, acaba por desenvolver uma abordagem do provérbio que pode interessar ao discurso psicanalítico no que se refere à função do significante. O ponto de partida para que abordemos, a partir de Paulhan, a aproximação entre o provérbio e o significante, será a consideração que Chemama faz do que diz Valabrega, que estuda a formação e a estruturação da pulsão e do fantasma entre a consciência e a pré-consciência.

No artigo *Lembranças encobridoras* de 1899, Freud estabelece que o que rege o mecanismo do fantasma é a lei da inversão. Para Freud, segundo a lei da inversão, o fantasma se estabelece por traz da lembrança encobridora numa posição que pode ser considerada como uma virada pelo avesso. Ex. a lembrança encobridora “Levar flores a uma jovem”, de acordo com a lei da inversão significa: “Tomar-lhe a sua flor, deflorá-la”.

De imediato é possível constatar que a lembrança encobridora é passível de se abrir à busca de sua significação, o que permite a entrada em cena da interpretação uma vez que a interpretação e os seus efeitos estão intimamente relacionados com o manejo do analista em sua prática justamente no que ela convoca o analista a responder sobre a questão do seu lugar e do seu sentido, que são garantir “a natureza de uma transmutação no sujeito” (LACAN, 1998: p. 599) para que ele possa se dirigir rumo ao reconhecimento de seu desejo.

É, de acordo com a importância técnica que a interpretação adquire para a psicanálise, que se deve acolher a hipótese de que os provérbios podem lançar alguma luz sobre a lei da inversão tal como ela funciona nas lembranças encobridoras. E mais, que podem também, funcionar como instrumentos importantes para a interpretação analítica com fins a operar nos mecanismos do fantasma e promover o giro retificador desta inversão. Para que o provérbio possa lançar esta luz, devemos interrogá-lo a partir daquilo que é a função mais significativa da interpretação, a saber, que interpretar não é dar sentido à cadeia significante mas, é abrir-se à polissemia do significante, o que resulta em devolver

o sujeito ao significante irredutível que se abre à polissemia. Aqui, guardamos também toda a esperança de que os esclarecimentos das questões relativas ao fantasma e ao provérbio possam nos ajudar no momento de lançarmos luz sobre qual é a posição subjetiva de Maast.

Tendo em vista a pertinência desta hipótese, Chemama (2002) evoca a questão que Mostapha Safouan levanta acerca do que pode agir na interpretação. Partindo-se do pressuposto de que os provérbios operam uma mudança e, portanto, podem ser um vigoroso instrumento de interpretação que age sobre a lei de inversão, o objetivo passa a ser o de se identificar como funciona a ação que a interpretação exerce sobre os sujeitos para, em seguida, identificar como o provérbio funciona enquanto instrumento de interpretação.

Quanto a esta perspectiva a pergunta de Safouan é específica e diz respeito a como o provérbio funciona para que opere sobre o sujeito e provoque alguma mudança. Para responder a esta pergunta, em seu “Estudo sobre a metáfora” ele afirma que o centro nervoso da metáfora reside, não no fato de que ela opera uma substituição de termos uns pelos outros, mas no fato de que a metáfora promove a substituição. Desse modo, o nervo da metáfora está na substituição como tal e não nos termos substituídos. Para Safouan, é esta característica substitutiva da metáfora que rege o que se passa numa outa/Outra cena, lugar em que o desejo pode ser reconhecido antes mesmo, ou à margem, de ser conhecido.

Dentro desta lógica, à via do reconhecimento do desejo, do lado do analisante, se aproxima a possibilidade de o provérbio possuir características que operem nos “bastidores” idênticas às da metáfora, elevando-se à dimensão do significante, cujo jogo só se manifesta no discurso neurótico quando alguma coisa que concerne ao recalcado é colocado em questão. Isto significa que o provérbio possibilita a entrada na via do reconhecimento do desejo justo porque é através dele e de seu jogo significante que o analisante pode vir a dar-se conta da importância do que disse.

A importância dos estudos de Paulhan neste campo reside no fato de que é ele quem contribui dando os meios de ir além com o estudo dos provérbios, no que se refere à compreensão do que nele opera como meio de interpretação que faz girar a inversão do fantasma.

Daquilo que Paulhan conclui sobre o provérbio, retira-se que este opera a partir de uma função que é a mesma do significante. No que se refere a esta função, o provérbio pode ser tomado como significante que efetiva um certo jogo

ante o recalcado. Dada a equivalência entre o significante e o provérbio, deduz-se que a resposta acerca da estrutura e função significante pode lançar luz, por homologia, à estrutura e mecanismo funcional do provérbio e vice-versa. Para Lacan, no Seminário XX, o caminho para se saber o que é o significante passa pela interrogação do provérbio tal como Paulhan dele se aproximou.

No Seminário XX, Lacan pergunta: "o que é o significante?" (LACAN, 1972/1985: p. 29). De imediato, ele assume duas posições diante desta pergunta: o significante é aquilo que tem efeito de significado e, também, aquilo que diz demais. Na seqüência, após destacar as dificuldades de uma totalização do significante, ele evoca o provérbio e Paulhan para destacar que assim como "nas margens da função proverbial, que a significância é algo que se abre em leque, se me permitem o termo, do provérbio à locução" (LACAN, 1972/1985: p. 29).

A consequência desta propriedade é que o efeito de significante enquanto aquilo que produz efeito de significado na significância, corre à solta ou, dito de outro modo, à beça. O que Lacan espera é que os efeitos de significante tenham alguma relação com o real enquanto UM, ou seja, enquanto aquilo que se repete. Será como besteira que os efeitos de significantes farão UM. Para Lacan a besteira é a propriedade que o significante tem de, na significância, se coletivizar e fazer certas coleções, ou séries extraídas da linguagem e que se repetem, produzindo, assim, adjetivos substantivados. O resultado é que estes adjetivos substantivados ao se destacarem provocam os sorrisos dos anjos. Isto significa que esta função coletivizante do significante, ao produzir coletivos por adjetivos substantivados, acaba por adquirir uma natureza capaz de engendrar comportamentos coletivos, sociais etc., igualmente bestas. O adjetivo substantivado produz a substância do qual os sujeitos gozam. O significante é a res extensa substancializada pela qual se goza. Desse modo, o adjetivo substantivado faz ser, que é dado pelo significante UM: substância gozante é o que o significante é.

Como Lacan enfatiza que na via da besteira "A redondeza nós a extraímos do redondo...[e] ...a justiça do justo", (LACAN, 1972/1985: p. 32), tomarei a palavra "galo" tal como aparece em Maast como um adjetivo substantivado "O galo" que enquanto tal pode ser apreendido por grupos sociais como rio discursivo em que os sujeitos se banham.

Reencontremos Maast no momento em que ele tem o pensamento de que se embaraçaria se pensassem dele "galo". Por causa desta possibilidade, sem hesitar, Maast se alista no exército, quer dizer, deixa-se coletivizar em uma lista,

em uma série, como Zuavo no 9º regimento. O importante a ressaltar é que se ele faz isso é porque sabe que apenas se banha ou é engendrado por um significante que lhe doa uma substância oriunda do efeito de seu ser gozante. Maast se recusa a nadar neste rio que engendra a sua substância de ser gozante: “um galo”. Um anjo que se banha no significante supremo.

Observemos, então, que Maast se antecipa e faz um deslocamento de posição, a qual compreende a sua retirada da posição de “galo” e a sua entrada na posição de “zuavo”. O que pretendo fazer ver é que assim como o significante “zuavo” o significante “galo” indica um lugar destacado do Outro, lugares em que se aloja e que define a sua posição subjetiva. Mas, acontece que não são a mesma posição. Ao renunciar ao posto ou cargo de “galo”, lugar em que se instituiu como estudante que passou a ser o único da série local, Maast inicia um movimento de retificação subjetiva que se resolve quando ele passa a fazer parte daquilo que é justamente o oposto de um “único”, ou seja, de um lugar marcado pela exclusividade. O significante “zuavo” marca esta posição. Como zuavo, Maast passa a fazer parte de um grupo, de um coletivo. Aqui poderia-se argumentar que ele ainda continua na besteira. Mas, ao fazer parte deste grupo, ele se alista numa série destacada do Outro bem diferente da primeira.

A hipótese é que esse movimento de substituição significante de Maast segue a lei de inversão promovida pelo provérbio. Tomados como provérbios, ambos os significantes fazem parte da sabedoria das nações. Como tal ambos estão gastos, por isso mantém uma margem de real.

A idéia é a de que Maast segue a lógica do provérbio naquilo em que este é definido como significante da falta do Outro. Assim, pretendo situar como o sujeito Maast se relaciona com o Outro da linguagem e, também, com o significante da falta no Outro como inconsciente. Vimos que Maast se antecipa, em pensamento, àquilo que o outro poderia opinar sobre ele. Este ato de antecipação, indicado na análise morfológica pelo futuro do pretérito no modo presente do subjuntivo (*je étais...si l'on...*), pressupõe um sujeito que se relaciona com a linguagem a partir de um descentramento auto-reflexivo em relação ao seu sintoma. Daí ele poder abrir a possibilidade de se situar eticamente no ato de nomeação de seu desejo. Quando ele se antecipa e se nomeia “galo”, ele marca para si mesmo qual é naquele momento a sua posição subjetiva a partir da sua relação com o Outro da linguagem. Como este nome possui uma substância proverbial, onde o predicado se substantifica e faz UM, ao qual ele recusa, então

ele se deixa cair desta posição e substitui este UM “galo” ao permitir-se ser apanhado pelo significante “Zuavo”, significante este que compartilha de uma significação social mais valorizada naquele momento histórico.

Enquanto “galo”, Maast não se identifica com o significante da falta no Outro. Uma ligeira observação semântica do termo revela a sua polissemia e, conseqüentemente, porque Maast o recusa. De fato, “Galo” remete a “rei do terreiro”, “cozinhar o galo”, “cantar de galo”, “montar a fêmea como um galo” etc. Na via oposta, como “zuavo”, Maast encontra um lugar que lhe permite responder eticamente ao liame social, ao Outro e ao seu sintoma. Maast conclui a destituição subjetiva quando escolhe se deixar apanhar por um significante que, mesmo sendo um adjetivo substantivado, ainda assim possibilita a Maast se opor ao simbólico-imaginário em direção ao real onde o de que se trata é posicionar-se de outra maneira frente às modalidades mortíferas de gozo.

Será como zuavo que Maast olhará para a vendedora de tortas e para Jules – Charles a partir do ponto de exílio da carne, ponto de exílio marcado pela condenação que faz dos favores que recebe. Quanto à moça, naquilo que ele se barra o gozo de seu corpo. Quanto a Jules-Charles naquilo que ele se barra o comércio de favores (pele de cordeiro) que poderia, inclusive, muito bem ser circuitado pela competição e dominação uma vez que era isso que Maast fazia com os amigos na infância. A substituição significante que Maast faz, de galo para zuavo, é o ato de abertura ao advento de uma lei que mediante o seu engajamento na guerra permite-lhe atravessar o fantasma através do corpo e, assim, marcar o seu desejo no ato tal como Lacan especifica para o termo “salubre”.

O que o significante “galo” representa junto ao significante “zuavo” é, inclusive, esta auto reflexão em que se vê em dois espelhos imagens distintas, imagens resultantes, de um a outro, de uma torção representacional, com considerações e conclusões específicas que tem como consequência a escolha do ato que promove o atravessamento de seu fantasma, o que se dá por esta antecipação e esta radical mudança de posição subjetiva que lhe permite o esvaziamento da bolha em que se flagra capturado desde o inconsciente.

Mas, tudo isso acontece no seu fórum mais íntimo. Difícil imaginar algum outro soldado olhando para Maast e pensando: aí vai um rapaz cuja subjetividade comporta a destituição subjetiva assim e assim... Quanto a este ponto, no que tange ao que Maast aparenta ser às demais pessoas, poderia-se dizer que o mais provável é que ele seria julgado como neurótico de guerra, por apresentar um

comportamento estranho facilmente passível de ser entendido como uma patologia peculiar às pessoas que vão ao combate.

Nesta via, seu comportamento poderia ser entendido como uma alteração de personalidade, devido ao fato dele estar entre duas forças que lhe impõem laços emocionais intensos. (FREUD, 1925-1926/1976: p. 122). Para Freud são o líder e o irmão que exercem estas forças. No caso de Maast os demais zuavos e os comandantes do exército francês. É possível encontrar Maast comentando várias vezes as atitudes de seus amigos e as ordens de seus superiores.

Não se pode, obviamente, desconsiderar a importância da pressão exercida por estas duas forças sobre Maast, sem esquecer, inclusive, a pressão exercida pela presença do inimigo alemão e o que este representa de morte iminente. Esta pressão pode ser percebida nos momentos em que se era obrigado a deslocar-se pelos terrenos esburacados e lamacentos contra a própria vontade, obedecendo-se a uma ordem superior de bater em retirada, ordem esta que chegava sem maiores explicações e nos momentos menos esperados, e que por isso mesmo pareciam absurdas, já que se tinha acabado de tomar aquele monte.

Esta pressão pode ser percebida também no momento em que os soldados recebem os obuses que passam voando e assoviando por cima das cabeças e caem aos montes a poucos metros de distância, ao lado dos combatentes, levantando um turbilhão de terra revolvida que, ao cair, cobre uma área de mais de dez metros de diâmetro com um enorme buraco no centro. Ou, ainda, nos momentos em que eram convocados a colaborar nos afazeres ou partilhar opiniões e ações com as quais não concordava. A pior delas para Maast se dá quando ele percebe que seus amigos estão proferindo queixas contra os capitalistas, a guerra, o estado etc. Ou, pior ainda, ver a cada hora de cada dia um amigo cair morto, às vezes divididos ao meio, ou despedaçado, mas ainda vivo arrastar-se pelo chão tendo, por isso, para com os que ainda vivem e que por enquanto caminham ao seu lado, sempre um sentimento de brevidade, de despedida, incluindo-se, sobretudo, trágica e inevitavelmente a si próprio.

Mas, o que quero defender é a idéia de que mesmo tendo inúmeros e fortes motivos, Maast não sofre de qualquer tipo de alteração de personalidade comum aos combatentes em tempos de guerra. O que acontece com Maast pode ser compreendido deste um ponto de vista de outra ordem. A hipótese que reforçamos é a de que ele se propõe a atravessar o fantasma com o corpo. O que o significativo “zuavo” representa aqui é exata a justa medida na qual este corpo se deixa estar aí

no mundo como objeto a.

A idéia é, se se trata de observar Maast pela via de uma leitura da sua persona, desta máscara com a qual ele se reveste e aparece à exterioridade, há que se buscar a causa desta persona nesta tomada de posição radical que localizamos nas circunstâncias de seu alistamento no exército, e que continua a ter seus desdobramentos em toda a sua trajetória.

Quando Maast se alista, ele o faz porque constatou que sua permanência fora da guerra o confirmaria numa posição bastante embaraçosa para ele já que reprovável aos olhos dos demais a quem considerava mesmo tomando sua opiniões como ridículas, contudo, cheias de um gosto pela aventura. Dentro deste contexto, Alistar-se e ir para a guerra é o ato que permite a Maast atravessar o fantasma nomeado antecipadamente por ele próprio com o significante “galo”. É porque Maast consegue apreender a possibilidade da repetição de seu sintoma na derivação futura de um fantasma a advir, no que ele tem de sobredeterminação à sua subjetividade, que ele pode e consegue responder com um ato que, no real do corpo, escapa àquelas coordenadas diretivas. Isto acontece com ele várias vezes. É possível mesmo a cada final de capítulo ver Maast dando uma resposta às investidas que seu sintoma lhe dirige. Uma resposta ética que segue uma coerência lógica determinada por um desejo que se esforça para não cessar de se inscrever ali onde o imaginário arredo vem tentar confirmar a sua presença de forma devastadora.

Do que dissemos, é possível apreender a maneira muito interessante com a qual Jacques Maast, ao atravessar o fantasma, se coloca no que se refere à relação de objeto. Para entendermos sua posição partamos da seguinte pergunta facilitadora: atravessar o fantasma através do corpo exige uma relação de objeto negada, quer dizer, exige a ausência da relação de objeto, já que para toda relação de objeto é necessário o advento do fantasma sem o qual não é possível ao sujeito desejar? Ademais, como se dá em Maast a reparação de um problema clínico maior que Safatle coloca nos seguintes termos: "como atravessar o fantasma a fim de disponibilizar ao sujeito a experiência de um real capaz de produzir o descentramento? E, principalmente, como atravessar o fantasma sem jogar o sujeito, de uma vez por todas, no silêncio absoluto da angústia?" (SAFATLE, 2005: p. 205).

Diante destas questões, podemos adiantar que, exceto em poucos momentos, onde algo da espécie de um furo em sua subjetividade aparece, Maast

aparentemente é um sujeito totalmente apático, o que redundava em dizer que ele não se deixa impactar por afetos, logo não sente angústia. Resgato uma passagem de O guerreiro aplicado em que se vê melhor isto:

Durante muito tempo eu havia tido o desejo de abandonar a sociedade – refiro-me à gente civilizada, ao mundo – para ir viver no campo, ou perto dos selvagens. Ou, então, para ficar, exigia uma revolução imediata. Este sonho era comum a muitos jovens (que esperavam encontrar uma liberdade maior e a plenitude em uma vida natural, ao mesmo tempo em que escapariam das obrigações sociais). Acabava de realizar-se para mim de uma maneira exatamente contrária a que eu esperava já que estávamos nessa natureza à mercê de uma hostilidade muito mais perigosa que a outra. Sentia que as minhas convicções haviam sido um pouco burladas.

Mas, as reformava a partir de meu descobrimento. A causa da minha irritação tinha que estar na existência apaziguada prometida a meus sentimentos e a mim mesmo, ao sentir pela primeira vez, nesse perigo, a plenitude e a segurança de minha vida.

Quanto à hostilidade do mundo, parece-me que o sentido exato de minha reprovação foi este: que a hostilidade não era suficientemente poderosa para obrigarme a viver sob a sua ameaça. Descobri que havia aproveitado sua debilidade apenas para queixar-me dela.

Quanto à liberdade que havia de ser-me outorgada pela vida no campo, segundo o meu primeiro pensamento, adveio da obrigação a que estava sujeito, e se devia aos momentos em que eu escapava desta obrigação: a terra imensa, que nos rodeava, participava agora de minha vida interior. Imaginava suas grandezas e suas diferenças: pradarias, bosques, terras úteis, como tinha podido eu levar a cabo meus diversos sentimentos e com a mesma soltura!

A simpatia pela guerra a que eu havia chegado de uma vez, por assim dizê-lo, obscuramente se matizava assim, e encontrava justificação nisto: a claridade absoluta destes acontecimentos exteriores: a bala ou o obus que impedem qualquer confusão (esta, por exemplo, que mantém nosso humor com sol ou com chuva); bastava não estarmos preocupados nem um instante sequer por estes acontecimentos para experimentar, indo mais longe no outro sentido, o sentimento de nossa alma. (Paulhan, 1930/1982: p. 25).

4.2. A Destituição Subjetiva de Jacques Maast

Safatle indica que um objeto não idêntico, no sentido de não narcísico, pode servir ao sujeito como matriz para o pensamento de identidade (SAFATLE, 2005: p. 205- 206). O essencial é que um termo possa significar identitariamente o seu contrário. Vejamos como, ao alistar-se na guerra, Jacques Maast, cujo Eu (ich) é aquele do “Wo es war, sollen ich werden” freudiano, realiza esta operação de identificação de contrários. No seu caso, ele concilia num único ato, diria num ato de fala proverbial e, pela superfície, a identidade entre o assujeitamento ao Outro, ao outro com suas opiniões, e à excentricidade em relação ao seu sintoma.

Antes, quero esclarecer a afirmação sobre o eu freudiano de Maast. No livro O Sujeito Lacaniano, Bruce Fink declara que este Eu da frase de Freud, “Wo Es War...”, é um "Eu que assume a responsabilidade pelo inconsciente, um Eu que surge lá na associação inconsciente dos pensamentos que parece ocorrer por si mesmo, sem a intervenção de qualquer coisa parecida com um sujeito" (FINK, 1995: p. 68). Trata-se, portanto, de um Eu que se coloca na posição ética de dever advir como assumindo um lugar de implicação em relação ao inconsciente, e não de um falso self cuja função outra é a de recalcar ainda mais o inconsciente.

Maast, personagem do livro O guerreiro aplicado de Jean Paulhan, diante da possibilidade de vir a ser criticado como sendo “o único galo da vila”, na quarta semana de guerra se engaja voluntariamente na 9ª Companhia de Infantaria francesa como Zuavo. O interessante aqui é observar como o Eu de Maast faz um reconhecimento do terreno em que está para, em seguida, efetuar um deslocamento na sua posição de sujeito. Poderíamos até dizer que aqui se encontra a violência nos termos em que Zizek a define em “Paralaxe”. Ela é silenciosa e transformadora.

Este deslocamento compreende a retirada da posição de galo. Posição desconfortável que Maast vê como sendo embaraçosa para ele, pois tomada pelos camponeses como reprovável. Maast se censura e parte para a guerra porque ele percebe que os demais homens da aldeia, com exceção dos velhos e das crianças, já foram. Cabe observar que se ele antecipa a possibilidade de vir a ser identificado como “galo”, é porque já percebeu que inconscientemente ele pode vir a estar neste lugar. Então, temos um movimento realizado como consequência direta da observação e aceitação da opinião do outro, opinião externa, contrária a uma opinião interna já que ele não tinha cumplicidade para com a guerra e não

fazia planos de se engajar nela. Para Maast, a opinião das pessoas, mesmo as dos camponeses mais simples, é muito mais importante do que qualquer saber lógico racional que ele poderia vir a concluir sobre a lógica social ou do mundo. As opiniões circundantes são tomadas por Maast, como ele diz, como um gosto pela aventura: "Isso, que algumas pessoas achavam ridículo, me comovia, porque eu encontrava ali onde a razão não entrava, sentimentos nus, e um gosto pela aventura" (PAULHAN, 1930/1982: p. 12).

Mas, então, seria Maast um aventureiro, um sujeito que se atira em qualquer direção e a esmo, apenas pelo gosto aventureiro da empreitada? Se pensarmos assim, teremos que concluir que a guerra encerra para Maast um fim em si mesmo, e não um meio que se desdobra em relação à ética que se propõe seguir. Mas, se for o contrário, ou seja, que Maast se aventura porque está aberto ao real, então, a opinião e os sentimentos dos camponeses passam, deste modo, ao atuarem sobre ele como um provérbio, passam a ter sobre ele o efeito que realiza e põe à frente a inversão do fantasma. A hipótese aqui é a de que, na seqüência, o significante "Zuavo", tomado como um provérbio advindo do Outro da guerra, inverte o fantasma contido pelo significante tomado como provérbio "galo", advindo de seu pensamento. Acrescentemos que esta inversão do fantasma é coerente com a idéia de que Maast resolveu a equação de seu desejo onde este aparecia como X, ou seja, incógnita da indeterminação, na estrutura do sujeito suposto saber.

Seguindo a inversão fantasmática que o provérbio realiza, ao se ver na posição de galo, Maast se desloca e passa a ocupar um outro lugar, o de zuavo. Como zuavo, ele se instala num lugar de pouco, de falta, de real. Um lugar em que ele se joga como que indo para o lado, de escanteio. Ele sai de cena. Claro, tanto o significante "galo" quanto o significante "zuavo", por serem proverbiais, já que é característica do provérbio poder ser reduzido ao significante, indicam lugares destacados do Outro. São lugares em que Maast se aloja e a partir dos quais se redefinem as suas posições subjetivas, pois tanto um quanto outro representam – se através de outros significantes.

O que acontece é que não se trata da mesma posição. Ao renunciar ao posto de "galo", lugar em que se institui como estudante que passou a ser o único da série, Maast inicia um movimento de retificação subjetiva que se completa quando ele finalmente passa a fazer parte do lado socialmente aceito como bom. Observe-se que este lado é justamente o oposto de um "único", ou seja, de um

lugar marcado pela exclusividade. É esta a dimensão exata do termo “amansamento”, que Freud dá como o que acontece no final. Amansar a pulsão, ou seja, deixar – se laçar pelo social. O significante “zuavo” marca bem esta posição. Como zuavo, ele se deixa laçar, amansar e não levanta mais a sua própria opinião.

Assim, para concluir esta parte, à pergunta sobre em que Jacques Maast, personagem principal do livro de Paulhan, encarna a destituição subjetiva em seu efeito de ser salubre podemos vislumbrar uma primeira hipótese de resposta a partir da seguinte fórmula: Maast é o sujeito descentrado e desejante que age eticamente em relação ao seu sintoma. Sendo o sintoma a mensagem que, no final, é integrada ao discurso consciente pelo sujeito, o que Maast realiza é um ato que tem por extensão um movimento elíptico em busca de instituir o seu desejo para além da sobredeterminação que o seu sintoma lhe impunha.

Como disse, o provérbio é a maneira de Paulhan se colocar face ao terror nas letras e face ao real. Para Chemama em Paulhan a linguagem proverbial do escritor é a única maneira de promover uma inversão decisiva para se dar conta do real, pois "a experiência do real não se dá, aliás, sem uma inversão radical" (CHEMAMA, 2002: p. 25). Veremos como isso acontece, inclusive em Maast.

A característica do provérbio em dar conta do real será uma maneira linguística privilegiada de posicionar o sujeito no final de análise em relação à destituição subjetiva. Isto porque o provérbio, ao tocar o real, coloca o sujeito no lugar de objeto a. Vejamos como isso pode acontecer.

Uma das características que faz com que o provérbio seja a maneira de se dar conta do real é que nele o sujeito não é de modo algum o enunciador. Vimos como em Lacan e em Descartes a situação do sujeito depende de sua localização na frase e na significação. Não sendo o sujeito o enunciador, por sujeito entenda-se aqui o shifter (je/moi), o que ocorre é que o provérbio passa a constituir na língua a possibilidade da presença "sensível de um Outro irreduzível aos locutores concretos" (CHEMAMA, 2002: p. 26). Desse modo, os provérbios apresentam-se como enunciações que realizam o domínio do Outro sobre o sujeito. Eles adquirem seu valor justo por serem enunciados que dizem, sob várias formas, "como cada um pode ser ultrapassado pelo ato ao qual se dedica" (CHEMAMA, 2002: p. 26). Por exemplo: “A ciática sabe mais sobre mim do que eu mesmo”. O provérbio é, desse modo, a maneira pela qual é possível ao sujeito realizar a inversão pela qual ele poderá experimentar-se como assujeitado, pois no provérbio

encontramos uma maneira de dizer como as coisas acabam por escapar ao nosso controle e pesar sobre nós de fora. Para Julien Dieudonné, através dos récits Paulhan teria "inventado um modo completamente novo de expressão [...]" (DIEUDONNÉ, 2004: p. 198). O projeto que Paulhan procura concluir através deste método é o de promover um estilo autobiográfico que não construa uma imagem fiel de si, do autor, mas uma imagem autoral localizada num espaço virtual. Desse modo, a forma autobiográfica de Paulhan, ao tornar a relação autor-personagem-narrador indifusa, juntando e assumindo assim uma convergência de funções no coração do récit, estes não apenas contam uma estória, mas "presenteiam nos primeiramente e sobretudo, com uma experiência pela qual o narrador tem sido atravessado, ou uma educação a qual ele tem sido ou foi submetido" (DIEUDONNÉ, 2004: p. 198).

O que está em jogo aqui, quanto a esta posição subjetiva masoquista em que o sujeito é atravessado pelo Outro, é que o estilo literário de Paulhan, estilo este trabalhado nos seus récits através dos provérbios, possibilita resolver o dilema "sado-masoquista" ao qual a relação com o Outro pode submeter o sujeito. Quanto a este aspecto, seria inadmissível para Paulhan que o sujeito ficasse numa posição intermediária, como num compromisso, entre a passividade e a atividade alternadamente, ou seja, ora em uma posição ora na outra.

Este dilema refere-se também a que esta relação diz respeito à oposição imposta pela dicotomia entre aparentes contrários que são o exterior e o interior. É disso que Paulhan fala em "A experiência do provérbio" (PAULHAN, 1925), quando diz que é inadmissível a alternância entre, de um lado, a idéia, a sensação, a imagem ou o sentimento e, do outro, o contrário disso tudo, o que traduz que num momento o que se dá é uma parte a mais íntima de nós mesmos e num outro momento o oposto. Para Paulhan, é preciso reunir as duas idéias, os dois termos, os dois opostos, enfim, superar esta dicotomia entre dentro e fora. Aqui é o real que entra para dar conta da tarefa. Reunir as duas teses resulta na inversão decisiva que o provérbio realiza, inversão esta que pode superar a dicotomia entre dentro e fora. Não será disso que Lacan fala quando propõe a idéia de semblante?

Para ancorar esta empreitada, a leitura que Paulhan adota sobre o real é que ele não está lá onde se espera. O lugar do esperado é o dos registros simbólico-imaginário. Em termos psicanalíticos, ao contrário, o "real está na falta" (CHEMAMA, 2002: p. 27), ele está relacionado com o pouco, com aquilo que apresenta alguma deficiência, que claudica e anda de viés. O real está naquilo que

não se espera espontaneamente, por isso, para enxergá-lo melhor é preciso mudar de perspectiva, de ponto de vista. O provérbio é justamente aquilo que realiza esta inversão decisiva e necessária para que se possa olhar melhor para o real. Isso porque, para se ver o real é preciso olhar para outro lugar, meio de lado, olhar de outra maneira. O real "quanto menos está claro, melhor se o vê" (PAULHAN, 1925: p. 349).

O importante é que agora não se trata mais de um compromisso entre opostos. Não se trata mais da lógica do compromisso sintomático cuja órbita acontece em torno aos registros do simbólico e do imaginário, mas de uma lógica em que os termos são idênticos entre si, quer dizer, lógica em que um termo encontra-se idêntico ao termo que lhe é contrário. No real, as coisas se passam dessa maneira.

Cabe levantarmos como os provérbios tocam o real e contemplam as coisas na sua identidade entre opostos. Um primeiro ponto a ser criticado é que as palavras possuem vários sentidos. Neste molde, elas acabam por expressar as coisas em uma realidade constituída de oposições. Isto não é suficiente. Não é suficiente marcar a característica de que as palavras têm vários sentidos. É preciso buscar um modelo de expressão naquelas palavras que possuem a capacidade de marcar na articulação do pensamento a significação de uma idéia e seu contrário. “este é o caso da palavra francesa “jamais” (jamais) que pode querer dizer “sempre”: “Mulheres fechem para sempre [pour jamais] os olhos à vaidade” (CHEMAMA, 2002: p. 27).

5. Conclusão: *O Guerreiro Aplicado* como um modelo para a Destituição Subjetiva

O que se pode fazer é levantar algumas especulações plausíveis quanto aos possíveis sentidos que podem ser conjurados em torno destes termos. Quanto a estes possíveis sentidos, podemos proceder a uma leitura que considera o livro de Paulhan como um correlato de percurso de uma análise, no seu todo ou em partes, na face da travessia do fantasma, onde se tem uma conclusão no final. Nesses moldes, pode-se tomar os passos de Maast como momentos de ver, compreender e concluir, momentos de retificação subjetiva, de insights, de defesas, resistências, agressividade, viradas dialéticas, catarse e evolução no trato com as angústias, inibições, sintomas etc.

Poderia-se também indagar-se sobre mudanças ocorridas no supereu, no eu, ideal de eu, gozo, falo etc. Safatle, por exemplo, aventa que há um movimento que afirma ser a destituição subjetiva. Uma espécie de mutismo histórico pré-reflexivo que desemboca numa imanência quase psicótica do ser como elemento de masoquismo, sadismo etc. Trataria – se então de um estado de alma composto por nosografias, patologias etc.?

A outra possibilidade é que o livro, ao invés de ser o correlato de uma travessia do fantasma em sua evolução, diríamos, histórica, é a conclusão desta travessia em sua face de pós-análise. O melhor argumento a favor desta hipótese quem dá é o próprio Lacan. Ele diz “O guerreiro aplicado...é a destituição subjetiva salubre...”. É o que o verbo “é” (ser). Assim, acredito que a designação ostensiva de Lacan se refere ao todo o que, claro, não negligencia as partes antes, ao contrário, toma-as como aspectos coerentes com este todo a qual pertencem. Desse modo, o que Lacan aponta é que *O guerreiro aplicado* de Jean Paulhan ilustra um sujeito curado do ponto de vista da psicanálise. O livro de Paulhan nos permite, assim, ver desde a exterioridade o que acontece no mais íntimo da prática de um analista.

O guerreiro aplicado é o personagem Jacques Maast, soldado francês da guerra de 1914, do livro *O guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan.* Jacques Maast é

* No livro *Defyng Gravity* (Syrotinski, 1998), Michael Syrotinski declara que talvez este fosse um livro autobiográfico dado que muitas vezes Jean Paulhan usa o nome de Jacques Maast para assinar artigos e provérbios (recits) que ele publica em outros trabalhos. Paulhan, assim como Maast serviram na primeira guerra mundial e ambos foram feridos em 25 de dezembro de 1914.

a ilustração da destituição subjetiva em final de análise porque é uma pessoa que vai à guerra, mas a vive de modo bastante incomum. À primeira vista poderia se pensar que Maast não se engaja porque quer, já que ele não demonstra cumplicidade nenhuma para com a guerra. Ele consente em ir porque a ideologia do estado o interpela e o empurra para a situação à qual ele responde de modo bastante singular porque mesmo estando nela ele está fora, quer dizer, ele a vive de modo apático,** indiferente mas, ao mesmo tempo, com um crescente entusiasmo devido à consciência guerreira que nele começa a se formar. Tanto este entusiasmo quanto esta indiferença são o efeito de ser da destituição subjetiva. Mas a questão principal é saber como é que consentindo em ir à guerra ele, ao mesmo tempo, responde ao laço social e está curado. A resposta advém do fato de que o tratamento analítico promoveria uma operação no analisante de maneira que se obtém uma transformação do seu ser. Soler tipifica este sujeito da destituição a partir do livro de Paulhan e das considerações de Lacan:

Trata-se de um sujeito que enfrenta a situação para o qual foi chamado e com a qual ele não tem nada a ver, não tem culpa [...] O que é surpreendente é que ele o faz sem nenhuma discussão sobre o valor da guerra, sem se perguntar se é uma guerra justa ou injusta, se ele vai fazer o bem ou o mal e, no fundo, toma a guerra um pouco como um nome do real, de um real, e vai lá ver... Mas, por que se trata aí de destituição subjetiva em sua salubridade? De que doença ele se curou? Evidentemente, é um sujeito que está fora, que não é sujeito da questão. Sem questão, sem tergiversação, sem protestos, ele vai ver o que é a guerra [...] quando há um real que pode ser atroz, ele vai assim mesmo (SOLER, 2002: p. 27).

É preciso enfatizar que este “efeito de ser” se dá em sua *salubridade*. O que isto significa para Lacan? Como vimos, o Final de Análise advém da passagem do analisante a analista, e se dá como ato produzido pelo efeito de des-

Aqui, toda distinção deve ser feita entre a apatia sádica e a frieza masoquista tal como Giles Deleuze a concebe para Sade e Sacher on Masoch em seu livro “A apresentação de Sacher von Masoch”. A indiferença de Maast não é semelhante à demonstração sádica nem à cristologia partenogênica de Masoch.

** Aqui, toda distinção deve ser feita entre a apatia sádica e a frieza masoquista tal como Giles Deleuze a concebe para Sade e Sacher on Masoch em seu livro “A apresentação de Sacher von Masoch”. A indiferença de Maast não é semelhante à demonstração sádica nem à cristologia partenogênica de Masoch.

ser, ocorrido na análise, que é a condição necessária para que se efetive a destituição subjetiva em sua *salubridade*. Esta salubridade é o resultado do que acontece no contexto da dissolução da transferência estabelecida no setting analítico. Cumpre lembrar que, se no início está a transferência é porque no seu horizonte se estabelece a instituição do sujeito. O que significa que ele se institui pelas vias abertas através da suposição endereçada ao saber do analista. Antes que advenha a destituição Subjetiva, o que acontece na dissolução da transferência é des-ser. O des-ser é o resultado que se obtém a partir da efetivação da dissolução da transferência. A destituição subjetiva é uma consequência do des-ser. Como vimos, para se entender como se obtém o des-ser do sujeito é preciso distinguir o que acontece com a transferência através de seus dois operadores: o objeto a e o sujeito suposto saber. A desenvoltura da transferência, assim como seu desenlace, acontece na hiância deixada pela distância aberta entre o sujeito que suportava o saber e o objeto a; no interior do campo mesmo onde a transferência fica consistida pelo agálma,

Lacan (1955/1997) nos oferece uma chave de compreensão: O objeto pequeno a é a realização desse tipo de des-ser que atinge o sujeito suposto saber. A análise da transferência implica justamente a eliminação deste Sujeito Suposto saber. No final ambos caem. Segue-se, então, que a destituição subjetiva em final de análise e o des-ser são duas resultantes da operação de dissolução da transferência. Assim, o objetivo do método psicanalítico de tratamento é extrair, no final de uma análise, o des-ser e, conseqüentemente, a destituição subjetiva em sua salubridade. É por isso que Jacques Maast ao ser interpelado não se detém e vai. O agenciamento é feito pela ideologia da guerra de Estado que circula socialmente naquele momento historicamente dado. Diante desta interpelação ideológica, veiculada por uma moça que passa por ele na rua e lhe pergunta “você não vai?”, ele se intimida e se alista voluntariamente no dia seguinte. Este “efeito de ser” em sua salubridade é, portanto, objetivamente, a capacidade de anuência ao chamado do Outro, nesse caso particular, ao Outro da guerra. Cabe enfatizar que não se trata de uma perversão. Trata-se, de fato, de um efeito de ser saudável porque o sujeito, após ter caído como (a), estabelece um laço social de modo bastante incomum, ou seja, um laço onde o sujeito não mais se encontra alienado ao Outro, como acontecia no caso do reconhecimento intersubjetivo do desejo e sua nomeação. Falar em des-ser e ser em sua salubridade, convivendo no mesmo

sujeito, pode parecer uma contradição, uma vez que a salubridade implica um efeito de ser. Retomemos as frases de Lacan. Primeiro: "Quanto ao efeito de ser, onde melhor se vê é em Jean Paulhan. O Guerreiro Aplicado é a destituição Subjetiva em sua salubridade". Lacan, 1967/2003: p. 278) Segundo: "A destituição subjetiva não é o que faz des-ser, antes ser singularmente e forte" (Lacan, 1967/2003: p. 279).

Estas duas frases comportam um problema. Na primeira parte da primeira frase, Lacan fala em "efeito de ser". Acredito que ao dizer, na segunda parte da frase, que a "destituição subjetiva" possui uma "salubridade" ele está atribuindo a ela o estatuto de seu "efeito de ser", posto na primeira parte da frase. Então, a *salubridade* é o modo pela qual a Destituição Subjetiva ganha efeito de ser. É para esta leitura que a segunda frase aponta. Entende-se, na segunda frase, que Destituição Subjetiva faz ser, produz ser. Isto parece bastante contraditório, uma vez que a palavra *Destituição* pode levar à idéia de esvaziamento ou apagamento, ou seja, de privação da subjetividade. O que Lacan aponta, dentro da sua proposta, é que a Destituição Subjetiva *paradoxalmente* produz um mínimo de ser. Ela é um mínimo de ser. Mas, não um ser qualquer, ao contrário, um ser salubre que se destituiu de suas ilusões para ficar com o pouco que lhe resta, do que ele ainda é, e isso da melhor maneira possível, *singularmente e forte* dado que agora ele sabe que se engana e também sabe que é possível fazer algo para evitar ou elaborar em boa parte das vezes este engano que é acreditar que se pode nomear o desejo numa relação intersubjetiva. E esta é tanto uma exigência de saída saudável quanto uma exigência para um laço social saudável. "Se Paulhan esclarece essa fórmula, é por meio de um paradoxo: apenas um ser em nada muito espesso poderá verdadeiramente ser. A condição da força sustenta-se em uma certa fraqueza" (CHEMAMA, 2002: p. 32).

Deixemos de rodeios quanto ao significado de "salubre" no sentido da experiência freudiana. Significa livre, tão livre quanto possível dessa infecção, que é, aos nossos olhos – mas não somente aos nossos olhos, aos olhos desde sempre, desde que se abrem à reflexão ética – a base movediça de todo estabelecimento social enquanto tal. (LACAN, 1962: p. 14).

Salubre significa a liberdade possível diante da infecção, acrescentemos,

da segregação* produzida pelos ideais, que é o que está na base movediça de todo estabelecimento social. A salubridade implica, portanto, uma reflexão ética diante deste laço condicionado pela destituição subjetiva. Um ser pouco espesso, como o vidro que reflete a imagem por ele captada mas, que, deixa muito dessa imagem passar. Contudo não para que ela vá se depositar sobre o ideal de ego e de lá faça miragem para o sujeito fascinado, ao contrário, destituído significa que não há mais consistência no Outro, mas falta e que, portanto, lá onde o Outro era, deve advir a indiferença em relação às insígnias dos ideais. Não temos aí uma metáfora da liberdade salubre de Lacan? Isto porque o objetivo de Lacan é questionar através de *que meios se pode preservar o desejo no ato*, no ato que antes de efetivar o seu colapso, efetive a sua realização. Trata-se de estabelecer uma relação simples, livre, salubre diz ele, entre o desejo e a sua realização no ato (LACAN, 1962: p. 14). Esta destituição que constitui um novo sujeito no laço social requer, de imediato, as considerações devidas sobre suas condições de adaptabilidade. Por *salubridade* devemos entender que se trata de novos modos de adaptação social?

Nossa conclusão é a de que não se trata de reconhecer em Maast uma subjetividade que se engaja num coletivo, numa massa, como fazia grande parte dos soldados alemães da guerra de 1914, ávidos de pertencerem à esfera da Figura, abstração comovente que ao se assemelhar à do Proletário, dois espíritos de uma época, produz naqueles os mesmos efeitos de sacrifício que este produziu nos bolcheviques de todo o mundo que, uma vez unidos, implantariam na terra a ultrapassagem da dominação do homem pelo homem. Trecho de *Os trabalhadores* de Ernst Junger:

As figuras autênticas reconhecem-se no fato de a soma de todas as forças lhes poder ser dedicadas, de a maior veneração lhes poder ser testemunhada, de o ódio mais extremo lhes poder ser votado. Uma vez que elas contêm em si mesmas a totalidade, também reclamam a totalidade. Daí que o homem descubra, ao mesmo tempo que descobre a figura, a sua vocação e o seu destino, e é esta descoberta que o torna capaz do sacrifício, que obtém a sua expressão mais reveladora no sacrifício do seu sangue. (Junger, Apud CORDEIRO, 1994: p. 114).

* Primo Levi no Prefácio ao seu livro "É isto um homem" faz o seguinte comentário: "Muitos, pessoas ou povos, podem chegar a pensar, que 'cada estrangeiro é um inimigo'. Em geral, essa convicção jaz no fundo das almas como uma infecção latente [...]" (LEVI, 1958/1988: p. 7) O vínculo com a frase de Lacan fica por nossa conta.

Para Lacan trata-se antes de reconhecer em Maast uma subjetividade que se livrou desta infecção. O termo “salubridade” quer dizer exatamente isto. Quer dizer desejo no ato. Não se trata do ato que provoca um colapso do desejo do sujeito, mas do ato que se mantém na posição de “fora” do domínio de qualquer figura (gestaltung) que circunscreve um determinado campo, uma determinada forma onde o indivíduo se torna um elemento da totalidade. Lacan, no Seminário VII, enfatiza que o que se pode aprender com Freud é que não existe qualquer bem ou felicidade a ser esperado nem do microcosmo, isto é dele mesmo (do sujeito), nem do macrocosmo. Por isso, Lacan vê o social com outros olhos e, se inventa o objeto a é justamente para fazer ver que o de que se trata é que se existe uma ética que se possa dizer da psicanálise, esta nada tem quer ver com ideologias massificantes do laço social, onde "a técnica é a mobilização do mundo pela figura do trabalhador" (CORDEIRO, 1994: p. 52) e, onde o trabalhador decidido é a figura que põe a Figura em movimento, fazendo avançar a linha do niilismo na direção de sua superação. A posição de Maast diante da História é outra, pois sua posição diante de sua história agora é, na raiz, outra. Trata-se, portanto, de ver no objeto pequeno a uma política, uma *a*-política, como afirma Badiou. O seu sentido profundo é fazer ver radicalmente que se não há adequação entre o desejo e os objetos do mundo, então não pode haver qualquer tipo de ligação original entre o desejo e o Homem, este com seus elementos ou figuras que perfazem a unidade de uma época e sua lei. (GONZÁLES, 2002: p.158). Por isso, Maast diz que obedeceria de imediato à ordem que viesse de qualquer desconhecido antes mesmo de perguntar a razão, mesmo que esta ordem viesse do lado dos alemães. (PAULHAN, 1930/1982; p. 35). Em suma, à técnica do futurismo e seus utilitarismos, Lacan opõe a ética da psicanálise.

Como conclusão, explicitamos que Lacan a partir da década de sessenta, cada vez mais aproximará o termo da destituição subjetiva ao conceito de sinthome onde este seria uma saída viabilizada pela identificação do sujeito ao seu sintoma. Esta não seria uma identificação como aquela produzida pela alienação do começo da análise mas, uma identificação onde o sujeito deixa de acreditar em seu sintoma e passa a ter com ele um novo amor em que o ateísmo seria a tópica da relação. No começo, o sujeito está identificado ao seu sintoma pela crença que tem nele. No final, esta identificação se dá pela descrença radical em seu sintoma, produzida pela destituição subjetiva. A destituição subjetiva seria a condição para que o sujeito se relacionasse com o seu sintoma de forma salubre, daí este sintoma

vir a ser para Lacan o sinthome. No contexto dos fins da análise, podemos admitir que uma teorização sobre o seu final deve considerar o sujeito diante da morte mas, sobretudo, diante dos conflitos da intersubjetividade. Esta salubridade, para além de uma possível aparência de idiotia de Maast, que vive as contradições ideológicas pertencentes às sociedades divididas em classes e delas se afasta, de fato contemplaria a solução ao problema da segregação colocado desde o início deste trabalho na medida em que aponta para uma fórmula plausível sobre como estar com o outro sem soberania.

6. Anexo 1: Resumo com comentários do livro *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan

Sobre *O Guerreiro aplicado*¹, pode-se dizer que é um livro relativamente curto mas admirável, por ser uma narrativa das mais verdadeiras acerca de um sujeito que se presta às demonstrações de seus sentimentos mais íntimos. Publicado em 1917 pela Sansot, *O Guerreiro Aplicado* reaparecerá em 1930 pela Gallimard.

O livro conta a história de Jacques Maast, rapaz de 18 anos que se engaja voluntariamente como Zuavo na guerra de 1914. Trata-se de um livro de memórias. Existe a possibilidade de ser uma autobiografia.

Na abertura do livro encontramos os seguintes dizeres:

Tenho feito o amor, tenho feito a guerra, estes dois meios são plenos de atrativos. Parny. (Paulhan, 1930/1982: p. 10).

Maast está numa sala, evacuado da guerra, entre os dias 25 e 31 de dezembro de 1914, ainda ferido, recordando o passado recentemente vivido por ele naquele ano. Após se apresentar, ele relata a experiência que viveu.

Em seguida abre-se o capítulo 1.

¹ <[Société des lecteurs de Jean Paulhan](http://Société%20des%20lecteurs%20de%20Jean%20Paulhan)>, extraído em 18/05/2008. O endereço eletrônico do site é: < www.atelierpdf.com/paulhan>.

Eu aparento

Jacques Maast é o personagem principal do livro *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan. Ele tem dezoito anos e passa as férias estudantis em uma pequena aldeia no interior da França. Seu aspecto físico é um tanto selvagem. Ao mesmo tempo em que esconde a sua sensibilidade, revela a toda a gente que aparenta ser mais velho. Maast vive em um meio social que estabelece sentidos compartilhados em torno dos objetos, sentidos estes profundamente arraigados na tradição. Maast não os critica nem os refuta, antes, os aceita de boa vontade. Alguns desses sentidos referem-se à guerra.

De fato, na terceira semana de guerra a opinião circundante o interpela. Todos, inclusive as moças da vila, começam a perguntar se ele não vai para o *front*. Tanto as moças quanto os demais moradores do vilarejo ficam surpresos por Maast ainda não ter se alistado. Justo ele que há pelo menos dois anos vinha dizendo que a guerra chegaria. Isso fez com que todos acreditassem que ele tinha uma espécie de cumplicidade para com a guerra e que assim que ela chegasse, ele logo se engajaria. Seus amigos de infância Richebois e Théaud assim já o fizeram. Um dia, ao ver algumas moças passarem diante de si Maast pensou:

“J’étais embarrassé, si l’on disait de moi: “Ça va faire le seul coq du village”. (Paulhan, 1930/1982: p. 13).

*Eu ficaria embaraçado se comentassem a meu respeito:
Este vai se tornar o único galo da vila.*

De que espécie é este pensamento de Maast? Este embaraçamento teria o sentido de “estarei enrolado, em maus lençóis perante a opinião pública, ou seria embaraçado ou auto-reprovado perante um fórum íntimo que se auto censura e se auto regula? Poderíamos também admitir que se trata de uma espécie de pensamento derivado desde uma formação de compromisso para com estas

duas esferas da vida de Maast? Ou ainda, seria do tipo “desrealização” tal como Freud explicita em “distúrbio na Acrópole”, o qual ele mesmo vivenciou em Atenas? Lembremos que o pensamento repentino que Freud tem fica evidenciado como sendo do tipo “too good to be true”. O que para Freud segue os trilhos da incredulidade quanto à existência de Atenas. Neste episódio, Freud verifica que o pensamento que lhe ocorreu em Atenas (“Então tudo isto existe *mesmo*, tal como aprendemos no colégio”) é uma exclamação de incredulidade ante aquilo que julgava impossível de acontecer: a existência de Atenas, objeto de sua admiração. Quando seus olhos verificam que Atenas existe *mesmo*, ele é obrigado a acreditar numa realidade que até então parecia duvidosa ao mesmo tempo em que tem uma reação de não aceitar a realidade.

Freud nos afirma que nos casos de “bom demais para ser verdade”, tem-se o sentimento de incredulidade porque foi-se pego de surpresa “com uma boa notícia, quando sabemos que ganhamos um prêmio, por exemplo, ou que saímos vencedor, ou quando uma jovem vem a saber que o homem que ela amava em segredo pediu aos pais dela permissão para fazer-lhe a corte”. (Freud, 1936/1976: p. 297).

Vê-se que para Freud, a incredulidade ocorreu porque para ele era bom demais ser agraciado com o prêmio de conhecer Atenas. Parece-lhe neste episódio que algo bom, mas impossível ocorre e se torna realidade diante de seus olhos. O que ele diz algumas linhas adiante em seu texto é que para algumas pessoas sucede ficarem doentes justo porque algum desejo intenso seu realizou-se.

Faço esta remissão a Freud para hipotetizar se se trata do mesmo caso para Maast, ou seja, ele teve este pensamento embaraçoso por que não acreditava que seu maior desejo havia se realizado, que era o de ter todas as mulheres da aldeia, como um pai da orla primitiva, mulheres que ele não alcançava quando seus amigos estavam presentes como competidores, justo aqueles amigos sobre quem ele tinha autoridade na infância pondo-os para competir?

Poderia ser mas, em Maast não se trataria apenas de uma suposta felicitação. O tom irônico com que Maast imagina alguém lhe falando que ele seria o único galo da vila não deixa dúvidas de que não se assemelha ao de incredulidade que sente Freud. Há uma ironia na frase de auto-censura que Maast imagina. E esta ironia encarna um tom de reprovação da pessoa imaginária, portanto, do próprio Maast para consigo mesmo, mais do que de felicitação pela

constatação de um suposto prêmio adquirido.

O galo não é um animal de pouca expressão na história da França. Na verdade, ele é o símbolo daquele país. A origem do galo como emblema da França está ligada a um jogo de palavras que é possível ser feito entre as palavras homônimas gallus, que era o habitante da Gaule (ou Gália, que é parte da França e da Itália) na época romana, e gallus, o animal. O galo é uma ave que está associada ao planeta marte que é o símbolo do orgulho, justificado pela sua maneira de caminhar. Há também a idéia de que se trata do símbolo de um sujeito que estufa o peito e levanta a cabeça com orgulho, canta de galo mas, que tem os pés na lama. Ele é mais o símbolo da França rural que das cidades. Na época da revolução francesa, ele era usado como símbolo da vigilância, da prontidão e da valentia, da luz e da inteligência, isto porque ele sabe anunciar a chegada do dia. Com o declínio dos gaulois e do nacionalismo historiográfico e mitológico, o galo como símbolo declina também e, de emblema de uma época, quando era ligado à monarquia, ele passa a ser recusado. O que se apreende disto é que o galo é o símbolo da monarquia francesa porque só o rei do galinheiro é neutro. (in: O galo francês ou o coq gaulois). O galo é colocado em lugar de honra ao ser fixado em selos franceses várias vezes.

Desse modo, Maast sempre levou vantagem nas competições lúdicas que travava com os amigos. Na verdade, desde a infância, ele era o líder. Mas, quando se tratava de flertar com as garotas, eles as cortejavam melhor do que Maast. Por este motivo, a guerra seria a ocasião perfeita para ter as mulheres já que seus competidores haviam se afastado do território de disputa. Mas, Maast não se satisfaz com a vitória e a recusa ao invés de aproveitar-se da situação. Em Maast a incredulidade não se esgota numa aceitação da realidade, no sentido de gozá-la. Antes, o que tanto o branco aliteral, contido no espaço da página do livro, logo após o seu pensamento, quanto o seu engajamento na quarta semana, nos permite supor é que ele supera esta incredulidade, se é que a teve. E esta superação vai na via de que ele não recusa a realidade mas, a enfrenta.

Diante das considerações que colocamos sobre o galo como símbolo da França, poderíamos supor muito bem que Maast, com o “...este vai se tornar o único galo da vila”, estaria recebendo um elogio ao ser comparado com o galo já que galo remete a rei, inteligência, valentia etc. Mas, no contexto da guerra moderna das sociedades democráticas, ser o único a não ir lutar, ser neutro como os rei passa a ter o seu sentido invertido. Como diz o próprio Paulhan é preciso

apreender-se o contexto em que o provérbio está sendo usado para se apreender em que sentido ele está sendo empregado. Tomado literalmente e fora de um contexto social-histórico e situacional dado faz do provérbio uma expressão deslocada. Paulhan confessa que em Madagascar ficava de fora das conversas e dizia bobagens quando usava o provérbio a partir de seu sentido literal e em abstrato em relação ao contexto que as conversas situavam. Então, ser o rei, o único, o neutro, o pai da horda etc., num contexto em que todos lutam é sinal de rebaixamento. E a ironia contida no provérbio comporta a idéia de uma constatação aterradora para Maast. E o seu engajamento nos permite deduzir, ante a esta suposta irrealidade, que o que ele faz é aceitar tanto a opinião pública quanto a própria auto-censura, e aderir ao imperativo de que se deve partir. Assim, um dia, na quarta semana de guerra, diante da possibilidade de que as garotas olhassem para ele e o acusassem de ser o único galo da cidade, ele, “um pouco por timidez” (Paulahn, 1930/1982: p. 13), se engaja e passa a servir em Saint-Denis, no regimento 9 de Zuavos.* Mas, há ainda que se entender em que Maast se torna um sujeito descentrado e desejanete que se situa em relação ao seu sintoma.

Sobre Saint Denis há algo a ser dito também. Saint-Denis nada mais é que simplesmente o patrono da França. O dia de Saint Denis é 9 de outubro. Saint-Denis é um santo que tornou-se bispo de Paris, antiga Lutécia. Nascido em Roma, por volta do século III, foi enviado à Gália para converter os gauleses no tempo do imperador Décio. Por volta do ano de 258, o então imperador Valeriano ordena uma perseguição implacável aos cristãos e Saint-Denis é martirizado no vilarejo de Catulliacus que é a atual Saint-Denis. Saint Denis foi decapitado em MontMart que significa O monte do Mártir. Diz a lenda que após a sua decaptação seu corpo andou, guiado por um anjo, carregando a própria cabeça nas mãos até o local onde seria seu túmulo. Sua representação mais comum é aquela em que ele justamente caminha segurando a cabeça decepada nas mãos.

É sabido que Saint Denis parte para a Gália onde pretende disseminar a sua teologia sem romper com a teologia tradicional. Do lado de Maast poderíamos especular dizendo que ele se coloca como um mártir também mas,

* Zuavo: soldado da infantaria francesa. Zuavo é, também, um casaco estilo bolero, sem gola, que vai até a cintura, adornado com passamanaria, com manga três-quartos. Esta peça do vestuário recebeu este nome em homenagem aos zuavos, regimento de soldados franceses ligados aos hussardos, os quais na década de 1830, adotaram um traje estilo árabe que incorporava esse casaco. Durante a década de 1860 as mulheres o usaram dentro e fora de casa. In: <<http://www.babylon.com/definition/Zuavo/Portuguese>>

qual seria a sua causa? Se for o caso de Maast se colocar como um mártir, então ele se aproxima de Saint Denis pela via de ter se assujeitado à opinião dos outros sem romper com a sua. Se for este o caso, teremos que admitir que Maast se engaja a uma causa. Caberia, então, questionar sobre se esta causa é alienante ou não. Como ele não rompe com a sua causa, que é dar conta de seu desejo face ao sintoma, sua ligação ao Outro não deixa de se estabelecer numa via de reinvenção ante ao real.

Maast faz amigos neste regimento: Glintz, Sièvre e Blanchet; este último voluntário, como ele. Glintz e Sièvre fizeram juramento de não se separarem e de morrerem um pelo outro se fosse preciso. Num certo momento, alguém diz:

“Antes que chegue à frente, a guerra haverá terminado.” (Paulhan, 1930/1982: p. 13). Ao que Jacques Maast retruca, de novo, em pensamento: “Contanto que haja, ainda que seja, alguns dias de tempo para eu combater.” (Paulhan, 1930/1982: p.13).

Em outro momento, quando Maast e seus amigos estão a caminho do front, ele encontra uma moça que está à beira da estrada vendendo tortas e outros comestíveis. Descobre, então, que se trata de uma prima de uma amiga sua. “Motivo para conversar” (Paulhan, 1930/1982; p. 15), pensa ele. Vê-se aqui a sua disposição em conversar. O oposto acontece quando ele é ferido; ele se recusa a conversar. A que se deve essa oposição? A chave de compreensão aqui pode ser a relação de Maast com seu entusiasmo. Quando se encontra com a moça, vendedora de tortas, ele está à caminho da guerra. Quando é ferido, ele sente que “a porta está fechada, tudo se acabou”. (Paulhan, 1930/1982: p.85) Então, uma espécie de tristeza assola Maast. Mas, ele logo se conforma dizendo para si mesmo que ao menos vai lhe restar esta espécie de segredo, o segredo dele ser muito diferente daquilo que aparentava a toda a gente.

A certa altura da conversa ela o convida para jantar em sua casa. Ele aceita e se sente bem tranquilo no encontro. Apesar disso, surpreendentemente, o que ele diz sobre este evento é que não sentiu o prazer simples que havia esperado. Ele comenta que a moça o recebera de uma maneira encantadora, mas que o encontro resultou-lhe estranho e inútil. Em certo momento, ele até pensou em se deixar levar pela conversação e pela ternura da moça e do momento, mas sentiu um mal-estar e algum arrependimento. Neste instante ele se vê advertido de que um novo estado o assoma: “...mais que cansado, ou ávido de cuidados, estava desejoso de abandono, e de cansaço”. (Paulhan, 1930/1982: p.16).

Em outro momento Maast diz que as lembranças desta noite não são claras, mas se fizesse um esforço se lembraria, como acontece quando forçamos o olhar para lembrar de um sonho. Mais adiante ele menciona que a lembrança do mal-estar que havia sentido da primeira vez havia voltado, pois acabara de sonhar com a vendedora de tortas. Então, num gesto parecido com o de uma elaboração de sonhos, ele considera que ela havia lhe oferecido uma taça de chá quente e costurado o seu casaco de inverno. Em seguida ele diz que não considerava que a bondade da vendedora de tortas, que lhe havia oferecido o chá, tinha sido um erro. Também não fora um erro a gentileza de Jules-Charles em lhe dar uma pele de cordeiro que, inclusive, o havia feito observar que era a única do cesto em que haviam chegado. Esta pele de cordeiro havia sido mandado pelas Damas de França e repassada a ele por este amigo Zuavo. Maast *condena* tanto o gesto da vendedora de tortas quanto do amigo. Ambos são *favores*.

“O cuidado que tive em assim considerá-las e em regozijar-me apenas com elas ia contra uma das mais constantes aplicações, havia prejudicado – não posso dizer outra coisa – a consciência guerreira que, evidentemente, se está formando em mim”. (Paulhan, 1930/1982: p. 21).

Tudo isto, diz ele, fazia parte de uma advertência que lhe acometia. Uma advertência sobre o fato de que ele mais que cansado e ávido de cuidados, estava desejoso de abandono e de cansaço.

Ao lado dos relatos sobre os encontros vividos com as pessoas no interior desta experiência da guerra, Maast também nos dá relatos sobre seu comportamento e sobre as suas observações tanto do comportamento dos demais combatentes quanto de detalhes da natureza. Este costume de Maast revela-lhe a subjetividade e a personalidade (EU).

Sobre os detalhes que observa na natureza, diz ele, que em certo momento, quando caminhava ao lado de Blanchet, no interior de um bosque, percebeu que este se mostrava vermelho, verde, violeta, confuso e com preciosas cores. Ademais, acrescenta, era possível perceber que “...do alto das árvores descendiam perfumes frios”. (Paulhan, 1930/1982: p. 16).

É possível perceber que Maast tem um jeito muito próprio de estar na guerra. Ao mesmo tempo em que convive com os amigos e com a batalha, convive com a natureza; ele a observa e se abandona às impressões frívolas que tem sobre ela. Num outro momento, digno de nota também, ele narra que ao olhar para uma árvore fina e de tronco branco que estava no meio do bosque, esta lhe pareceu como que uma porta entreaberta.

O que ele diz é que o seu abandono às impressões frívolas advinham da necessidade que tinha de marchar na direção da guerra. E esta necessidade vinha com tanta força que não havia mais com o que se preocupar senão com este abandono.

Dois pontos chamam a atenção. Primeiro, em relação a esta necessidade de marchar na direção da guerra, o que está acontecendo com Maast? Ele havia dito que não tinha cumplicidade alguma com a guerra. Seu ponto de vista estará mudando? Segundo, às vezes é compreensível que ao recordar-se dos acontecimentos se utilize a primeira pessoa do plural (nós). Mas, às vezes, ele utiliza este termo para se referir a um sentimento ou a uma observação que é só dele. Aí, usar este (nós) soa estranho. Como ele pode dizer “...nos abandonávamos a estas impressões frívolas...” (Paulhan, 1930/1982: p. 17), se ele não nos dá nenhuma pista para entendermos que ele compartilha com os amigos o exercício de observar a natureza e, destas observações, retirar impressões coletivas de uma experiência tão singularmente subjetiva? Haveria um motivo outro? A resposta pode ser encontrada se analisarmos o estatuto do EU de Maast?

No limiar da guerra, Maast segue relatando o que vê. Em certo momento, ele enfatiza que as primeiras horas *os* haviam (plural) “surpreendido e fatigado” (Paulhan, 1930/1982: p. 18) mas que, depois, nas horas seguintes, as marchas tiveram um outro efeito sobre “eles”, um efeito não tão simples assim; parecia a Maast que ao mesmo tempo em que a fadiga o acometia, desenvolvia-se “neles” “...todas as forças que se opõem ao cansaço...”. Paulhan, 1930/1982: p. 18). E, diz ele, este efeito se fez sentir mais fortemente durante a travessia do bosque. Ele atribui ao grupo um sentimento próprio a partir da observação do comportamento externo do grupo.

Cumprir lembrar que Lacan diz “efeito-de-ser” e Maast está falando de “efeito”, há proximidades aí?

Cansaço, junto com forças que se opõem ao cansaço. São elementos que

co-habitam em seu espírito; elementos opositivos que deveriam se anular na proporção mesma das forças que os constituem e que exercem umas sobre as outras. No entanto, o que Maast diz é que quanto mais crescia nele a fadiga, o cansaço, mais ele experimentava uma força oposta a isto que nele se desenvolveu.

Michael Syrotinski, em seu artigo *The retóric of illness in Jean Paulhan (A retórica da enfermidade em Jean Paulhan)*, afirma que em Paulhan a estrutura quiasmática funciona sempre levando uma tensão até o seu ponto de paroxismo, ponto em que um estado se transforma em seu oposto ou contrário. Normalmente, nos récits de Paulhan, esta inversão se dá ao final dos livros ou dos capítulos. Assim, na retórica da enfermidade, a estrutura quiasmática, “o jogo de oposições que são mudados nas várias inversões quiasmáticas” (Syrotinski, 2004: p. 63), (onde a doença se transforma na cura, o real no imaginário, o sujeito no objeto etc.), faz com que não se mantenha a identidade própria do si mesmo de cada um.

A similaridade com a análise não pode passar despercebido aqui. De fato, é próprio do método analítico levar a doença até um ponto de estrangulamento, ponto em que ela passa a ceder e se transformar em seu contrário.

Outro comportamento de Maast diz respeito ao como ele se re-situa no momento em que um amigo soldado diz o seguinte:

“Parece que estamos na guerra?

- Se sairmos daqui”, disse o sargento. (Paulhan, 1930/1982: p. 18).

Após reproduzir este diálogo, Maast, sem nenhum comentário, o abandona e passa a relatar o que aconteceu com Gallas.

Aqui, poderíamos pensar que talvez ele tenha passado a relatar o que aconteceu com Gallas porque, lembremos, ele está numa sala, fora da guerra, ainda ferido, recordando o passado. Então, ele pulou de uma cena para outra, onde uma imagem se sobrepôs à outra. É plausível?

Esta hipótese marca o lugar do narrador dentro da história, mas não nos dá a sua situação subjetiva. Se debruçarmos o nosso interesse a saber qual é a posição subjetiva de Maast no contexto da guerra, mesmo que relatado ao depois, então precisamos admitir que a hipótese é outra.

Uma outra questão refere-se a que Maast fala o que sentia durante a guerra de modo fidedigno ou o seu olhar para o passado, ao se dar através da lente da

memória, sobredetermina o passado com os crivos da interpretação? Fazer esta distinção é importante, pois precisamos saber se o Maast que conta a história é o mesmo que a viveu.

Pode ser que o Maast que viveu a história seja um, o Maast re-lembrado seja outro e o Maast que conta a história um outro ainda. O primeiro estaria perdido. Seria possível que o terceiro Maast ao criar o segundo Maast fosse inteiramente fiel ao primeiro? Admitimos que, ao contrário, o terceiro Maast ao resgatar o primeiro, coloca o viés da sua interpretação no segundo.

No parágrafo seguinte, Maast diz que a chuva fina não parava de cair. Para se proteger, alguém toma de uma picareta e põe-se a cavar um abrigo em um dos lados internos da trincheira. Trabalho que resulta inútil porque a terra esta barrenta, devido à chuva, e não se sustenta, caindo e trazendo abaixo a parte mais superior da trincheira. Devido a este inconveniente, mal se tinha começado a cavar o buraco, deram a ordem para que parassem. A consequência imediata e brutal desta ordem foi que os soldados tiveram que permanecer sob a chuva com um frio interior que os impedia de moverem-se.

A recepção desta ordem provoca em Maast uma reação muito interessante. Ele declara que a ordem provocou nele uma alegria, a princípio, “dura como um golpe” (Paulhan, 1930/1982: p. 19) mas, depois a crescente de um sentimento que não é nem satisfação nem inquietude, “...mas uma tentativa de entusiasmo” (Paulhan, 1930/1982: p. 19).

Na parte 3 deste capítulo 2, Maast continua a descrever o que vê. Um atirador árabe, um zuavo com um jaleco...balas que suspiram...enfim. O que Maast diz é que ele tinha a impressão de que recebia toda esta terra, todos estes homens. Ele se lembra também que dentro de si sentia sua segurança e seu equilíbrio como se uma jovem árvore acabasse de brotar nele.

Este sentimento, diz ele, era uma conspiração de forças do seu corpo e do seu espírito que o afetavam pela semelhança com as coisas que vinham de fora e, ao mesmo tempo, pelo esforço que ele imaginava, desses soldados reunidos. Mesmo que nada da guerra tivesse ainda sido apresentada a Maast, ele a sentia dentro de si e a considerava natural.

Outro aspecto digno de nota, concernente ao comportamento ou personalidade de Maast, refere-se à sua atitude ante ao pedido que o cabo Jules-

Charles lhe dirige. Este solicita a Maast que trabalhe com ele. Maast aceita, sem queixas. E é este um dos pontos importantes da personalidade (Eu) de Maast: ele nunca se queixa, ademais, logo abandona qualquer diálogo onde um de seus interlocutores se põe a queixar-se seja da guerra, dos capitalistas, da chuva etc. Quanto a isso, ver as aspas, as reticências, os espaços em branco e as mudanças de assunto do livro. Para Maast, ao contrário, não há o de que se queixar. Mais adiante ele chegará mesmo a dizer, conclusivamente, após longa reflexão, que descobrira que durante muito tempo aproveitou-se da fragilidade do mundo para queixar-se.

Nesta mesma noite, após voltarem dos abrigos da segunda linha, Jules-Charles entrega para Maast uma pele de cordeiro. Esta pele de cordeiro fora separada por Jules-Charles de um fardo de pulôveres que as Damas de França haviam mandado para os combatentes. Será em torno desta pele de cordeiro que girará a cena principal do segundo capítulo.

Ao acordar, Maast se dá conta de que teve sonhos covardes que lhe davam uma sensação de decaimento (decadência). Após buscar as causas destes sonhos, Maast as advinha. Tratava-se do fato dele ter acabado de sonhar com a vendedora de tortas. O pensamento de Maast segue a seguinte linha. Ele considera que ela havia lhe oferecido uma xícara de chá quente. Ademais, ela havia descosturado para ele o seu casaco de inverno. Após acordar, Maast sente, junto com aquela sensação de decaimento, um mal-estar por ter o peito demasiado cálido. Este mal estar, lembra ele, estava relacionado com o fato de que ele considerou que não acreditava que a bondade da moça havia sido um erro, muito menos ter recebido de Jules-Charles a pele de cordeiro. Acontece que Maast, embora as tenha recebido e usado, condena as duas gentilezas enquanto favores provenientes tanto da vendedora de tortas quanto de Jules-Charles (que o fez notar que a pele de cordeiro era a única do cesto).

O que acontece com Maast? O que está em questão para ele neste momento, já que faz uma distinção sutil, ao aceitar os objetos enquanto bens materiais, mas os condenar enquanto “favores”?

O que ele enfatiza é que teve muito cuidado em fazer esta distinção entre o objeto e o “favor”, regozijando-se dos objetos mas, ao mesmo tempo, condenando os favores recebidos porque aceitar os objetos como favores teria ido (ou atirado ele) contra “uma mais constante aplicação” (Paulhan, 1930/1982: p. 21) de sua

parte em relação à guerra. De fato, para ele, considerar os objetos como favores teria como resultado certas conseqüências que teriam prejudicado a consciência guerreira que ele percebe que está se formando nele neste momento. Parece que ele aceita o real dos objetos mas, recusa a dimensão simbólico-imaginária dos mesmos. Não estamos aqui em plena descrição do que seja o fenômeno da destituição subjetiva em sua salubridade?

E, aqui, é preciso sublinhar o caráter formativo que esta consciência guerreira vive na trajetória de Maast.

A Noite Confusa

Reencontramos Maast relembrando que havia dias em que voavam por cima das tendas de campanha “fumaças proibidas”, o que nos faz pensar em haxixe (maconha). Ao mesmo tempo, chegava-lhe aos ouvidos um ruído de lenhadores a quem perguntavam: “Estão fazendo uma casa nova?” O comentário que Maast faz é que as casas eram de galhos e folhas, e que Blanchet não estava fazendo grande coisa na casa deles. Na seqüência, Maast passa a descrever caleidoscopicamente, coisa que está no livro todo, os fatos que se sucedem.

Sua maneira de contar é breve: trapos para deter a chuva..., um amuleto..., uma barreira de arame..., os zuavos que carregam lenha sobre os ombros..., sonhar acordado..., comer sentado ou deitado..., lubrificar um fuzil desarmado..., cabanas cheias de luz sem resplendores..., diários lidos em voz alta..., chispas das brasas..., vizinhos que se agacham para visitarem-se....(Paulhan, 1930/1982: p. 23 e segs.).

Sempre que era chamado por Jules-Charles ou por Blanchot, Maast atendia. Após considerar que a companhia deverá permanecer cinco dias na terceira linha, Maast põe-se de novo a vislumbrar o que existe nos arredores. Ele olha com agrado para as árvores (estranha intimidade esta que Maast mantém com as árvores), a água negra ou gelada dos charcos, o céu que lhe parecia maior que em qualquer outra parte, aos árabes que trabalhavam em silêncio, as ervas, as baías...todas as coisas que lhe traziam lembranças da infância; coisas que não eram de modo algum novas para ele mas, entretanto, coisas que agora eram consideradas, por ele, de uma maneira que lhe dava um novo encanto...que até

agora nada lhes tinha dado nem por acréscimo. Trata-se de um processo de despersonalização em Maast.

Maast reflete o seu estado de alma nas suas observações da paisagem. E, deste modo, o seu eu se revela.

A partir deste momento, Maast faz uma consideração sobre a natureza que está muito próxima daquela que faz Deleuze no seu estudo sobre o masoquismo em “Apresentação de Sacher-Masoch”.

Maast diz que a compreensão que ele tem da natureza é a de que ela é uma velha servente de hábitos complicados e mal intencionados mas que, contudo, é preciso seguir. Esta natureza, assim caracterizada, diz ele, é subjugada a duras penas pelos camponeses; os camponeses reinavam sobre ela penosamente.

Por sua vez, Maast diz que a guerra o obrigava a se colocar em pé de igualdade com a natureza. Como entender esta declaração de Maast? De outro modo, sob que aspectos ele se coloca em pé de igualdade com a natureza? Ademais, ele explica que é pela igualdade com a natureza, a que a guerra o obrigava, que hoje ele recebia, ou obtinha, dela, da natureza, a sua confiança.

Na sua descrição da natureza, tal como ele a compreende, Maast menciona três características. Primeiro, ela é uma mulher. Segundo, ela possui hábitos complicados e, terceiro, ela é mal intencionada. Trata-se da mãe cruel de Masoch. Podemos hipotetizar, então, que Maast se iguala à natureza pela vertente da apatia ou indiferença e, também, da obediência?.

Maast diz que por se igualar à natureza e, assim, obter a sua confiança, ele baixa ao nível de um homem que recebeu ordens, o que deixaria qualquer pessoa surpresa ao encontrá-lo, mesmo assim, rico em pensamentos e sentimentos.

Aqui reencontramos aquela idéia de contrários embutidos um no outro. Ali aonde o mais comum seria encontrarmos um homem cabisbaixo e deprimido por ter recebido ordens e ter que obedecê-las, inclusive, advindas de uma mulher cruel e mal intencionada como a mãe natureza, ali mesmo é o oposto que acontece com Maast: ele se percebe rico em sentimentos e em pensamentos.

Nesta mesma linha, ao descrever o comportamento dos animais, podemos quase concordar que é dele mesmo que Maast está falando. E o que ele diz é que ficava impressionado com a dignidade dos animais. Ele se refere em particular aos corvos que voavam cerimoniosamente sobre o bosque ou, às vezes, pousavam

sobre os caminhos. A dignidade projetada sobre os corvos a que Maast se refere e que ele apreende diz respeito ao fato de que estes animais não se mostravam “...nem amigáveis e nem ariscos...” diante dos humanos e que, além disso, simplesmente não os freqüentavam. Ademais, diz Maast, quando ele se aproximava dele, estes logo alçavam um vôo sem pressa e sem evidenciar que ele, Maast, era a causa. Esta passagem reforça a tese de que a paisagem é um estado de alma do escritor, poeta e filósofo suíço **Henri Frédéric Amiel** - [1821-1881]. In; Diários Íntimos.

Na continuidade, Maast confessa que por muito tempo havia tido o desejo de abandonar a sociedade, a gente civilizada, o mundo, para ir viver no campo ou perto dos selvagens ou, para ficar, exigia uma revolução imediata. Para ele, este desejo era o sonho comum a muitos jovens que, como ele, ansiavam encontrar maior liberdade e a plenitude da vida natural ao mesmo tempo em que escapariam das obrigações sociais.

Ironicamente, Maast constata neste momento que seu desejo e suas convicções haviam sido um pouco burladas, pois ele se dá conta de que este desejo acabava de realizar-se para ele de uma maneira exatamente contrária, ou seja, ao passo que ele esperava ir viver no campo (natureza) longe das obrigações sociais e com mais liberdade, o que de fato se deu foi que, agora, na guerra, perto da natureza, ele se encontrava a mercê de uma hostilidade muito mais perigosa que a outra. Assim, ele pensa em escapar dos perigos da cidade, buscando refúgio no campo, na natureza. O que acontece com a guerra é que ele vai para a natureza mas, ao contrário do que esperava, encontra ali, no campo e na guerra, perigos muito mais terríveis que aqueles que enfrentava na cidade. Inclusive subjetivos.

É neste ínterim que Maast dá o salto do tigre. Ali onde tinha tudo para deprimir-se, ele se reforma. No momento mesmo em que constata que suas convicções haviam sido burladas, ele as reforma a partir da descoberta de que estava irritado porque havia prometido para si mesmo a paz do campo. A reforma acontece quando ele, ao perceber que esta era a causa de sua irritação, sente pela primeira vez, no perigo, a plenitude e a segurança de sua vida.

Neste ponto, Maast faz mais uma consideração surpreendente. Ele afirma que quanto à hostilidade do mundo, parecia que o sentido de sua reprovação frente a esta hostilidade se encontrava no fato de que ela não era poderosa o suficiente para obrigá-lo a viver sob a sua ameaça. Então ele diz: “descobri que havia

aproveitado a sua debilidade apenas para queixar-me dela”. (Paulhan, 1930/1982: p. 26). Quer dizer, o homem não tem justificativa para aferrar-se ao Outro senão por causa do pior. Quanto à liberdade que ele alcançaria com respeito à vida no campo, ele considera que tal pensamento lhe ocorreu devido à obrigação a que estava assujeitado. Estes pensamentos aconteciam justo quando Maast escapava a estas obrigações.

Em seguida ele considera que a simpatia pela guerra a que havia chegado de uma vez, encontrava sua justificação no fato de que via com clareza absoluta aos acontecimentos exteriores. É que tanto a bala quanto o obus impedem toda e qualquer confusão. Basta não estar preocupado com estes acontecimentos para se ir mais longe, em outro sentido, na experiência do sentimento de nossa alma.

Maast identifica um ponto onde o sentimento de alma e o humor devido aos acontecimentos exteriores se mesclaram. E isto tornou uma de suas noites estranha.

A certa altura, após serem atacados, Maast corta um pedaço de doce para Glintz. Nesta hora, ouve de Blanchet um aviso para que não deixe a faca sobre a palha, pois alguém poderia se ferir. Novo ataque. Maast não tem medo.

Em certo momento, Blanchet diz que se feriu. Em seguida, recrimina Maast dizendo que este havia deixado a faca sobre a palha sem ter o devido cuidado tal como havia sido avisado. Alguém diz que de fato havia sido uma aranha que o picou. Alguém havia visto a aranha durante o dia, uma aranha enorme, parecida ou do tamanho de uma vespa.

Passados alguns momentos, após ter saído sem que ninguém percebesse, Blanchet retorna e afirma que recebeu um balaço. Ele tinha ido ver o médico. Entretanto, diz Blanchet, que esteve ressentido durante a noite toda por achar que tinha sido a faca de Maast a causa do ferimento. Então Blanchet é, para Maast, a figura do homem ressentido.

Parece que a confusão desta noite reside no fato de que Blanchet não soube distinguir os acontecimentos, deixando-se confundir pela guerra, pelos ataques, impedindo a pureza de sentimentos da alma, o que o levou ao ressentimento contra Maast. E, todos sabem, o ressentimento leva à paralisia.

TRE ESTE FUZIL APOIADO, ESTA TERRAPLANAGEM BRANCA...

Maast percebe que existe uma crueldade presente em todos os homens, inclusive contra si mesmo. É o tema do prazer na crueldade.

Neste capítulo, Maast enfatiza que sente algo quando é atacado. Algo parecido com medo mas, se não é medo, é algo “...ao menos (parecido com a) sensação do obus.” (Paulhan, 1930/1982: p. 34).

Mas, o mais importante é a sua afirmação de que existe nele uma indiferença para com todo o resto. Na parte dois deste capítulo, ele tentará compreender a natureza de seus sentimentos.

2.

Maast afirma ser difícil para ele compreender a natureza dos sentimentos que havia experimentado por ocasião da queda de dois obuses bem próximo dele. Para ele estes sentimentos eram de uma “estranha similitude”. (Paulhan, 1930/1982: p. 34).

Esta **estranha similitude** não se relacionava com os acontecimentos em si mas, “...com uma qualidade particular como a que, se se quer, é para o lago o seu nível de água.” (Paulhan, 1930/1982: p. 34).

Esta qualidade o decepciona a princípio. Isto porque “...não era o plano extraordinário a que parecia que as coisas da guerra deviam levá-lo”. (Paulhan, 1930/1982: p. 34).

1ª conclusão: Maast se move numa sintonia diferente à da guerra.

Na sequência, Maast continua explicando qual é a ordem de sentimentos, o nível de sentimentos que ele experiêcia.

Ele diz que apesar de as pessoas falarem que conhecem bem este tipo de sentimentos, aqui, com ele, estes tinham parecido novos e chegaram a ele como uma luz trazida por alguém. Aqui, poderíamos inferir que Maast concorda em dizer que os sentimentos que ele vive são idênticos aos vividos por qualquer combatente; o que faria com que estes sentimentos fossem resultantes da guerra.

O que Maast afirma diz respeito a uma indiferença. Ademais, diz respeito

a que ele não sentia nenhuma tristeza além daquela a que ele era obrigado quando alguém lhe demandava. Esta “tristeza”, diz ele, nunca era maior que seu “enorme e tenaz desejo de aventuras”. (Paulhan, 1930/1982: p. 35). Daí proveio, diz ele, a sua dignidade.

Em seguida, uma frase sensacional:

“Se um desconhecido tivesse vindo para me dar ordens de improviso, creio que teria obedecido por negligência, antes de pensar sequer em perguntar a razão”. (Paulhan, 1930/1982: p. 35).

Sentindo-se inferior àquilo que as circunstâncias reclamavam dele, ele se via, levado pela guerra, a um nível não próprio da guerra mas, de paz interior.

Aqui, de novo, aparece a palavra “nível” para indicar os sentimentos de Maast tanto quantitativa quanto qualitativamente. Um nível inferior. Mas, o que ele diz agora, parece contrariar aquela idéia inicial de que não era a guerra que produzia nele esta “ordem de alegrias” e sentimentos.

Chegou um tempo, diz-nos Maast, em que ele experimentava “sentimentos de um frescor excepcional”, sentimentos que não obstante eram “firmes e maduros”. Estes sentimentos apareciam em ocasiões de fatos insignificantes e que, por isso mesmo, o impactavam mais ainda.

Por cima de todos os sentimentos estava “...o sentimento continuo e simples de minha existência e de sua seriedade: davam aos meus menores sentimentos o aspecto de crenças”. (Paulhan, 1930/1982: p. 36).

Maast afirma no final do capítulo que está ocorrendo uma transmutação. É preciso identificar bem do que é que ele está falando. Ele diz “...transmutação em tudo isto”. (Paulhan, 1930/1982: p. 37). Em quê? Os sentimentos que ele vive são resultantes desta transmutação. A alegria, o medo ou a crueldade referidas, são sentimentos cujas marcas resultam de sua própria transmutação.

Como Glintz morreu

O objetivo é descrever a posição subjetiva de Maast e como ele cria laços com o meio circundante. Portanto, a pergunta agora se refere a como a morte de

Glantz pode localizar esta posição de Maast no laço social.

Glantz morreu em circunstâncias obscuras. Disseram que quando estava colocando o arame farpado na frente (front, terra de ninguém), recebeu um balaço. Disseram também que quando estava agonizando, Glantz disse: “Ao menos é morrer no campo de honra”. (Paulhan, 1930/1982: p.39). Ao que Maast imediatamente retruca em pensamento: “Por que ao menos?” (Paulhan, 1930/1982: p.39).

Quando Maast vê a cruz de Glantz, reprova-se por sentir uma espécie de satisfação que se sente sempre quando recebe o anúncio de um fato grave. Assim, vê-se que Maast é um sujeito barrado e dividido.

Contudo, a morte de Glantz provoca em Maast uma satisfação por ter sido jubilado com uma espera satisfeita: a guerra. Sim, porque a morte de Glantz trouxe-lhe a sensação de que a verdadeira guerra finalmente havia chegado.

Ademais, a constatação de que houve uma morte e não era a “nossa” Quase sempre Maast fala “nós” ao invés de “Eu”.

Esta constatação lhe causava irritação e rancor contra si mesmo, por denunciar o antigo respeito que tinha pela vida e por este apego aos vivos e outros sentimentos mais que o havia enganado “...posto que não haviam bastado, e havia tornado necessário que chegasse a guerra”. (Paulhan, 1930/1982: p. 41).

“Pela rapidez que resultava de tudo isto com respeito aos laços consagrados, a guerra era para nós uma espécie de infância”. (Paulhan, 1930/1982: p. 42).

O que havia tornado necessário que a guerra chegasse?

2.

Delieu lança a hipótese (suspeita) de que talvez Glantz tenha morrido vítima de uma bala perdida. Mas, se foram os alemães, por que eles não continuaram atirando sobre Tolleron ou sobre o próprio Glantz?

Cinco dias depois, devido ao ferimento de Lesage que precisou ser

evacuado, fica-se conhecendo a verdadeira história de Glintz. Um francês, Pourril, o havia matado. Ele servia na 3ª seção. Como não haviam avisado que a patrulha sairia, ele acreditou que fossem alemães. Assim, Maast pode entender aquele “ao menos” de Glintz.

Ao final deste capítulo, fica para Maast a conclusão de que esta espécie de segunda morte de Glintz não o comovia mais que a primeira e que, ao mesmo tempo, e de uma maneira igualmente atroz e indiferente a ela, esta segunda morte o afirmava nesta forma de vida.

A força de Pólio

Pólio recebe um pacote em que contém duas cartas. Ele pede a Maast que as leia para ele. Pólio sabe que uma das cartas é de sua mulher e que, a princípio, fala sobre as crianças. Quanto a outra carta, ele não sabe de quem é. Quando Maast termina de ler a primeira carta, Pólio lhe pede para que deixe a outra para ser lida no dia seguinte.

2.

Ao ser convidado para ir à missa, Maast diz que vai. Para ele, cada um pode pensar o que quiser acerca de Deus mas, quando se trata dos mortos...

Após uma conversa entre Virgile, Normand, Tolleron e Thielment onde eles preferiram queixarem-se sobre as mulheres e sobre a guerra, Maast se pergunta sobre quando Pólio ousará queixar-se assim.

Durante todo o percurso (rememorativo) de Maast é possível perceber que ele nunca se queixa de nada e que, ademais, interrompe qualquer discurso queixoso, seja de quem for. Agora ele se pergunta sobre a conduta de Pólio em relação à incapacidade deste em se queixar. O que Maast estará pensando?

Maast observa que Pólio “...só tem o recurso de admirar, sem distinção...” (Paulhan, 1930/1982: p 53). Traço importante da destituição subjetiva salubre; equivalente da indiferença. Pólio agrada a Maast.

Polio pede para que leiam a outra carta. O conteúdo desta segunda carta revela a Pólio que sua mulher o trai com outro homem. Quem escreveu esta carta foi um dos amigos de Pólio que não se identifica.

Ao terminar de ouvir a leitura da carta, Pólio diz a Maast que o homem que sai com sua mulher é o cabo Barron. Polio parece não acreditar na carta. Ele comenta que a mulher havia prometido que não o faria, e que quando ela promete pode acreditar.

Maast percebe que Polio fala alto e com orgulho da mulher. Diante desta constatação, Maast conclui que Polio queria que os demais escutassem suas palavras. Disso Maast deduz que Polio soube aceitar a conduta da mulher.

Maast ressalta e admira a força inesperada de Polio. Em seguida considera que a guerra está feita para Polio. E aqui somos tentados a acreditar que Maast se identifica com Polio e que, portanto, fala de si também ao comentar sobre Polio.

Maast considera que a guerra está feita para Polio porque ela é própria para quem está a ponto de perder tanto a fé quanto o gosto de viver. Como os gladiadores romanos (*munera gladiator*), que se jogavam nas arenas para morrer.

Maast compara a guerra a uma casa de putas, um bordel. E diz que assim como o bordel permite a alguém encontrar o amor – por não ter conseguido achá-lo fora, por timidez ou indiferença – também a guerra dá uma grosseira potência da vida e da morte...

A queda do refúgio

Nada do que acontece na guerra abala Maast. Ele não busca muito a razão das coisas. Passa pelos acontecimentos de modo neutro, quase frio, buscando ser imediatamente prático. Quando se depara com dois alemães mortos, ele comenta: “...o assunto não me preocupou mais do que me preocupa aqui”. (do lado francês).(Paulhan, 1930/1982: p. 57).

Paradoxalmente, Maast sente, sobretudo, uma liberdade que nenhum dever envolvia. Por isso, a parte propriamente militar de sua vida não lhe interessava para nada:

“Eu me aplicava a ela, é tudo o que posso dizer”. (Paulhan, 1930/1982: p. 58).

De que ordem é esta aplicação? É da ordem da salubridade.

Maast sente-se diminuído perante Delieu. E isto, por ter uma instrução mais ampla que a dele. Maast confessa não saber porque se reconhece socialmente vantagem aos homens cultivados (instruídos), uma vez que o efeito mais certo que estes homens recebem das lições é terem roubadas as suas confianças em si mesmos.

2.

Maast afirma ter alcançado uma grande simplicidade. Esta adveio porque a guerra fez com que os sentimentos de afeto ou antipatia que sentia fossem submetidos ao conhecimento da força ou debilidade de cada um. A guerra testava esta força ou debilidade; Maast, então sente-se simples.

Na seqüência, Maast relata um episódio envolvendo ele, Blanchet e Delieu. Para Maast, Delieu não aprovava a amizade dele com Blanchet. Talvez, por isso, Delieu cobrava uma maior ascendência sobre Maast. Maast acha que Delieu não é inteligente e que não era por vontade sua a capacidade que tinha de estar à altura das situações.

Então, Maast dá um exemplo. Certa manhã, Maast está sentado à beira do caminho, limpando o seu fuzil. Ele diz que neste momento se encontra um pouco alheio e longe do que fazia e, longe de qualquer outra coisa. De repente, percebe Delieu de pé ao seu lado. Este lhe dirige um chamado intempestivo: “Está pensando em sua mãe?” (Paulhan, 1930/1982: p. 60).

Maast sente uma enorme força em Delieu, uma força situada para além de suas palavras. Diante de tal situação, Maast se sente rebaixado e incapaz de se restabelecer moralmente, muito menos fisicamente; devido à sua posição torpe.

Nesta cena, Maast se retrata como alguém inferior a Delieu. Ele já se retratou assim antes, quando afirma que é o reflexo daquilo que o nível da água é

para o lago.

Numa outra cena, Maast fala que Blanchet ficou doente e que por isso não o abandona. Delieu tentou impedir que Maast assim procedesse ordenando-lhe que chamasse o cabo Beaufrere. Maast obedeceu. Maast dorme, então, perto de Jules-Charles. Delieu não se mostra mais ressentido com Maast, embora os juízos que ele emitia fossem severos.

Quando Blanchet melhora, Maast volta a freqüentar Delieu. Delieu continua conservando a mesma influência sobre Maast. Este procura conversar com Delieu sobre temas que pudessem interessar a ele.

Em seguida, Maast comenta que quanto à alegria de seu primeiro orgulho por ter resistido a Delieu, sente este orgulho se debilitar e experimenta o sentimento confuso de perder justo aquele sentimento que é a causa de uma série de outros pensamentos. Ele sente este prazer confuso, cuja causa está esquecida.

Às vésperas de um ataque geral, Blanchet parte para Tracy para cumprir uma tarefa sem importância. Delieu anuncia isto a Maast num tom mais calmo. A Maast lhe parece que Blanchet, ao não regressar, faltou com a amizade. “Posso castiga-lo”. Imediatamente Maast reflete e conclui que talvez Blanchet tenha ficado doente em Tracy. Neste mesmo instante, Maast se dá conta de que havia falado precipitadamente apenas para agradar a Delieu.

3.

Num canto da trincheira, Maast descobre Delieu. Este diz a Maast que não estava dormindo. Maast acredita. Observa, porém, que sentiu que Delieu precisava afirmar a sua inocência para Maast. Maast explica que tinha visto alemães perto da trincheira. Delieu lhe responde. Maast sente que pesa um triunfo sobre a conversa. Sente que Delieu agora é inferior a ele. Então, aproveita-se disto: Maast parte para Tracy à procura de Blanchet.

O joelho de Blanchet está inchado. Ademais, Blanchet sabe que se queixaram dele por ter partido e não ter regressado. “Por isto não regressei”, diz Blanchet. Maast diz que alguém havia dito a Blanchet o que ele havia dito a Delieu (sobre castigá-lo).

Maast sente que foi débil e frouxo. Por isso, sente mais vivamente a alegria de sua revanche com Delieu. Maast sente que a amizade com Blanchet não acabou “...neste momento em que começo a tornar-me digno dele”. (Paulhan, 1930/1982: p. 64).

Maast compara a guerra com a mulher: a primeira vez dá uma vida nova. Nela não é nem o mestre e nem o inventor.

Regressam os feridos

Maast afirma que os sentimentos que experimentava na guerra e diante da volta dos feridos eram débeis e confusos. Isto, na medida em que o sofrimento não era mais um simples acidente para os numerosos feridos. Eles tinham um caráter (característica) idêntico ao regressarem: a dor e o ferimento.

Outra característica comum entre eles é que a certa altura eles ficaram parecidos com os operários que saem à noite de uma fábrica “...com a mesma pressa e indiferença pelo que os rodeia.” (Paulhan, 1930/1982: p. 71).

Na página 70, Sievre chega ferido. Ao olhar e reconhecer Maast, exclama: “O que queres velho. É o que é.” (Paulhan, 1930/1982: p. 70).

Este é o ponto de partida de reflexões de Maast neste momento: as palavras com que Sievre havia aceitado a sua ferida; como algo simples e inevitável.

Para Maast, não fazia falta ter tido boas razões para combater, inclusive, para aceitar o ferimento.

Cantos na trincheira vazia

“Trincheira vizinha é ótimo”. Existe algo mais estranho do que uma trincheira inimiga? No entanto, o nome do capítulo remete a trincheira inimiga à vizinhança, quer dizer, o vizinho é o inimigo.

Na p. 76 Maast relata que diante da sede que sentia, foi até um arroio que brilhava no campo. Esta seria uma jornada perigosa e, no entanto, plena. E era por

isso mesmo que uma confiança incomum os persuadia do valor desta jornada.

2.

Neste momento, Maast constata que seus gestos estão lentos. A confiança diante do perigo é um ato. Maast se vê sem angústia ou qualquer outro sentimento nomeável. Ele apenas se percebe sózinho, como que separado de qualquer coisa do exterior.

Esta separação de qualquer coisa exterior se dá sobre tudo em relação à palavra. “...sobretudo disso que é acento, sorriso, matiz da palavra...”. (Paulhan, 1930/1982: p. 77)

Outra característica desta separação de toda coisa exterior é que Maast se sente “...abandonado a outro plano e como que rebaixado ao mais ínfimo...” (Paulhan, 1930/1982: p. 77), como o nível de água para o lago.

“Assim as bordas de um recipiente baixam justo ao nível da água que contém. (Paulhan, 1930/1982: p.78).

E o que o nível de água é para o lago é que ele marca o volume do lago.

O duplo ataque

No ataque, Maast se regozija e sente alegria. (Paulhan, 1930/1982: p. 81).

2.

Maast se encontra numa sala estranha. Foi ferido no peito por um obus. Ele se recorda do momento em que foi ferido. No instante em que foi ferido começa a estender-se nele um sentimento novo de liberdade. Então, ele se reconhece liberado de todos os esforços, do tempo, das terras. Sente uma alegria maior do que toda uma existência. Sente-se decepcionado quando levam-no da frente de combate. “Tudo acabou, a porta está fechada”. (Paulhan, 1930/1982: p

85). Também mostra o engraçado da frase em que a alegria é dimensionada com a existência.

Maast diz que, no momento em que o obus o atingiu, ele era o último do seu pelotão, e que teve o cuidado de não adiantar-se aos demais para não parecer um covarde. Ademais, sentiu-se indignado quando veio a ordem para que abandonassem uma trincheira já conquistada.

No fechamento do livro, Maast pronuncia as seguintes palavras: “Agora que voltei a mim, que ao menos me fique uma imagem, e o signo desta espécie de segredo”. (Paulhan, 1930/1982: p. 87).

7. Anexo 2: *O Guerreiro Aplicado* de Jean Paulhan (tradução integral do livro).

O Guerreiro aplicado*

1912. Jean Paulhan ensina malgache na escola das Línguas orientais. Quando a guerra eclode, serve como sargento na 9ª companhia de Zuavos.

Conhece-se dele (vestido com uniforme militar) a uma fotografia bastante bonita. A frente elevada, o olhar ligeiramente sonhador ou melancólico, o queixo, por contraste, bem desenhado e quase duro, há uma viva atenção ao universo interior, mas também a faculdade de ver e agir. Ferido em 25 de dezembro de 1914, no bosque de Saint-Mard, Jean Paulhan tira vantagem do tempo livre (a que será obrigado por ocasião de sua recuperação).

Será um livro curto, um dos mais verdadeiros que existe sobre um sujeito que se empresta às efusões, *O guerreiro Aplicado*. O título, pretendia Valery, é admirável: isso diz tudo. Publicado em 1917 por Sansot, *O Guerreiro Aplicado*

* Esta nota foi acrescida pelo autor. Não consta no original francês nem na tradução espanhola.

Extraído do site: <Société des lecteurs de Jean Paulhan> **Endereço eletrônico:**

www.atelierpdf.com/paulhan.sljp/ - 6k em 18/05/2008.

reaparecerá em 1930 pela Gallimard. Os de espíritos extremamente bons põem-no na lista das obras mestras.

(Extraído de “Quem é Jean Paulhan?”; texto escrito por Pierre Oster por ocasião do lançamento das Obras Completas de Jean Paulhan , pelas Edições Tchou.

O GUERREIRO APLICADO

*Tenho feito o amor, tenho feito a guerra,
Esses dois meios estão plenos de atrativos.*

Parny

Eu parecia...

Eu parecia ser mais velho – eu me chamo Jacques Maast e tenho dezoito anos. Quando completou a terceira semana de guerra, todo mundo, inclusive as moças da vila onde eu passo minhas férias estudantis, me perguntaram:

“Você não vai?”

Esses camponeses me conheciam desde os tempos de meus avós; tinham de mim uma opinião antiga, e que eu respeitava. Ademais, sentia-os superiores a mim por causa de seus costumes e também por suas brincadeiras. A convicção de que eu era bem mais instruído não passava de ser simples e débil: ela não me servia de nada, e é por minha boa vontade que continuo merecendo a estima de todos eles.

Estão surpresos por eu ainda não ter partido. Na verdade, há dois anos eu vinha dizendo que a guerra chegaria, e eu a havia aceitado sem inquietar-me: ter tido esta perspicácia e esta energia parece-me, agora, algo extraordinariamente belo. Eles acreditavam, pelo contrário, que essas qualidades surgiam de uma espécie de cumplicidade para com a guerra, e que por isso (assim que a guerra chegasse) eu logo me engajaria: como eu os via sempre associando as duas coisas, isso assim me pareceu também. Apesar deste ar um pouco selvagem, para eles eu sou mais sensível do que muita gente.

O velho Castagne dizia;

- “Apesar de meus setenta e cinco anos, eu iria de bom grado. Sou forte e corajoso e trabalho todos os dias”.

E Caussèque, enquanto empurrava seu carro pelas manhãs, dizia às mulheres das janelas:

- “Creio que temos vinte e dois povos conosco. Os chineses estão conosco; só que eles lutam com paus, não se pode fazê-los vir. Há também os canadenses, mas os canadenses comem os homens”.

Isso, que alguns achavam ridículo, me comovia, porque encontrava, ali onde a razão não entrava, sentimentos nus e um gosto pela aventura.

Richebois e Théaud haviam se unido a seu regimento. Neste caminho, vínhamos brincar, quando crianças, com o meu triciclo: ou melhor dizendo, eu os fazia competir e, ao primeiro, dava um prêmio. Que autoridade eu tinha, então, sobre eles, mesmo sendo ainda mais jovem. Mas, durante as últimas férias, haviam me superado em mulheres. Quando as garotas passavam com suas cestas ou conduzindo os seus irmãos menores à feira, eles as cortejavam melhor do que eu; uma delas se voltou para fitá-los, com um olhar que demonstrava um ligeiro reconhecimento.

Eu me embaraçaria, se comentassem a meu respeito:

-“Esse vai se tornar o único galo da aldeia”.

Engajei-me na quarta semana, um pouco por timidez. Uni-me, em Saint-Denis, a um regimento de Zuavos.²

Meu companheiro de quarto é Glintz. Certa noite, no café, ele me apresentou seus camaradas Sièvre e Blanchet que havia se engajado voluntariamente como eu – vamos nos entender bem, ademais devemos partir juntos. Ele convidou a sua namorada, evidentemente uma lavadeira; ela vive nessa cidade cinza e desordenada.

Certa vez, Glintz e Sièvre fizeram, diante dela e de nós, um juramento de não se separarem e, inclusive, de morrerem um pelo outro.

“Se me matarem, você escreverá para a minha família.

- Eles estarão orgulhosos, cuidaremos disso”.

Glintz faz piadas com isso, mas não muito.

²Zuavo: soldado da infantaria francesa.

Sua facilidade para falar dessas coisas íntimas me desconcertava um pouco. Entretanto, pedi para que Blanchet fosse admitido comigo no juramento. Mas não quiseram levar-nos a sério:

“Antes que vocês cheguem ao front, a guerra haverá terminado”.

“Então eu pensei: “ contanto que eu tenha ainda que seja alguns dias de tempo para combater”.

A pele de cordeiro

1

Somos um grupo de reforço de cinquenta homens que partem de Saint-Denis silenciosamente. É de manhã cedo, alguns garotos correm atrás de nós. Desplat, o condutor (guia?) desfraldou uma bandeira de dois centavos no cano de seu fuzil. Blanchet caminha ao meu lado; uma mulher jovem que algumas vezes caminha atrás de nós e outras à nossa frente, de vez em quando leva o fuzil de seu marido. Do longo caminho só me recordo da chegada a uma granja; o automóvel que vinha atrás despeja (descarrega) aqui todo o seu equipamento e retorna.

Descobrimos as baias e os celeiros. Quando quero sair, várias vendedoras de tortas e vinho já estão posicionadas próximo ao portão, apoiando suas cestas nos dois lados do caminho.

Pus-me a conversar com uma delas. Resultou que eu conhecia a sua prima que, segundo os dias, vendia, na Praça de Argélia, tortas de manteiga, caçarolas e coberturas de prata: um motivo para conversar. Quando retornei, uma hora mais tarde, sua cesta estava vazia, ou quase. Me ofereceu (me convidou para) ir jantar com ela.

Eu a segui por um bom pedaço através dos caminhos que ela tomava. Também caminhamos pelas pequenas poças de água da chuva que separam os campos pantanosos. Sua casa, baixa e apoiada sobre quatro pilares, parecia de

papelão e areia: sobre o pavimento (piso), tapetes gastos se tampavam uns aos outros. A água fervia continuamente.

Deram-me chá e repolho azedo. Um dos filhos lutava no leste, outro era enfermeiro. Chegou uma velha que de vez em quando desaparecia da sala: a vendedora de tortas sentou-se então perto de mim e me fez perguntas. Entraram suas duas filhas morenas: uma se pôs a ler e a outra saiu quase imediatamente.

Eu não sentia o prazer simples que havia esperado. Uma maneira de receber-me, que eu supunha encantadora, resultava-me, entretanto estranha, e como que inútil. Quando me ocorreu pensar: “me deixo levar pela conversação, pela ternura...”, não foi sem um mal estar, nem sem certo remorso. Desta maneira, me via advertido de meu novo estado: mais que cansado, ou ávido de cuidados, eu estava desejoso de abandono e de cansaço.

Ao voltar mais tarde, à noite, tive problemas para encontrar o caminho. A mais jovem das meninas morenas, com a qual cruzei, mostra-o desde longe. Minhas lembranças desta noite, se as forçasse, possivelmente não seriam muito claras. Entretanto, me parecem plenas de uma abundância interior semelhante à dos monumentos que alguém vê nos sonhos: pensa-se poder encontrar ali cem mil detalhes novos, e infinitos, à medida que o olhar se funde neles.

2

Blanchet e eu caminhávamos como queríamos (a nosso capricho), às vezes nos adiantávamos à tropa e, às vezes, corríamos para alcançá-la, ou tomávamos um atalho de folhas secas.

O bosque, à medida que alcançávamos certa altura, se mostrava vermelho, verde, violeta e confuso, com preciosas cores. Do alto das árvores desciam perfumes frios.

Quando o destacamento fazia um alto, nos sentávamos sobre o musgo, e comíamos sardinhas. Uma vez, foi perto de um chalé novo, às margens de um lago onde estava ancorado um bote. Uma árvore fina, e de tronco branco, parecia-se com uma porta entreaberta.

Mesmo nos momentos de parada sentíamos necessidade de caminhar e nessa direção. Com tanta força que não havia o de que se preocupar, e nos abandonávamos, a despeito de tudo, a essas impressões frívolas.

Depois do bosque veio uma campina onde pastavam cinco vacas fracas, que levavam um triângulo de madeira no cangote, em seguida, veio uma vila meio desabitada: uma anciã corria sua cortina e, desde a sala, sentada em uma grande poltrona com capa branca, nos olhava cuidadosamente passar. Mas a casa do lado tinha a porta da frente rachada com duas portinholas penduradas que se sustentavam apenas por um braço.

Mais que todo o resto, impressionou-me um porão com sua calçada quebrada, por uma fenda se via uma estante polida coberta por uma mistura de panos, terra e madeira, e essa segurança frustrada. As primeiras horas de marcha nos haviam surpreendido e fatigado, as seguintes tiveram um efeito menos simples: no mesmo tempo que a fadiga, parecia-me que se desenvolvia em nós todas as forças que se opõem ao cansaço. A coisa se fez sentir especialmente durante a travessia do bosque.

A guerra se revela mais nos caminhos cheios de buracos; um ciclista limpava sua bicicleta e um cavaleiro dava voltas em círculos diante da porta de um castelo.

Atravessamos campos desertos e um barranco enlodado. Fizemos alto em uma pedreira. Essas valas à direita e à esquerda, dissemos, são as primeiras trincheiras.

Nos protegemos da chuva, em quatro, sob umas chapas.

“Te parece que estamos na guerra?”

-Se sairmos daqui”, disse o sargento.

Gallas tira um queijo de sua mochila, mas não o come: depositamos no fundo de uma fossa a um soldado que acabam de matar. Quando a terra cai sobre ele, treme.

Esperamos, a chuva golpeia sobre a chapa. Então, um homem impulsivo e robusto sai, afastando-se da cova. Agita seu bastão e nos aponta o caminho: tomar a valeta da esquerda, nada mais. Sim, e nos lembra:

“Agachem-se, rapazes”.

Nos embrenhamos nas ramificações da trincheira. De vez em quando um homem se afasta para nos deixar passar. “detenham-se!” Retive Blanchet perto de mim. Já somos o exército que luta na primeira linha; chega a noite: diante e detrás de nós, e mais acima, a terra interna e húmida. Os alemães estão mais além desse parapeito e desse campo; não os vemos, eles tampouco a nós.

A chuva fria não parava de cair. De vez em quando eu colocava Blanchet sob meus joelhos, nos apertávamos um contra o outro tratando de juntar nossos dois capuzes. Logo, um de nós cavou um refúgio com a picareta: a terra pegajosa e mole se desprendia de vez em quando, arrastando a terra de cima. Quando o buraco estava apenas o suficientemente grande para colocar dentro dele uma Virgem Santa, nos deram a ordem para suspender o trabalho. Em outros lugares os refúgios haviam caído.

Portanto, tínhamos que permanecer sob a chuva com esse frio interior que impede mover-se. Não sei por que essa ordem me deu uma alegria, dura como um golpe – depois esse sentimento, no princípio incerto, que começou a apropriar-se de mim e que não era nem satisfação nem inquietude, mas uma tentativa de entusiasmo.

Na continuidade cresceu e me invadiu totalmente.

3

Passava um fuzileiro árabe que levava entre as suas mãos uma vasilha com brasas acesas exigindo que lhe acompanhássemos. Um zuavo, cujo peito estava coberto por um colete de aço, escalou o parapeito com dificuldade; saía para o reconhecimento. Algumas balas suspiravam ou sibilavam ao nosso redor. Eu tinha a impressão de receber toda essa terra, todos esse homens. Sentia, cá dentro, minha segurança e meu equilíbrio, como se uma jovem árvore acabasse de crescer em mim.

Essa conspiração de forças de meu corpo e de meu espírito me afetava ao mesmo tempo por uma semelhança com as coisas que vinham de fora e com o esforço, que eu imaginava, desses soldados reunidos. Sem que nada da guerra me tivesse sido apresentado, eu a sentia em mim e a achava natural.

Amanheceu, pelas aberturas víamos com dificuldade alguns rincões de terra barrosa por onde passavam alguns aramens. Conheci Ferrer e o cabo Caronis que estavam ao meu lado. Mais tarde, o cabo Jules-Charles me pediu que trabalhasse com ele, aceitei.

Não tive do que me queixar. Nesta mesma noite – tínhamos voltado aos grandes refúgios da segunda linha – ele separou para mim, de um fardo de

pulôveres e agasalhos que as Damas da França tinham enviado, uma pele de cordeiro. Viajara com um frasco de doce mal tapado, e tinha à altura do coração uma grande mancha rosa.

Quando acordei, uma neve ligeira subia e descia diante da porta. Que despertar lento e difícil. Todavia estava envolvido em meus sonhos: um vendedor esquivo – que vinha fazer aqui? – uma dor no joelho (terei de ir ver ao médico), sobretudo o temor de que me levem a este lugar sombrio e cheio de estrépitos de onde provém os obuses e essas descargas de fuzilaria.

A covardia desses sonhos me deixava uma sensação de decaimento. Mas, inclusive antes de levantar-me, busquei alhures a causa como que adivinhando-a. Não tinha a ver com essas pernas dobradas e rígidas nem com minha cabeça fria, mas com este peito demasiado cálido e delicado sob a pele de cordeiro.

De repente me voltava com força a lembrança do mesmo mal estar que senti da primeira vez. É verdade, acabava de sonhar, há um instante, com a vendedora de tortas: não me oferecera por acaso uma xícara de chá quente? Não descosera para mim a sua manta de inverno? Não creio que a bondade dessa mulher tenha sido um erro, tampouco o calor da pele de cordeiro. Só que eu havia condenado a ambas como favores (Jules-Charles me fez notar que é a única do fardo). O cuidado que tive em assim considerá-las e em regozijar-me apenas com elas ia tão em contra a uma mais constante aplicação, que teria destruído – não posso dizer outra coisa – a consciência guerreira que, evidentemente, está se formando em mim.

A noite confusa

Durante o dia voava por cima das tendas de campanha algumas fumaças proibidas. Um ruído de lenhadores; dizíamos:

“Está fazendo uma casa nova?”

- Bem, então!”

Casas de galhos e folhas. Blanchet não fazia um grande trabalho na nossa, mas, sim, coisas mais engenhosas que úteis: trapos para deter a chuva, planta (que

traz boa sorte) e uma barreira de arame que utilizamos pelo trabalho que nos deu trazê-la (ela deteria os galhos mais finos). Os zuavos carregam lenha sobre os ombros; escorregam e se agarram com uma mão nos postes das palhoças. Na entrada das barracas de campanha há estendida uma lona, comemos sentados ou encostados, sonhamos acordados, lubrificamos um fuzil desarmado. Chegava a noite, a neblina descia e se unia à nossa fumaça e às palhoças cheias de uma luz sem resplendores. Diários lidos em voz alta, chispas das brasas, os vizinhos se agacham para visitarem-se.

Às vezes tinha que descer a costa precipitadamente: Jules-Charles me chamava para que vigiasse a distribuição do pão. Ou eu ia com Blanchet para catar lenha no bosque e acendíamos o fogo que esquentava, na sua chegada, a sopa e aqueles que a traziam. A companhia deve permanecer cinco dias na primeira linha, sobre esta ladeira. Eu olhava com agrado as árvores, a água negra ou gelada dos charcos, o céu que me parecia maior que em qualquer outra parte, aos árabes que trançavam silenciosamente caniços de galhos e enrolavam o arame farpado nas defesas contra a cavalaria.

Todas essas coisas, e as ervas ou as frutas que me traziam lembranças da infância, não eram, contudo, novas para mim: mas a maneira como as considerava lhes dava um encanto da qual eu não havia sequer suspeitado até então. Esta natureza sobre a qual reinavam penosamente os camponeses tinha me deixado a idéia de uma velha servente, cujos hábitos complicados é preciso seguir, e que é naturalmente mal intencionada. Pela igualdade que a guerra me obrigava a ter com ela, eu obtinha, hoje, a sua confiança: assim, ao descer ao nível de um homem que recebeu ordens, qualquer um ficaria surpreso ao encontrá-lo rico em pensamentos e sentimentos. A dignidade dos animais me impressionava. Alguns corvos voavam cerimoniosamente por sobre o nosso bosque ou às vezes pousavam sobre os caminhos. Não se mostravam nem amigáveis nem ariscos, simplesmente não nos freqüentavam. Quando eu me aproximava, em seguida alçavam vôo em pressa e sem evidenciar que eu era a causa.

(De vez em quando um obus chega com um silvo e se funde no charco sem explodir. Às vezes, após sulcar o ar com um forte ruído, cai despedaçado sobre as folhas. Um dia vi uma bala cravar-se no tronco de um pinheiro).

Durante muito tempo eu havia tido o desejo de abandonar a sociedade – refiro-me à gente civilizada, ao mundo – para ir viver no campo, ou perto dos

selvagens. Ou, então, para ficar, exigia uma revolução imediata. Este sonho era comum a muitos jovens (que esperavam encontrar uma liberdade maior e a plenitude em uma vida natural, ao mesmo tempo em que escapariam das obrigações sociais). Acabava de realizar-se para mim de uma maneira exatamente contrária a que eu esperava já que estávamos nessa natureza à mercê de uma hostilidade muito mais perigosa que a outra. Sentia que as minhas convicções haviam sido um pouco burladas.

Mas, as reformava a partir de meu descobrimento. A causa da minha irritação tinha que estar na existência apaziguada prometida a meus sentimentos e a mim mesmo, ao sentir pela primeira vez, nesse perigo, a plenitude e a segurança de minha vida.

Quanto à hostilidade do mundo, parece-me que o sentido exato de minha reprovação foi este: que a hostilidade não era suficientemente poderosa para obrigar-me a viver sob a sua ameaça. Descobri que havia aproveitado sua debilidade apenas para queixar-me dela.

Quanto à liberdade que havia de ser-me outorgada pela vida no campo, segundo o meu primeiro pensamento, adveio da obrigação a que estava sujeito, e se devia aos momentos em que eu escapava desta obrigação: a terra imensa, que nos rodeava, participava agora de minha vida interior. Imaginava suas grandezas e suas diferenças: pradarias, bosques, terras úteis, como tinha podido eu levar a cabo meus diversos sentimentos e com a mesma soltura!

A simpatia pela guerra a que eu havia chegado de uma vez, por assim dizê-lo, obscuramente se matizava assim, e encontrava justificação nisto: a claridade absoluta destes acontecimentos exteriores: a bala ou o obus que impedem qualquer confusão (esta, por exemplo, que mantém nosso humor com sol ou com chuva); bastava não estarmos preocupados nem um instante sequer por estes acontecimentos para experimentar, indo mais longe no outro sentido, o sentimento de nossa alma.

Este é o ponto, entretanto, onde os dois se mesclaram e isto é o que tornou estranha uma de nossas noites.

“Chamam-na a de a boneca, explica Sièvre. Vem pelo ar, balançando-se da direita para a esquerda. É lenta e te dá tempo de sair correndo, mas onde cai saltam pelo menos dez metros de trincheira”.

Esta noite deixou sua companhia, que acantona no barranco, pela nossa.

“Pensar que tudo isto se passa no século XX, grita Gallas, desde a porta”.

- Mas há algo que me repugna, e muito! Que lutemos pelos capitalistas.

Eles deveriam estar na primeira linha e estão escondidos.

-Tenho um amigo que herdou vários milhões, começou a dizer Jules-Charles...”

Glintz, o indolente se encosta atrás de Blanchet: está longe do fogo, mas mais acomodado que todos nós. Eu lhe corto um pedaço de doce.

“Se deixar a sua faca sobre a palha, alguém pode se machucar, disse Blanchet.

- Será um ferimento de guerra.

- Que tenhamos uma bala no braço e uma linda bonequinha que nos cuide”, disse Glintz.

Blanchet sorri. Mas Sièvre começa outra história: há um alemão que ontem saiu de sua trincheira, avançou para nós sem fuzil, só com um pau...”

Quando dá nove horas, Glintz e Sièvre acendem uma lanterna sob seus capuzes e saem. Para orientarem-se estiram um braço adiante, se agarram e passam da primeira à segunda árvore. Blanchet e eu seguimos imóveis enquanto Jules-Charles se lava ou prova, um após o outro, os pulôveres das Damas de França, para ficar com o melhor.

O fogo que ainda arde, torna a choça ainda mais estreita. Blanchet se levanta; e, tendo cuidado para que seus movimentos se acoplem aos de Jules-Charles, amontoa as brasas de carvão aceso para que multipliquem seu calor.

Após termos nos enrolado no cobertor e de dormirmos penosamente – sem sonhar, inclusive por desconfiança para com os sonhos, e conservando da noite até a manhã os braços colados ao corpo numa mesma posição; nossa cabeça está encapuzada, é pesada, preciosa. Nossos pés, com os sapatos desatados, são leves e nos parecem descalços. (desnudos).

“Muito justo o pulôver, disse logo Jules-Charles. Respiro com dificuldade”.

Quer levantar-se e sacode as pernas.

O que nos desperta é uma repentina descarga de balas que assobiam, metralham, se chocam contra as pedras, golpeiam as árvores. Logo, são tantas que parecem reunidas e imóveis, como um bando de cigarras roncando sobre o nosso teto.

“De pé, os sacos prontos!”, disse alguém lá fora que vai pesadamente de cabana em cabana.

Eu me levantei em seguida, atei os cordões dos sapatos e me aproximei da porta. Eu tremo, entretanto, não tenho nenhum sentimento que se pareça com o medo. Mas todos se acalmam tão rapidamente. Os 120 são os únicos que estalam e rangem sobre as nuvens. Alguns galhos quebrados caem lentamente e machucam (os galhos) inferiores. Chega a noite de sempre. “Creio que me furei, disse Blanchet. Deixaste tua faca sobre a palha, te disse para ter cuidado”. Logo: “Não, é uma aranha; vi a maldita durante a noite.

- às vezes não há nada pior que as aranhas”, lhe dissemos.

Temos que dormir com estas coisas. Eu vi bem a essa aranha de ventre dourado que parecia uma vespa. Blanchet acorda e pergunta:

“O homem que ferimos, como está?

- É você que está ferido”, responde Jules-Charles.

Mas agora, tudo está mais simples.

Me levanto tarde. Neste instante Blanchet retorna, ele havia saído sem que eu me desse conta.

“Recebi um balaço. Fui até o sargento para que ele visse o meu braço. Ele me disse: “Sua manga deveria estar furada. Sim, a bala o atravessou, é preciso procurá-la na palha”. Entretanto eu estava completamente seguro de que havia sido uma faca. Estive ressentido toda a noite.

- Casamata recebeu uma coisa como esta”, disse Jules-Charles.” Lhe passou por trás do olho e se deteve a meio caminho. Vira-se rápido e diz a Ferrer: “Deixa de me incomodar”. (acreditava que lhe haviam atirado uma bolinha de pão). Em seguida ele a tira com seus dedos. As balas vinham do combate de Tracy – le – Val. Os alemães, que haviam tomado a vila, tiveram que abandoná-la.

Entre este fuzil apoiado, esta terraplanagem branca...

1

Entre este fuzil apoiado, esta terraplanagem branca, aquele claro de lua, encarreguei-me da guarda até as três da manhã. Depois fui dormir onde estavam os buracos cavados com torpeza no primeiro dia nesse refúgio escorado com tábuas. Nós o havíamos começado e a oitava companhia o terminou ontem.

Algumas raízes pendem da abóboda. Estamos encurvados, sinto sobre mim o peso do fuzil, o cinturão, a correia de couro, rígidos e incômodos como a velha carne.

Não é o ruído de um canhão ou de um fuzil o que nos desperta, mas, ao contrário, o de uma bolsa que cai ou de um homem que se levanta e puxa as nossas coisas; e as conversas matinais.

Os fuzileiros são uns inúteis. O que vi ontem tinha desintéria, estava encostado no fundo, na água. Com certeza, depois, esticou-se.

“Você não quer fazer isso?”, lhe dizem.

“Meu capitão, estou cansado.

“Você não quer fazê-lo?

-Meu capitão...” Peng! Uma paulada.

“...Um jarro de café, um jarro de café...”.

Nossas palavras despertam-se antes de nós, que devemos levar estas vestimentas húmidas e estes couros.

“Então, Virgílio e eu nos dizemos: ficaram alguns malditos alemães feridos

no bosque, vamos rematá-los. Apenas avançamos um pouco e começaram a cair obuses e mais obuses...

- Nisso você se enganou. Não é que quando eles estão ali [já] não podem resistir mais. Senão no assalto, quando se lhe crava a baioneta na barriga.

Levanto a lona, a trincheira surpreende por sua estreiteza: é um fosso do tamanho de um homem, sobre ela só se vê o céu.

Mais acima explode um obus: estilhaços rápidos sobre os galhos. Pelo vão distingo um pouco de campo, um morto congelado e grudado ao piso como uma folha ao gelo de um charco. O cabo Thielment dispara. (O que? Me ocorre que primeiro darei uns tiros sobre os cadáveres para acostumar as mãos). Uma faixa vermelha no pescoço e uma azul na cintura, leva sob seu saco aberto dois pulôveres e um jaleco descolorido de fuzileiro que exhibe. Ainda que ele pareça grosseiro e insensível, treme depois de atirar.

As folhas de uma árvore ficam amarelas, o sol tem que aparecer de algum lado.

Decoq, que passa arrastando-se de costas, se queixa: “Seria preferível uma boa bala, de uma vez por todas”. Tem uma expressão um pouco extraviada e como que uma limpidez no rosto. “Este sente muita dor, tem razões para gritar assim, diz Thielment. Entretanto quer ficar, é um valente”. Desta forma percebo uma crueldade presente em todas as partes, inclusive de um homem contra si mesmo.

Chegamos na cozinha demasiado cedo para o rancho. Esperamos, me sento sobre um fardo de arroz, o cabo e Gallas vão dar uma volta na vila. O café esquenta sobre um fogo brilhante: nós aproximamos as mãos.

Sobre a mesa colocam pedaços de carne verde e jarros de metal vazios, em grupos de cinco. Uma parede deteriorada, que sustenta algumas plantas e flores de girassol, nos separa da igreja. Cessac, que sai de quatro patas da caixa onde dorme se surpreende ao ver que já chegamos.

Revistamos [o local] e encontramos chocolate. Cessac oferece um pouquinho de run. (“O velho cozinheiro, diz, foi enviado de volta para a companhia porque tinha uma mulher na vila.”) Nos invade a calma, pelo cuidado que hoje colocamos nas coisas materiais.

Quando estamos prontos para partir, um obús assovia e vem explodir, não muito longe, com o ruído de uma porta gigantesca que alguém fecha de um modo brusco.

Saio, e só vejo este grande galho que se inclina e cai silenciosamente. Mas o cabo Caronis me empurra e se mete na cozinha, tem as mangas cobertas com uma terra que não se sacode:

“A seis passos de mim. Me olhei para ver se não me faltava nada.

- Estão se enfurecendo, diz Normand. E este tempo que segue assim.

Gallas, o velhinho, volta ao trote. Leva ao ventre o avental que lhe serve também de lenço.

Novo assovio mais forte, mais perto de nós, pavoroso. Jogamos o corpo ao chão e permanecemos imóveis um instante, fechados de corpo e espírito.

Quando o obus explodiu:

“Permaneçam de costas, grita Caronis, os estilhaços voam”.

Vejo ou imagino ver um fragmento inquietante que voa pesadamente. Acabou. Cessac sai de novo de sua caixa. Gallas corta para si um pedaço de queijo que foi comprar, caímos numa gargalhada porque Blanchet diz:

“Se tivessem posto sua bateria cinco metros adiante nos acertavam. (Teria que ter dito: cinco metros atrás.)

Contudo temos medo ou ao menos a sensação do obus. E esta indiferença ao resto.

“Se um dia eu voltar, disse Cessac, o mais calmo devido à caixa, terei coisas para contar. Porei todas as crianças ao redor e então começo. E se alguém me disser: “isto não é certo, paf! Uma bofetada”.

O segundo obus que explodiu diante da cozinha não feriu ninguém, nem ao pavão que *cloqueia* (cacareja) e tira piolhos. O primeiro havia quebrado a perna de um soldado e atingido dois cavalos: um estava morto, o segundo, com o peito e a costela direita destroçada, permanecia de pé e se distanciava de nós sem querer mostrar senão suas costas intactas.

É difícil fazer compreender a natureza dos sentimentos que eu havia experimentado nestas duas ocasiões e a estranha semelhança que adquiriram para

mim: ela não se relacionava com os acontecimentos mesmo, mas com uma qualidade particular como a que, se se quizer, é para o lago o seu nível de água.

Esta qualidade revelou-se para mim ao princípio como uma decepção; não era o plano extraordinário a que parecia que as coisas da guerra deviam levar-me.

Este relato cruel, enquanto eu o escutava implicando-me mais ou menos, não me deixava estar à sua altura – o que parecia, por outra parte, uma injustiça: “Há nisto, me dizia, toda uma ordem de alegrias singularmente vivas, como o enterrar uma baioneta em um ventre inimigo, do que me sinto excluído – entretanto, em um nível apenas inferior, me inspirava altivez e uma espécie de segurança que me fez experimentar a existência da crueldade, assim como, no lugar do medo, um sentimento de pesar bastante terno da vida.

Eu sei bem que as pessoas dizem conhecer muito destes sentimentos, mas aqui pareciam novos e se aproximavam de mim como uma luz que alguém carrega.

Eu, que havia me surpreendido, às vezes, pela minha indiferença, não sentia, nem sequer quando os deixei, nenhuma outra tristeza além da que me obrigava a de vocês, nem maior, por outra parte, que um desejo enorme e tenaz de aventuras. Daí provinha também o que eu quase não tivera, no intervalo de minhas idéias ou de minhas preocupações, essa forma de sentimento e de interesse contínuo com que alguém brinda as coisas, entre as quais está a dignidade. Se um desconhecido tivesse vindo para me dar uma ordem de improviso, acredito que teria obedecido por negligência, antes de pensar, sequer, em perguntar a razão.

Para dizer a verdade, eu supunha que este defeito é comum. E as emoções mais freqüentes me pareciam, nos outros, como facilmente desejadas e de um caráter artificial – assim eram para mim quando me aplicava a mostrá-las. De modo que tendo me sentido, até então, em toda circunstância ligeiramente inferior ao que as circunstâncias reclamavam de mim, me via levado pela guerra, a um nível não próprio dessa guerra, mas da paz anterior.

Chegou um tempo em que eu experimentava sentimentos de um frescor excepcional e, não obstante, firmes e maduros. Apareciam na ocasião de fatos insignificantes, e por isso mesmo, me impactavam muito mais.

Gaudinot, o ciclista, devia trazer-me de Compiègne, onde ia fazer as compras da companhia, papel, uma lapiseira e um tinteiro portátil. Tinha-os na mente e lhes dava volta em minha imaginação de todas as formas possíveis, e me encantou espera-los durante todo o dia. Chegarei a estar com vocês em uma sala

suave e mobiliada?

Este pensamento me transpassa, me atinge bruscamente antes de que haja tido tempo de refletir.

- apenas chega a ser uma idéia.

Mas, acima de todos os outros, estava o sentimento contínuo e simples de minha existência e de sua seriedade: dava aos meus menores pensamentos o aspecto de crenças.

A marca do primeiro medo ou crueldade a encontrava por um tipo de transmutação em tudo isso – e também na alegria que me dão hoje o ar mais suave, a neblina rosa e branca e estas pombas que levantam vôo.

Como Glintz morreu

1

Uma nova cruz de madeira na pedreira: *Glintz, morto em 25 de novembro*, está ao lado da de Clech, a quem enterramos no dia de minha chegada.

Voltamos do rancho de sopa; na véspera à noite vi Glintz escrevendo outra vez, inclinado em seu buraco, sobre uma cartolina violeta.

Passada a pedreira, tínhamos que caminhar lentamente senão as duas paredes do ramal da trincheira [(desmoronariam e)] arremessariam de um lado a outro nossas marmitas cheias e nosso fuzis. Os homens, ao ver-nos passar, desengachavam suas vasilhas e começavam a secá-las com pão.

Apoio a sopa sobre um banco e procuro Blanchet. Em um grupo espalhado ao largo entre duas valas vejo Jules-Charles que costura um pacote.

“Todos vocês são testemunhas, havia cento e dez francos no moedeiro. Não quero que alguém venha me dizer depois...”

Blanchet tem o fio, a agulha e o encarte para o endereço. Todos, deste modo, se ocupam de Glintz.

“Era meu companheiro de combate, disse Gallas, geralmente encurvado, e hoje mais ainda. Fizemos a bomba juntos, e ele não estava orgulhoso.

- Eu sei o que aconteceu, me disse Blanchet: os três colocavam os arames com o cabo Delieu y Tolleron. Puderam traze-lo até aqui, tinha recebido uma bala no coração. Apenas disse: “Ao menos é morrer no campo de honra’.

- Porque “ao menos”?

-É assim: eles estavam bem na metade do caminho entre os alemães e nós . Se arrastavam, quase não teriam que tê-los visto: claro que ao menos tinham bons atiradores. Houve apenas uma bala, Glintz a recebeu”.

Blanchet me fala tranqüilamente, sem mostrar demasiada tristeza. Eu contava com aprender outra coisa na esquadra, mas coube-me participar de um momento muito importante da vida do cabo Caronis: tinha que passar toda a tarde na vila preparando a distribuição dos cartuchos. Delieu lhe dava um endereço, alguns conselhos:

“Ela é a única que vale a pena neste lugar de má morte. Entre, peça-lhe uma bebida e pode fazer a proposta de imediato.

- Aceitará?

Caronis penteia-se o bigode e tira de seu bolso um gorro de zuavo novo. “Ela está acostumada. Ah!, claro, ofereça-lhe algo também.” Depois Delieu não queria mais falar comigo. Sim, Glintz estava morto e isso era tudo. Era um soldado a menos, e um bom soldado, insistia em dizer.

Essas corridas à cozinha davam contudo prazer. Assim que saíamos da trincheira caminhávamos por amplos planaltos [(chapadões)] desde onde, naturalmente, víamos o céu. As manhãs antes da aurora estavam cheias de um ar cinza e frio, não tão frio quanto odioso: em seguida levantava-se uma bola de nuvem desfiada e rosa. Pela tarde o dia se tornava alegre, e os campos verdes sob os círculos dos postes; às vezes cada árvore se mesclava com a neblina e o sol resplandecia inutilmente em um céu sem luz. Ao retornarem, os que traziam a sopa se lançavam cada um para um lado: “eu sei o melhor caminho.” Porém nos encontrávamos diante do buraco de uma granada onde jazia o cadáver de um cavalo: sua pele estirada havia se tornado fina e cinza e mais transparente que uma teia de aranha; em seguida, no meio da pedreira, olhávamos as cruzes para saber “se havia novidades”. Aí me interei da morte de Glintz, com surpresa e, me reprovei em seguida, por esta espécie de satisfação que dá o anúncio de um fato grave.

Mais tarde e ao ver como estranhávamos

Notei mais tarde a qualidade da perda que tínhamos sofrido, ao perceber a falta que Glintz nos fazia. Pus-me a pensar, não sei porque: se Glintz estivesse aqui, eu lhe diria...para nosso pesar, entretanto, nossos olhos às vezes o procuravam. Conservo, acima de tudo, esta imagem sua: seus cabelos brilhantes e

enrolados, seus dentes, um aspecto vagamente boêmio. Presunçoso, claro, mas sem a má intenção que aqui não tem sentido, ele era para nós uma graça, com os gostos e com os passos de uma mulher pela trincheira.

Sièvre havia me inteirado da novidade durante o dia: à noite, chegou a reunir-se conosco. Estava furioso:

“Que tratem de enviar-me para colocar arames a trinta metros da trincheira. Ah! Os chefes são todos iguais: fazem proezas com a dedicação de seus valentes.

- Glintz foi como voluntário”, respondeu Blanchet.

É fato que nenhum de nós experimentou o pesar simples e sem retorno que nos teria dado, em tempo de paz, a morte de um amigo. Talvez tivéssemos a perigosa impressão de haver entrado finalmente na verdadeira e perigosa guerra, e contra nós mesmos, sentíamos esse prazer que dá uma espera satisfeita. Ou melhor, por uma reflexão mais pessoal, sentíamos vagamente que houve a oportunidade (o acontecimento) que resultava em uma morte e que não havia sido a nossa.

Mas com toda a certeza eu sentia irritação e rancor contra esse antigo respeito pela vida, esse apego aos vivos, e esses outros sentimentos que haviam nos enganado, posto que não haviam bastado, e havia tornado necessário que chegasse a guerra. Pela ligeireza que resultava de todo este respeito pelos laços consagrados, a guerra era para nós uma espécie de infância.

2

Tínhamos resolvido vingar Glintz. Que empenho eu colocava nas minhas horas de guarda: no começo não via outra coisa a não ser o barranco, o arame e as beterrabas que estavam ao lado do meu posto. Buscava, então, um arbusto ou uma pedra onde fixar a vista.

Em alguma parte voava pelo ar um pouco de terra. Imediatamente eu fixava meus olhos nesse ponto significando todo o resto, e apontava longamente. Às vezes aparecia um objeto, uma pá, barro que alguém joga, ou a cabeça de um homem: eu disparava e não sabia mais nada.

Um dia, em um setor da trincheira alemã, vizinha à nossa, distingi uma abertura por onde parecia ver-se a terra mais clara. Quando ficou escuro e a tamparam, compreendi que um soldado observava. Disparei: um braço ergueu-se

do solo e se agitou da direita à esquerda três vezes.

Mas, nesse dia, do nosso lado, mataram dois homens.

O primeiro vitimou Bérard; foi pro sua culpa: havia saltado da trincheira, em pleno dia, para ir mexer no bolso de um morto.

Quanto a Lehmann, aconteceu no cotovelo de um ramal de trincheira onde o fosso era menos profundo. Terminávamos o relevo e sua cabeça, com certeza, sobrepassou o parapeito por uns segundos. Recebeu a bala na fonte (têmpora), caiu e quase imediatamente ficou amarelo.

Lehmann havia se unido a nós de uma maneira estranha. Era soldado auxiliar em Saint-Denis, tinha uma hérnia e passava na prisão seis dias a cada sete: fugia no sétimo dia mas voltava antes de ser declarado desertor. Ele decidiu, sem dúvida, partir para a frente: por ter ido como voluntário, logo recuperaria a estima de todo mundo. Mas, seja por timidez ou porque não quis aproveitar-se dos sentimentos honestos, escapa da prisão, rouba um fuzil, rouba também um obus da esquadra, e alcança um destacamento em Bourget. Uma vez que chegou na companhia, permanece, e não é nem mais nem menos valente que os outros.

Deitamo-lo sobre a terraplanagem de trás, com seu capote de tecido encerado que o fez parecer-se com um marinheiro. Está cinza e sem expressão, inchado já, como se todo o seu corpo refluisse em sua cara. Nos surpreende vê-lo assim feito de carne espessa: antes, nos fazia pensar em na torpeza e na inquietude.

Não morriam bruscamente para todos. Durante algumas semanas o cabo ainda recebia cartas em seu nome – para Glintz, em papéis finos que continham lamentos e preocupações: sua morte tinha sido a primeira, parecia-nos atrair as seguintes e representá-las; a certeza destas, ao contrário dos golpes que dávamos no inimigo, nos causava a todos um mal estar e, mais que um sentimento, uma idéia de desalento: a princípio, parece que estamos obrigados a conhecer da guerra apenas seu aspecto desfavorável.

Delieu começou a dizer que apesar de tudo talvez Glintz tivesse sido atingido por uma bala perdida. Senão os alemães teriam atirado de novo sobre Tolleron e sobre ele mesmo.

Cinco dias depois de Lehmann, outro homem da seção que eu não conhecia, Lesage, recebeu uma bala no ombro e foi evacuado. Talvez, devido a isso

conhecemos a verdadeira história de Glintz.

Caronis permaneceu toda uma semana em Tracy-le-Mont, mas recém regressa esta noite e trás um coelho. Delieu imediatamente vai buscar uma caçarola e gordura.

“Eu o persegui pelos campos e o abati com uma paulada...”

Delieu está de joelhos diante do fogo, não responde. Caronis já não espera nenhum elogio e deixa de mentir.

“Eu o comprei na granja, abaixo, na planície. Por ter vindo antes de ontem, não teria nada.

- Por que não o teria tido?

- Ela me cobra dois francos, não é caro. Quando ia partir a guarda me disse: “Guardava o coelho para seu marido”. É claro, engordou um coelho sonhando com o regresso do homem. Mas ontem se intera de que mataram o seu marido. Onde? Esqueci o nome, lembraria se alguém o dissesse. Uma mulher tão jovem, miúda, de vinte e dois anos, com filhos, é duro. Enfim, já não queria mais o coelho.

- Tivemos três homens mortos na companhia, outro recentemente, disse Delieu.

- E, entre eles, não sabemos. Quando vi Glintz morto e tão limpo pensei: tem alguma coisa ruim no ar.

- Quanto a Glintz, responde gravemente Delieu, não faz falta dizer. Nós o matamos, foi Pourril, da terceira seção. Não o avisaram que a patrulha sairia, na hora acreditou que eram alemães.

- Ah! Disse Caronis, ao menos quis matar ao inimigo.”

(Essas haviam sido as palavras de Glintz.) E após refletir:

“Em todo caso também temos gente que atira bem.”

Eu não havia tido o mesmo pensamento. Assim, a segunda morte de Glintz não nos comovia mais que a primeira, mas, igualmente atroz e tão diferente a ele, nos afirmava nesta forma de vida.

A força de Pólio

1

Encurvado, Pólio, que parece corcunda, afunda e sai do barro. Tem salpicaduras até nos pelos da barba.

“Que fenômeno”, disse o jovem subtenente.

Na volta da trincheira vejo por um instante o pequeno bosque que tomamos dos alemães ontem à noite; agora reforçado com arame farpado até a altura do estômago.

Os primeiros da seção entram lentamente no túnel. Marcamos o passo e Pólio se volta para mim:

“Escutou? Essas coisas não se diz.”

Talos e folhas de beterraba pendem da terraplanagem como de um vaso. Últimas coisas que vejo antes de adentrar na noite de uma gruta.

O cabo envia Chaize e Gallas para buscar o pão na pedreira onde as mulas se detém; Blanchet estende sobre o solo quatro lonas (de carpa; toldo); a luz distante dos sargentos que guiam a sua seção em volta dos pilares nos bastam.

Já escuto aos homens que trazem a areia e as fibras de palha. (Pólio deve guardar meu lugar.) Enquanto espero, caminho da direita para esquerda. Que gruta imensa. Um acampamento de atiradores argelinos dorme do outro lado de uma corda. Quando vou ultrapassá-la o sentinela estende o braço:

“Amigo zuavo, não pode passar.”

Aqui, o corredor sobe para a luz, seus pilares estão cobertos de musgo, uma abertura quadrada tem a forma de uma janela mas a bruma espessa segue em pé contra as primeiras árvores e nos protege. O pão chega, vi de longe essas grandes sombras carregadas que lançam uma fumaça branca. Chaize encontrou uma maneira de fazer cair uma bolsa: é preciso dividir também os pães sujos de terra. Quando terminei, depois de atravessar a gruta gritando: “Seções, chegou o pão!”, vou ao encontro de Pólio.

Uma vez cravada a baioneta na terra, é preciso colocar primeiro no feixe a correia que sustenta no alto as três cartucheiras depois, pela sua correia, a garrafa que balança de lá pra cá. Fazemos correr umas gotas de cera sobre a empunhadura

e em seguida colocamos a vela, que nunca se sustenta demasiado bem.

Não é mais preciso apoiar a cabeça sobre a bolsa. Dormiremos melhor do que na trincheira, porque podemos estender as pernas, mas a noite será fria com tantas correntes de ar.

Recebi um pacote, disse Pólio. Também recebi duas cartas, precisarei que me as leia. Uma, sei que é de minha mulher. Sim. A princípio trata-se das crianças...”

...e as pequenas já caminham. Quando tua prima veio vê-las elas a acompanharam até Panier-Fleuri.

...Os clientes não são muitos e quando se trata de mulheres maiores, sempre discutem os preços. Quanto a você não se preocupe conosco pois temos uma casa, eu estou bem de saúde e espero que esta carta te encontre igualmente bem. Mas vocês são como os antigos barcos, e muita coragem.

Quando termino:

“Amanhã lerás a outra para mim. Não sei de quem é, não recebo muitas cartas.”

A encomenda contém um cachecol, meias bem reforçadas, fósforos, um frasco de perfume agora cheio de aguardente, e onde restava lugar, nozes secas.

“Ela gosta de montar pacotes”, disse Pólio. Como se tivesse vergonha de mostrar diante de mim todas estas atenções.

“É claro, disse Gallas, as mulheres fazem isso para distraírem-se. Uma que cuidava de mim no hospital dizia: “pelo que vocês têm passado! Os admiro.” Isso não tem nada a ver.

Delieu: “Algumas mulheres, algumas jovencinhas, começam desta forma. As vinte que permaneceram em Tracy durante os bombardeios. E apertadas umas contra as outras nos sótãos. Depois fizeram com que eles enterrassem os mortos. Pode-se dizer que isso é o mais miserável de tudo.”

Thielment: “Nós, então, não deveríamos nos queixar. Que desgraça! Desde o ponto de vista da comida estamos bem alojados.”

Entretanto, Thielment, que resmungava, é bom para a guerra. Ele gosta de lutar. Em tempos de paz sabia como ninguém dar cabeçadas. Soldado de ofício, por outra parte. Mas esta guerra começou mal: ele acabava de obter uma

permissão de quarenta dias, essas são coisas que ninguém esquece. Jamais escreve para sua casa, por rancor. Quando os velhos reclamam ...*não sabemos se você está morto ou não*. “Ah, disse ele, têm medo de perder alguém como eu”

Também pensa que da próxima vez tudo será melhor. Mas para nós, Pólio, esta é nossa única guerra.

2

São cinco da tarde. Não temos nada para fazer esta manhã, exceto voltar a dormir ou conversar. E seguir assim, no umbral da guerra.

“...Então, relata Caronis, quando chegamos na vila nó dois, Virgile, outra granada que vem explodir a dez passos de mim. Me digo: “Apesar de tudo, não seria coisa que se equivoquem...” Pólio, que acordou, pensa em contar-me sua primeira batalha:

“Aquela noite, nos perguntam quem quer ir à missa de Toussaint. Cada um pensa o que quer acerca de Deus mas quando se trata dos mortos...Eu digo que vou. Então na manhã do dia seguinte, acordar às quatro. Eu penso: é para ir mais cedo à missa. Havia fogo na casa, estava tudo bem. Nos fazer sair para o caminho, caminhamos um quarto de hora, depois: armem barracas com os fuzis.” Esperamos. “Eu me digo, bem que poderiam ter nos deixado perto do fogo”, vejo que todo o batalhão está ali; é que iremos todos juntos. Partimos, caminhamos e caminhamos. De joelhos a cinco passos! Me surpreendo quando começa a chover, a chover balas e balas...”

Imediatamente Pólio se detém, e me deixa ali. É simples assim: não suporta a idéia de que seu chefe tenha se equivocado ou que tenham caído numa emboscada. Se surpreende de que exista guerra e se matem.

Virgile: “quando estávamos na tenda eu a cavalguei bem: ela não queria; sou demasiado jovem, dizia. Nunca ninguém resistiu tanto a mim”

Normand: “para mim é como no Marrocos. Um ano sem montar em nenhuma.”

Virgile se volta para nós:

“Se estivesse a mulher de Pólio. Lembra-se na Argélia? Como pólio permite que nos fale assim? Na hora imagino sua vida em tempos de paz e que se encontra ali tão surpreso e pobre como na guerra. No fundo ele não se surpreende

de que alguém trabalhe, que se case e viva, que possua uma mulher só para si —“ não mais feia que as coisas que andam por aí”, disse Virgile.

É possível conversar longo tempo e a sós com um homem. Mas nada nos ensina mais sobre sua força ou sua debilidade, que essas três palavras que lhe diz outro homem.

Tolleron: “Nós caminhávamos, chorávamos lágrimas de raiva. Quer dizer, teríamos querido chorar. O que se pode chorar quando não se tem nada nas entranhas?”

Thielment: “Se ao menos estivéssemos vestidos. As polainas que o governo nos dá, a massa de fígado” (patê de foie).

Quando Pólio aceitará a guerra tanto como para ousar queixar-se deste modo? Só tem o recurso de admirar, sem distinção. Thielment põe-se a galopar atrás do pequeno Lê Coz, bamboleando um pau. O outro se atira de propósito e se mantém debruçado no piso. Thielment se joga ao solo contra ele.

Normand: “Os rios correm para lá.

- Vão para o mar.

- E o mar?”

Turquet disse bruscamente:

“Fixa-te em minha velha, que tem quarenta e três anos. Acaba de ter outra cria.”

Em volta deles, a gruta sombria, e clara perto das velas. Uma Bruna de palavras e de pó circunda aos homens que dormem sob os cobertores de cor cinza-terra. Roseau levanta uma carta. Ferrer com sua pele amarela se inclina e acende de costas seu cachimbo na chama. Quando a última vela se apaga, é a noite verdadeira, há muito tempo desconhecida. (Nas trincheiras, a noite, mais humana do que se crê, nunca chega a ser de todo negra.)

Caronis: “Um que teve sorte é o cabo Barron. Tinha um cinturão cheio de moedas para gastar na guerra. Estando em Bordeaux, disse a si mesmo: “Faço o papel de idiota, paciência”. Momentos depois não lhe sobraram nem trinta francos quando foi atingido pela primeira bala.”

Tolleron: “Não, Berard. Ele economizava tudo e lhe roubaram.”

Falávamos assim dos mortos com uma ironia condescendente, como dois homens que se mantiveram juntos conversando sobre quem acaba de abandoná-los.

- É certo que temos tempo. Então, você poderia ler a outra carta enquanto esperamos.”

Pólio a tira enrugada de seu bolso, desconfia, evidentemente, talvez tenha recebido outra parecida antes:

Senhor Pólio, quem lhe escreve é um de seus amigos isto porque não posso evitar de dizer-lhe que sua mulher passa bons momentos enquanto o senhor combate pela França. Trata-se de um rapaz do café A la Citadella. Ele nos conta todas as manhãs: esta noite fizemos isto ou aquilo. Por outro lado, o senhor sabe, senhor Pólio, que isto já acontecia com o pequeno cabo moreno na época em que o senhor estava para partir...

“Esse, diz-me Pólio, é o cabo Barron, de quem falaram há pouco. Quanto ao resto não é certo; isso não voltou a acontecer desde então. Eu o sei, ela me prometeu por tudo o que se pode prometer, no dia em que nós embarcamos. E quando ela promete...”

Fala alto, e se é orgulhoso comigo, também deseja que Virgile o escute.

Ela fez este juramento no dia da partida sobre a cabeça de suas duas filhinhas, ou de sua mãe que está morta. E Pólio soube aceitá-lo: ele é conhecido por valorizar que lhe prometam e cumpram. De tal modo ressalto e admiro esta força inesperada que lhe vem da guerra. (Entretanto, ele não é nem muito hábil nem muito valente). Imagino que esta guerra está feita para Pólio ou para algo no mundo que se lhe assemelhe, por ter estado a ponto de perder tanto a fé quanto o gosto de viver. Como um bordel permite o amor a quem não soube encontrá-lo fora por amor ou por timidez, a guerra dá essa grosseira potência da vida e da morte que ninguém pode esquecer ter possuído um dia. Quanto temerá Pólio, mais adiante, a outros homens semelhantes aos que ele matou, a outros homens que ele teria podido matar. Pela guerra, mais intensa que os outros acontecimentos e contudo com a mesma natureza e aparência deles, mesmo que engrandecida, se acostumará ao resto.

O refúgio que desmorona

1

Quando chega a noite, subitamente o cabo Caronis grita:

“Avançar!”

Ele salta por cima do parapeito e eu o escuto cair sobre as folhas. Imediatamente, Rechia e Ferrer, sem dizer palavra, saltam atrás dele. Eu os sigo, corro, enrosco-me numa árvore. Salto para um fosso, eles estão ali.

“Tomamos o pequeno posto”, dizem eles.

Dois alemães mortos estorvam a passagem pelo ramal da trincheira. Outro escapou golpeando Rechia cujo lábio sangra. Caronis recebeu um golpe de baioneta.

O assunto não me preocupou mais do que me preocupa aqui. Mas era preciso substituir Caronis e eu fui designado.

Eu merecia, sem dúvida, ser nomeado cabo; custaria-me explicar as razões. Sentindo sobretudo uma liberdade que não entrava em nenhum dever, a parte propriamente militar de minha vida não me interessava para nada. Eu me aplicava a ela, é tudo o que posso dizer.

Partilhava a tenda de campanha e as comidas com o cabo Delieu.

Delieu é rechonchudo, de traços regulares, de pele rosa e bem penteado; ao que não faltava vulgaridade, faz com que, contudo, esta noite, tenha ares de alguém importante da vila. Os homens que o rodeiam têm faces cinzas e estendem suas mãos para o fogo. Também chove dentro porque a água que se acumulou atravessa de golpe a lona esticada sobre as fendas do teto.

Quando a noite avança, cada um volta para sua cabana. Menos Blanchet, não é que Delieu tenha me recebido mal, mas me incomoda por sua segurança e sua certeza de ser superior a mim.

Me sentia diminuído diante dele por ter uma instrução mais ampla que a sua. Não sei por que se reconhece uma vantagem aos homens cultivados: o efeito mais garantido das lições que recebem é o de lhes solaparem, de entrada, a confiança que têm neles mesmos. Pode ser que, sentindo o perigo que os ameaça,

se encontrem mais violentamente, que qualquer outro, imunes a toda a cultura. (Acontece o mesmo com essas pessoas que ninguém sabe que esteve no cárcere ou em outras histórias parecidas; se não são humildes, é necessário que tenham mais equilíbrio que as outras).

Blanchet pedia sempre para acompanhar-me nas patrulhas. Às vezes íamos juntos pela noite para colocar as cercas de arame.

2

Parecia que nossos sentimentos de afeto ou de antipatia tinham passado a um segundo plano e tinham sido submetidos pela guerra ao conhecimento da força ou da debilidade de cada um de nós, -conhecimento firme e que dava à nova ordem que sentíamos ter alcançado uma grande simplicidade.

Como Delieu falava pouco comigo, era evidente que não aprovava minha amizade com Blanchet; por isso, ao mesmo tempo, tem cobrado uma maior ascendência sobre mim: o que não era sem dúvida devido à sua inteligência nem tampouco à sua vontade; mas senão que tinha uma certa maneira de estar por dentro e à altura das situações que me impressionava.

Por exemplo, eu estava sentado na minha tenda ocupado em limpar o meu fuzil. Minhas duas pernas sobressaiam e pendiam para o caminho. Era uma destas manhãs em que ninguém bem o que é que lhe falta, um vaso de rum, uma má notícia ou trabalhar em grupo; ninguém recebeu o impulso, nem saiu para viver este dia. Eu me encontrava então um pouco alheio ao que fazia, e de qualquer outra coisa; do que me dei conta ao receber esse chamado intempestivo, Delieu estava de pé, ao meu lado:

“O que foi? Está pensando na sua mãe?” , me disse.

A razão de seu retorno era que tinha que trançar em uma hora trinta caniços de bambu (claies). Mais além de suas palavras claras, eu sentia uma força bastante grande. No entanto, não podia restabelecer-me moralmente, nem sequer fisicamente devido à minha posição tão torpe, o que teria me devolvido o equilíbrio.

Blanchet adoeceu: seu joelho inflamava e o fazia sofrer. Eu quase não o

deixava durante as marchas, ele se apoiava em mim; uma vez caíram algumas granadas perto de nossa companhia, que correu aos refúgios. Ficamos sozinhos em um terreno exposto.

Uma noite em que eu havia tido que friccioná-lo com álcool, para não me distanciar dele, fui dormir no refúgio de Jules-Charles. Delieu me fez chamar outro cabo, Beaufrère, jovem alegre que levava no jaleco uma fieira de botões brilhantes, cantava e agregava “Maria” em tudo o que dizia. Respondi que não voltaria; Beaufrère deu-me as costas:

“Tudo bem, Maria.”

Dormi, então, perto de Jules-Charles, que teve dor de estômago durante toda a noite e se queixava e dava voltas para acomodar suas longas pernas, só lhe faltou dar-me uma patada na cara. Delieu não demonstrou estar ressentido comigo nos dias subsequentes. Mas observei o quão severo eram os juízos que ele emitia:

“Conheço algumas pessoas que enquanto os outros combatiam em Carlepont se escondiam atrás das árvores, dizia. Para não nomeá-los são Virgile e Dubuc. A eles podemos dizer.”

Quando Blanchet melhorou voltei a frequentar Delieu. Conservava a mesma influência sobre mim; como não havia nenhum tema de conversação que se impusera entre nós, claro que eu buscava, alhures, aquilo que pudesse interessar-lhe ou agradá-lo. Quanto à alegria de meu primeiro orgulho por ter lhe resistido, a encontrava, às vezes, debilitada e experimentava o sentimento que temos quando deixamo-nos levar pelos pensamentos e, acabando de perder, por causalidade, aquilo que justamente nos agradava, nos fica este prazer confuso cuja causa está esquecida, e sentimos que se nos escapa insensivelmente.

Correu o rumor de que estava sendo preparado um ataque geral. “Já está decidido, disse-me Delieu, na terça de manhã.” Na segunda à noite, antes de voltar às trincheiras da primeira linha, passei a inspeção dos fuzis de minha tropa.

Delieu estava excitado, ria e falava alto. Entretanto usou um tom mais calmo para fazer-me notar que Blanchet não estava ali.

Eu sabia disso e me irritava. Blanchet tinha partido para Tracy para cumprir uma tarefa sem importância. Dava-me a impressão de que ao não regressar ele faltava para com nossa amizade. Respondi:

“Contudo, não se declarou no livro de visitas. Eu poderia castigá-lo, será muito fácil”.

Imediatamente pensei que Blanchet poderia ter caído enfermo em Tracy,

no mesmo instante dei-me conta de que havia falado precipitadamente para agradar a Delieu.

3

Em uma noite de valas argilosas e de lua; um vento frio corre pela trincheira. De vez em quando um ferido grita: “Maqueiros, venham até mim”, com uma voz tão forte que acreditamos que é uma brincadeira.

Novamente, faço com que coloquem sacos de terra e preparem as frestas. Um capote abandonado, e coberto de geada, feito um novelo em um rincão do ramal, parece uma moça que chora, com a cabeça e o ventre por terra.

Próximo das onze horas Delieu nos transmite as ordens para a noite: cavar um ramal de ataque e principalmente, que ninguém durma. Tolleron, vermelho e rindo para si mesmo, imagina que os alemães se escondem sobre nós por cima do declive. Aperta em suas mãos granadas redondas e se agita pelo incômodo de não poder gritar.

Por outra parte, a noite está calma. Salvo que Ferrer crê, em um momento, ver no periscópio dois homens que se arrastavam para a trincheira, à nossa esquerda. Corro para prevenir a tropa vizinha. Ao retornar tropeço em um monte de terra que acabara de desmoronar e quase caio. Este homem, que se levanta pesadamente e sai dos restos do refugio, é Delieu.

“Eu não estava dormindo”, disse.

Acredito que Delieu não estava dormindo. Mas senti que tinha que provar sua inocência, e para mim. Não obstante lhe expliquei o que nós tínhamos visto, ele me respondeu; lentamente senti o triunfo que pesava sobre nossa conversação.

Passou a noite e a manhã sem que houvesse ataque. Delieu pode voltar a encontrar sua certeza hoje; agora ele me resulta inferior e aproveitarei esta mesma certeza.

Não vejo Blanchet até o dia seguinte em Tracy.

Seu joelho incha de novo, deve ingressar na enfermaria por uns dias. E ademais: “Parece que se queixam porque eu não vinha. Por isso não vinha...”

Faz com que estalem o joelho enfermo.

Sem dúvida, alguém lhe contou o que eu disse a Delieu. Que débil e

frouxo estive; e sinto também mais vivamente a alegria de minha revanche. Ademais, a amizade com Blanchet não terminou em absoluto, neste momento em que começo a tornar-me digno dele.

Agora que essas inquietudes me faziam cambalear, sentia-me contudo muito mais armado e decidido: ali começava a vida mais ou menos inconsciente que me afirmava nesse lugar e nessas aventuras. Devido ao contraste, sentia a ordem mais do que a governava. Um homem, quando tem sua primeira amante, reconhece da mesma maneira uma vida nova nele: surpreende-se ao ver que nisso não é totalmente nem o mestre e nem o inventor.

Os feridos retornam

1

Em Tracy, as quinta, sétima e oitava companhias acamparam no mesmo quarteirão que nós. Tínhamos feito a guarda juntos e jogados as cartas ou o *caricoco*. A seriedade dos oficiais e um não sei que no ar nos persuadiam de que o ataque estava próximo. Delieu cantou: “Eles quebraram o meu violino, porque tenho a alma francesa”, mas nós preferíamos: “não é uma mulher feita para ti, tem jóias...” y *Marinette*, que todos repetíamos em coro. Ao despertar, tínhamos mais seriedade e talvez o sentimento de um abismo diante de nós.

“Antes não há porque assustar-se, explicava Pólio. Mas depois, quando acabou, me digo todos os dias:eh! passaste por aí, isso é o que você viu de perto, como se lesse uma carta de sua mãe.

- Depois de tudo, alguém apenas arrisca a vida.”

Era a reflexão que habitualmente interrompia todas as outras; tinha algo de satisfatório.

Sièvre deu-me pena; estava certo de que não voltaria, e considerava que “o assunto vinha mal embaralhado”; para ele “se não tivesse sido por seu amor próprio teria alegado doença”.

Não foi fácil animá-lo. No outro extremo um cabo da oitava gritava que

este ia ser o grande golpe e que se avizinhava o dia maior dia de nossa vida. Este exagero me desgostava, tal como Sièvre, por esta maneira de questionar a guerra que lhes era comum.

As coisas, para mim, não são tão simples, e lentamente consigo encontrar uma atitude que me é justa.

As sete horas dão à sétima companhia a ordem para partir. Vão pela estrada. No mesmo momento, o bombardeio começa a fazer-se sentir por sobre as nossas cabeças.

Vemos os resplendores sobre a praça da igreja: mais que uma praça é uma rua que se alarga um pouco por complacência com a igreja. Um cavaleiro passa galopando, a rua fica deserta; uma garota a cruza de tamancos, lerda para caminhar. Leva duas cartas.

Três aeroplanos no céu: um deles foge rapidamente, nuvens redondas e lentas estalam atrás dele e se dissolvem.

Chegam os cinco carros de um comboio, pão, carne e carvão. Um sargento grita:

“Trinta pães! Cinquenta pães!

-É linda!” , grita um zuavo, a respeito da graxa branca que deixou cair no barro.

Tiroteio ao norte. Subo; desde a janela do celeiro só vejo a colina e seus troncos negros sobre um solo vermelho. Chove. Agora um único atirador sobe a rua. Tem sangue n o pescoço. Caminha inclinado, as duas mãos nos bolsos, cantarola. ““Você está se sentindo muito mal?””, parece perguntar-lhe uma anciã com gorro que desceu pela rua.

Nós gritamos para ele:

“É desta manhã?

-Sim.”

O bombardeio se repete por volta das três da manhã: foi o sinal da nossa partida. No preciso momento em que nos ponhamos em fila dois prisioneiros

alemães gordos e bem vestidos conduzidos por um zuavo, subiam o caminho que ia ao posto do coronel. Na hora ficamos certos de que tudo andava bem; falando com propriedade não sentíamos alegria, mas o sentimento de uma coação que nos pesava e acabava de dissipar-se.

Alguns feridos voltavam pela estrada e nós os cruzamos. Um deles ia erguido, a cabeça para trás, e mostrava em sua cara dor e sossego: com as mãos, que havia metido sob seu cinturão azul, se apertava, sem dúvida o ventre.

Avançávamos imersos em uma estranha emoção de avidez e de reconhecimento; parecia-nos que a vida de trincheira e nosso ingrato aplicar-nos chegavam ao seu fim. Entretanto, nos voltavam as velhas imagens da guerra: trilhas, marchas noturnas entre as folhas, e por cima de nós o ruído do canhão. Acreditávamos assim voltar à ordem, e as trilhas tinham uma grande expressão de beleza.

Havíamos tomado um atalho pelo bosque. No primeiro alto, nos detivemos diante de um ferido que se apoiava em um carvalho. Perto dele há um balde de água. Tinham feito circular a ordem:

“Mantenham os jarros preparados.

- Sim é rum, dizíamos nós, alguém prepara o maior, se é chá é melhor”

Finalmente não chega nada e tomamos a água do balde. Quanto ao ferido havia recebido uma bala perdida no quadril; nos desejou boa sorte e “trabalhar tão bem como tinha feito sua companhia”. Outras duas horas de marcha e cai a noite. Então nos extraviamos, creio, até que descobrimos este povoado de cabanas, sobre a borda do abismo. Os fuzileiros de cócoras se esquentam junto ao fogo; um ourives inclinado parece trabalhar em coisas delicadas: parece uma mulher de quem veio as pulseiras e o colar dourado. Mas é preciso atravessar o fosso e Delieu se joga em um charco de barro.

Recebemos a ordem de acampar; com uma vela visito as tendas de campanha que não tem fogo. Na primeira há um zuavo com manchas de sangue nas bochechas. A única coisa que me diz é:

“Me sinto mal.

- Onde te dói?

- Não.

- Onde está a tua companhia?

- Não.

- Tem uma barba grossa e um aspecto selvagem.

A cabana vizinha é grande e um pouco húmida. Entramos. Delieu raspa com a faca as últimas manchas de barro de seu capote; Blanchet sai catando à esquerda e à direita toda a palha que encontra. Os outros comem ou dormem.

As árvores jovens cujos troncos foram destroçados pelas granadas se sustentam em pé por algumas fibras e o apoio de seus galhos mais altos nas árvores vizinhas. O limite do bosque está ali a trinta metros de nós; sobre a grande estrada alguns feridos vão lentamente para Tracy, outros esperam os maqueiros e gemem em voz baixa.

Intero-me por eles que ganhamos duas linhas de trincheiras; quanto ao resto, os relatos se contradizem, no entanto todos me comovem por sua fé e seriedade. Um primeiro sargento contava que havia recuperado, ele sozinho, um rincão de terra francesa. Um amor à pátria que em outro momento lhe teria parecido ridículo expressar, aqui ele considera conveniente.

“...Sabe, o primeiro ajudante da oitava, aquele que tinha três medalhas, morto. Ele foi o primeiro a partir, os outros não corriam rápido o bastante para alcançá-lo. Ah! Esse sim é que era alguém...!” Me surpreende de repente ver a Sièvre. Dois maqueiros o depositam na beira do fosso. Talvez lhe arrancaram a perna, não consigo distinguir nada sob a manta, aí onde deveria estar a panturilha. Não lhe pergunto, mas:

“Entretanto, não tens má cara.

- Oh! Contudo sei rir.”

Ele espera e gira um pouco a cabeça; me reconhece:

“O que quer, velho. É o que é.”

Quando eu voltava um atirador árabe com a frente rodeada de tela branca, queixava-se das tendas de campanha. Quem o trás quer fazê-lo entrar, mas o ferido não pode dobrar seu corpo nem sua cabeça e os dois permanecem torpemente de pé diante da porta.

Quanto ao sentimento que experimentamos, haviam se tornado débeis e confusos na medida em que o sofrimento já não era para esses um simples

acidente, mas os marcava a todos com um caráter cada vez mais idêntico.

Em certo momento se pareciam aos operários que saem à noite de uma fábrica – com a mesma pressa e indiferença para com o que os rodeia.

Comumente, só vemos aos enfermos com quem nos une a família ou a amizade: nisso não há nenhuma dúvida. Enquanto que agora ocorria o mesmo com as palavras – como *ingênuo*, *egoísta*, ou tantas outras – que em alguns casos precisos escutamos muito bem. Mas queremos levar as coisas além perguntando-nos: “E esta, e esta outra?”; seu sentido nos escapa e parece que se pode aplicar a qualquer um, ou quase. Assim, nossos sentimentos mal preparados foram tomados por surpresa.

Não obstante, para substituí-los, preparavam-se em nós muitas idéias e reflexões; chegamos a percebê-las bem (estas idéias e reflexões) quando foram desencadeadas pela notícia que um cavaleiro nos trouxe: que por enquanto o ataque tinha sido suspenso e que nós iríamos permanecer ali.

Pode ser que o ponto de partida para as minhas reflexões tenha estado nas palavras com as quais Sièvre aceitava sua ferida como algo simples e inevitável.

Para que a coisa entrasse na cabeça não fazia mais falta que tivéssemos boas razões para combater*. Pensava distinguir nos traços de cada ferido, recordando-os um após o outro, o orgulho com o qual pareciam dizer: “Não sou acaso um verdadeiro guerreiro?” Esses homens podiam admitir tudo, menos que foram feridos por terem se equivocados. Daí que nem pensamos em nos compadecer.

Por volta das onze escutamos atrás da porta:

“Há lugar para um ferido?”

- O posto de primeiros socorros é mais abaixo.

- Então, um pouco de água?

- Entre.”

Trata-se de um homem grande cujo braço pende, há sangue coagulado sobre a manga e a mão. Lapourade lhe dá um jarro de água e Ferrer lhe põe na boca um “cigarrinho da Argélia”. Quando se foi, Turquet disse a Ferrer:

- Sacudo, é mais feliz que tu.”

* No original francês: “Que l’on eût de bonnes raisons pour se battre, eil n’avait fallu rien de moins pour lui faire entrer la chose dans la tête.

Cantos na trincheira vizinha

1

Finalmente tínhamos alcançado a nova trincheira, mas através de que trilhas e matagais! Tínhamos também passado pr túneis e caminhado por charcos de água e gelo.

(Três ou quatro obuses tinham caído perto de nossa rota. As metralhadoras em pleno dia sem duvida nos teria derrubado; na noite o perigo era menor, inclusive era melhor recebido, e algo assim como que mais decoroso. A noite adapta-se bem aos riscos que se suporta sem atacar nem se defender: parece que ela recobra seu perigo natural.)

Já nem sentíamos a neve cair, a trincheira ficou revirada por ter sido tomada na véspera, e esses mortos diante do parapeito são alemães ou nossos? Perguntamos assim, às cegas. Imediatamente começamos a cavar a terra sob nós e a carregar as pedras de um lado a outro. Uma árvore baixa para mim galhos e folhas bizarras. É véspera de natal.

Ferrer não avisa que tem dois homens mortos aos nosso pés; toco, para me certificar, as mãos rugosas dos mortos, como quem sente um de seus membros entumescidos. A noite é todavia espessa.

Decoq seguia entre nós com uma obstinação triste. Arrastava a perna e gemia continuamente. Antes das dores atacá-lo tinha sido uma espécie de herói, dizíamos: ele sozinho havia tomado uma trincheira alemã de onde trouxe embaixo do braço a metralhadora. Mas uma explosão de obus acaba de romper-lhe a cabeça; nem tem sentido levá-lo. Fazemos a notícia correr.

Uma luz vem rente à terra, algumas balas sopram: todo este murmúrio se detém secamente.

“Ninguém viu Kaddour? Pergunta Delieu mais tarde. Já desapareceu duas vezes de uma maneira que não me entra na cabeça.”

Isto significa que ele não quer nos dar informação. Há alguns dias se suspeita que Kaddour nos trai.

De repente vi cinco mortos elevarem-se sobre a colina. Tão grandes que me parecem de entrada que não os reconheço (seu tamanho é de natureza semelhante a uma lua vermelha que se vê por casualidade sobre um muro do

jardim). Mas, comparando-os com as pedras e com os buracos dos projéteis de obus que os rodeiam, devolvo-lhes imediatamente um tamanho humano. Chega o dia, igual e pálido, ao que nunca se pode surpreender. A neve se amontoa sobre um rastrilho e sobre alguns cadáveres.

Detrás de nós há um praça cujos alambrados que ontem defendiam a trincheira, não foram atravessados. Quatro zuavos são apanhados ali: apertando-se uns contra os outros levantam apenas o arame farpado com a cabeça e os braços e os mantém à altura da frente.

Um sentimento distinto nos geravam os mortos esticados em frente, no espaço que nos separava do inimigo: para dizer tudo, não eram menos simpáticos; eram mortos ingratos e que não haviam triunfado. Ferrer foi preciso ao dizer: “...isso nunca acaba.” Vimos também dois ou três cadáveres alemães.

O sargento passa e repete:

“Vigiem. Se eles saírem de seus buracos, joguem os corpos na terra sobre a borda da trincheira e atirem.”

Mas, por onde aparecerão? Busco, e concentro meu ódio sobre esses inimigos invisíveis, com a mesma incerteza que concentro minha vista sobre a linha de sua defesa.

Um pouco mais tarde escutaremos seu canto pela primeira vez.

2

Por cima da minha cabeça o que os galhos retém são pedaços de carne e roupas.

“Vê as costelas sobre a árvore?”

- Ah!, pergunto, o que tem contra nós estes vizinhos à frente?”

Mas estou comovido ao ver que Ferrer se apóia na terra e olha três cartões postais coloridos, as tapeçarias de Bayeux. Que desejo forte de lhe falar. Mas não, ele as pegou de um morto, diz. Daí provém também o pacote de cartas e a revista violeta. Esta conversação interrompida me bastou mais que todos os cadáveres. Parece-me que tendo retrocedido penetro, por acaso, no interior da guerra.

Depois, o dia passa. Comemos conserva de carne de boi e tomamos run ou café frio de nossos cantís. Eu tinha sede; víamos brilhar um riozinho no campo

atravessado pela noite: suave coisa a água que corre.

Jornada perigosa, e no entanto plena: uma confiança inabitual no fundo de nós nos persuadia de seu valor.

Pólio me pedia uma faca; quando levei a mão até o meu bolso, de repente me surpreendi por meu gesto estar sendo tão lento.

Não trabalhávamos, tampouco quase falávamos, os alemães não deviam saber que estávamos ali. Cada um de nós estava assim entregue a si mesmo, isolado; quanto a mim, seria difícil descrever, por seus traços próprios, a atitude de pensamento em que estava agora. Me impactava sobre tudo pela semelhança com esses momentos em que alguém, sem angústia, sem nenhum sentimento que se possa nomear, se percebe só separado de toda coisa exterior, sobre tudo disso que é acento (ênfase), sorriso, matiz da palavra – ainda que abandonado a outro plano e como que rebaixado ao mais ínfimo. A reflexão que nesse instante não podemos evitar permanece como uma obsessão para a memória.

Parecia-me entrar em um estado parecido, desta vez não pelo jogo de meu corpo ou de minha alma, mas sob a influência e pelo peso dos fatos.

Esta miséria de corpos destroçados e de terra que me rodeava era tão completa que parecia torpe, e como que desejada. Era quase incrível que, em nosso país, estivéssemos privados de água, de lugar, de frutas – todas as coisas das quais a terra é, entretanto, rica – e sem conservar senão uma pequena parte de nossa vida, como faziam os antigos mortos. Por certo, eu não me sentia superior a semelhante pobreza, mas justamente por isso ela me parecia agora como efeito da benevolência ou bondade das coisas que queriam justificar-me. Assim as bordas de um recipiente baixam justo ao nível da água que o contém.

Os cantos recomeçaram por volta das quatro em uma trincheira alemã que nós não víamos. Eram cânticos latinos e nos chegavam em ondas. Em virtude deles podíamos imaginar a um conjunto de jovens seguros deles mesmos e de sua seriedade.(importância?)

Quanto a minha impassibilidade a respeito de tantos cadáveres, me

surpreende observar que é escassamente o efeito de minhas decisões ou de meu entusiasmo passado; muito pelo contrário é o estado de espírito a que me obrigam, sem hesitação possível, as circunstâncias. Em que medida está feita para nós, em que medida nos é terna pois a guerra, que nossa aplicação segue tão pacientemente.

A esta vida de espera e de assentimento, acabamos, não obstante, por senti-la inferior a nós. Por esses cantos. Eles nos brindam a ocasião de superá-la, se aproximam de nós como o faria uma corda, que bastaria segurar para ser arrastado. Assim corremos para eles com o fuzil apertado nas mãos e com grande ódio por todos estes homens que cantam sobre a nossa terra na qual permanecemos silenciosos. Tudo está pronto: parece que os níveis exterior e interior se confundem com o ponto por onde a vida vai para voltar a sair.

Os cantos, que são algo abertos a todos os sentimentos, favoreciam poderosamente semelhante simplicidade, no momento mesmo em que ficavam marcados por ela. Se o vento deslocava seus sopros, víamos o nosso ódio deslocar-se com eles.

Cai a noite e não atacamos. Não podemos abrir fogo, entretanto, a lua começa a nos iluminar.

Kaddour acaba de entrar. Delieu o interroga:

“Fui eu quem permaneci no lugar mais perigoso, responde ele: retiveram-me na primeira seção, estava ao lado do cabo Monmayeur quando fui ferido. E Decoq está morto. Veja o que quebrou aí, cabo.”

Havia sobre o pescoço de seu capote algumas manchas marrom: pedaços do cérebro de decoq. Por que a inocência de Kaddour nos produz uma espécie de decepção?

Eram onze horas, o rancho nos trás uma marmita de carne fervida, arroz e um balde de café frio. Quando Beaufrère servia um jarro a Leynaud, uma granada explode estupidamente entre eles e destroça as suas duas caras.

Depois nos fizeram retroceder (recuar). Tínhamos a impressão de que da próxima vez tudo recomeçaria e que o impulso de hoje não poderia servir-nos mais.

O duplo ataque

1

Uma imagem é mais forte e mais exterior que todas as minhas outras recordações: dez soldados se levantam do chão e, tendo se misturado, começam a correr em fila para um monte. São magros, e um pouco inclinados, as beiradas de seus capotes se agitam, um deles cai, aparentemente só de joelhos. Como vão lentos!

Alguns torrões de terra voaram perto: eles parecem desarmados e finos como cervos. Sempre correndo descem insensivelmente do outro lado do monte. Em seguida, não vejo mais nada: entraram na terra aberta em alguma parte. No tumulto deste começo de batalha, as fumaças negras subiam de um salto como grandes chamas e se perdiam em seguida por suas beiradas. E os mil ruídos dos obuses ou das balas: trovões no céu, castanha que estala sob as cinzas, canto de sapos, cigarras, abelhas, casa que cai. Me regozijava com uma alegria infantil por sua variedade e sua força, até o momento em que vi dirigir assim nosso primeiro ataque.

A montanha (elevação, monte), à nossa esquerda se mantém deserta. Distingo um novo corpo estendido perto daqueles que me haviam parecido tão grandes na véspera: não está coberto, como os outros, de geada branca, mas a cor viva de seu calção atrai o olhar.

Pálido e redondo o sol aparece. Mais que um sol, parece uma lua cheia.

A trincheira atacada estava sobre a outra ladeira, de maneira que nos perguntávamos se o ataque havia tido êxito. Começamos a ganhar confiança quando passou uma hora ou mais.

Blanchet disse: “Vem um zuavo”.

Nós víamos sua pequena cabeça surgir e logo desaparecer. Voltava correndo, sem dúvida, mas sempre com esta lentidão inconcebível.

“É um ferido que vai para um posto de socorro.”

Um homem mais corpulento levantou-se; ou eu mal o vi quando estava erguido sobre a montanha. Parecia caminhar para trás e se destacava assim contra o céu. Ademais, seu capote o vestia de maneira estranha.

Houve um tempo em que nos perguntávamos o que poderia querer dizer

tudo isto. O homem de ligação nos gritou ao passar:

“Está tudo bem: o 4º de zuavos tomou as trincheiras.”

Nossa alegria mas também nossa inquietude se somaram.

E foram então vinte, trinta homens, uma quantidade maior da que havíamos visto partir; voltavam, sem ir mais rápido, ainda que se misturavam e se adiantavam em desordem. Ao chegar à altura de nossas trincheiras deixavam-se cair, e eu não os via mais. E isso foi tudo.

Estivemos esperando muito tempo a ordem que nos permitiria, acreditávamos, retomar a trincheira perdida e talvez outras, mais distantes. Não acontecia nada e nossa excitação pouco a pouco ia diminuindo. Igualmente tive que atirar sobre uma árvore cheia de corvos por onde subia um soldado alemão.

O dia estava extremamente claro e branco. Víamos a um ferido que se arrastava pelo monte, logo se detinha e permanecia longo tempo imóvel. Fui buscar a sopa na retaguarda. Os obuses iam às cegas por cima de nós, o que buscavam no bosque?

Abrimos caminho com dois zuavos do quarto.

“Na companhia, temos ao todo doze mortos. Andando, ficamos dois. E havíamos feito prisioneiros.

- Quando foi o contra-ataque fez se necessário ceder terreno. Mas voltaremos, e teremos um tenente, ah! Um tenente!...”

Esta confiança deu-me um grande prazer.

A carne e a sopa estavam esquentando em uma tenda. A mula havia trazido uma bolsa de encomendas de natal: havia uma para Blanchet da qual copiei o endereço de seus pais. Retomamos o caminho da trincheira.

Desde a nossa partida nada havia ocorrido. Salvo que chovia e o parapeito ameaçava tornar-se barro.

Ferrer e Langella voltaram demasiado tarde de um reconhecimento e não encontraram nada para comer mas o tenente fez abrir para eles duas caixas de carne de lata. De repente tivemos a impressão de que a questão da comida deles cobrava grande importância.

Em todos os acontecimentos que acabo de enumerar, desde o momento em que ocorreram, havia algo de lembrança, e esta foi a razão pela qual os guardei e me aferro a eles tão firmemente como eles se aferram a mim. Quanto ao que se segue, é certo que devo ter me salvado no momento em que franqueamos o parapeito da trincheira devido ao ataque.

Estranha sala na qual me encontro, encerada, com aranhas, espelhos e retratos antigos. Mas de uma das camas sai em camisola um negro que manca com turbante e cinturão vermelhos.

Não posso me levantar o suficiente para ver meu músculo ferido que sinto com ataduras. Me estico e sinto que volto a cair, como uma pedra.

Tinha acreditado receber no peito todo o corpo de um homem e contudo não me animava a olhar.

Primeiro experimentei se podia girar a cabeça à direita e à esquerda, depois abrir os olhos. À minha volta só há terra fresca: de repente vejo, mais abaixo, os corpos destroçados de Pólio, creio, e de outro homem: corpos sem alma, inclusive sem carne. Apenas distingo sua metade inferior mesclada com terra e trapos. É como se toda a minha vida tivesse voltado de uma inconcebível lentidão: não posso olhar duas coisas seguidas; entre uma e outra fecho os olhos.

Me toco no músculo; está coberto de sangue que jorra. Então começa a aparecer em mim e a estender-se um sentimento novo de liberdade. Surgem em mim milhares e milhares de idéias: me reconheço liberado, por elas, de todos os esforços, do tempo, destas terras. Alegria que me parece mais ampla que toda uma existência. Na trincheira para a qual logo me levam – quem me levou? Não sei-, me sinto a principio decepcionado. Tudo acabou, a porta está fechada.

No momento em que o obus me alcançou, eu era o último de meu esquadrão, com a precaução de não adiantar-me por temor de parecer desde onde eu estava um covarde. Sentia indignação contra a ordem – de onde veio? – que nos fazia abandonar esta trincheira conquistada. Por conseguinte, era impossível sustentar-nos, ou talvez o combate acontecia em outro lugar? Acho que sentimos um grande prazer quando tomamos de assalto a trincheira alemã; mas não posso recordá-lo e muito provavelmente não havia em nós, neste momento, outra consciência de nossos atos que esta, imediata e sem memória.

Um dos motivos de nossa retirada foi, sem dúvida, este volume de chamas que surgiu e o ramal de trincheira da direita que me pareceu totalmente sob o fogo.

Virgile morria por um golpe de baioneta no solo. Quando passei voltou-se e disse:

“Virgile se vai mas viva a França.”

O que aconteceu com os nossos prisioneiros?

Ao chegar ao declive vi um alemão corpulento que me apontava: mas eu me joguei em cima desde o alto. Mais tarde voltei a vê-lo e me pareceu imenso como um moinho de palha. A outro alemão um obus lhe havia arrancado as pernas. Havia ficado em um rincão envolto como um recém-nascido em uma faixa que se manchava de vermelho por baixo. Tínhamos iniciado o ataque da trincheira sem esperança nem medo, e como que sentindo nos exteriores. Não vi ninguém cair, exceto Blanchet. Ao menos alcançou, arrastando-se, a trincheira alemã. Mas estávamos cercados (fr. *serrés*: apertados, “encurralados”) de tal maneira que ele deve ter permanecido sobre o declive da retaguarda.

Vejo Ferrer à minha direita, ele também deitado em uma cama. Avisa que estou acordado.

Mas não quero falar-lhe. Agora ante tudo me aparece, humilde e persistente como um cão que espera em uma porta, a lembrança desses soldados que se levantam e correm para cima, nessa manhã branca. Não me obceca; não obstante, meu pensamento está ligado a ele e a esse azar que gastou meus sentimentos quando vi antecipadamente nosso ataque e nosso regresso. Agora que volto a mim, que ao menos me fique uma imagem, e o signo desta espécie de segredo.

Bois saint-Mard, 1914

8. Bibliografia:

Allouch, Jean. *Sobre la destitucion subjetiva.* In: Bulletin n° 0 de l'ecole de psychanalyse, Paris, 1985. Endereço eletrônico:

<http://www.jeanallouch.com/document/52/1986-sobre-la-destitucion-subjectiva.html>, extraído em 17/09/2006.

Althusser, Louis. *Aparelhos Ideológicos do Estado. (Notas para uma investigação).* In; Um mapa da Ideologia. Org. S. Zizek. Editora Contraponto. São Paulo, 1999.

Badiou, Alain. *Lacan e o Real.* In: Conferências de Alain Badiou no Brasil. Org. Célio Garcia. Editora autêntica. Belo Horizonte, 1999.

Benjamin, Walter. O conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão. Editora Iluminuras. São Paulo, 2002.

_____. *Crítica da Violência – Crítica do poder.* In: Documentos de Cultura, documentos de Barbárie; escritos escolhidos. Editora Cultrix. São Paulo, 1986.

Baetens, Jean. *Je me appelle Jacques maast*”. In: Poétique 78. Editions Seuil. France, avril, 1989.

Borba, Francisco da Silva. *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil.* Editora Unesp. São paulo, 1991.

Bruce Fink. *O sujeito lacaniano.* Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1995.

Clausewitz, Carl Von. Da Guerra. Ditora Martins Fontes. São Paulo, 1979.

Chacón, Pablo E. *Sobre El Guerrero Aplicadode Jean Paulhan.* In: Lacan: la marca del leer. Coords. Gonzales, Reoyo e Alonzo. Anthropos editorial. Barcelona, 2002, pág.158.

Chemama, Roland. *A prática da letra.* In: Elementos lacanianos para uma psicanálise do cotidiano. CMC Editora. Porto Alegre, 2002.

Cordeiro, Edmundo. A Figura do trabalhador, Ensaio sobre a Técnica segundo Ernst Junger. Dissertação de Mestrado. Universidade Nova Lisboa, 1994. Extraído do site <www.bocc.ubi.pt>, acesso em 10/05/2007.

Cottet, Serge. Freud e o desejo do psicanalista. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1989.

Cunha, Antonio Geraldo da. Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1989.

Deleuze, Gilles. Apresentação de Sacher-Masoch. Livraria Taurus. Editora. Rio de Janeiro, 1974.

Dieudonné, Julien. *The power of poetics, the poetics of Power.* In: YES 106,. Yale French Studies; ed. By Michael Syrotinski,. Yale University, 2004.

Dolce, Júlio. Os conceitos de Clausewitz aplicados aos estudos estratégicos do mundo contemporâneo. In: Revista da escola Superior de Guerra. Ano XIII, nº 36.

Dunker, Christian Ingo Lenz. *A questão do sujeito: Construção, Constituição e Formação.* In: Uma Psicologia que se interroga. Org. Dunker & Passos, M.C. Edicon, São Paulo, 2002.

_____. *Identidade e a degradação da carne.* In: Revista Mal-estar. vol. VI, nº 01. Fortaleza, março de 2006.

_____. *Critica da ideologia estética em psicanálise, um estudo sobre o fim de análise.* In: Acheronta, Revista de Psicoanálisis y cultura, nº 10 – Dezembro de 1999: <[http://:www.acheronta.org](http://www.acheronta.org)>, acesso em 22/06/2004.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. Dicionário da Língua Portuguesa.

Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1993.

Ferreirano, Antonio Gomes. Dicionário “Editora”. NOVO DICIONÁRIO JURÍDICO BRASILEIRO. EDITORA ÍCONE. São Paulo, 1989.

Fernandes F. *Dicionário de sinônimos e antônimos*. São Paulo: Globo, 1997.

Fink, Bruce. O sujeito lacaniano. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1995.

Freud, Sigmund. Psicologia de grupo e análise do ego. (1925-1926). *In: Além do princípio de prazer, Psicologia de grupo e outros trabalhos. VOLUME XVIII* Edição Standard da Editora Imago.

_____. *Pós-escritos*. (1927). *In: Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos, v. XX.* Imago Editora. Rio de Janeiro, 1976.

_____. *Análise Terminável e Interminável*. (1937). *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas.* Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *Um distúrbio de memória na acrópole*. V. XXII (1932-1936), *Novas Conferências Introdutórias sobre Psicanálise e outros trabalhos.* *In: Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas* Imago editora. Rio de Janeiro, 1976.

_____. *A questão da análise leiga*. Vol. XX (1927). *In: Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade. A questão da análise leiga e outros trabalhos.* Edição Standard brasileira das obras psicológicas completas Imago editora. Rio de Janeiro, 1976.

Gato, Clarice. *O cartel e os laços sociais*. *In: GUATIMOSIN, B. Em torno do cartel: a experiência na Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano.* Salvador, Associação Fóruns do Campo Lacaniano, 2004.

Gonzales, Reoyo e Alonzo. Coords. Lacan: la marca Del leer. Anthropos, Barcelona, 2002.

Hassan, Sara. *O que se espera de um psicanalista? Destitución subjetiva fuera del anaálisis.* Resenha de la Segunda conferência de Colete Soler. Associação do Fórum Lacaniano. In: <http://www.psiconet.com/brasil/afcl/soler.htm>, extraído em 02/07/2007.

Houaiss, Antônio. Dicionário Houaiss de sinônimos e antônimos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.

Jenny, Laurent; Milne, Anna-Louise. *Paulhan, Blanchot, and "Le 14 julliet".* In: *Yale French Studies*, nº 106, The Power of Rhetoric, the Rethoric of Power: Jean Paulhan's Fiction, Criticism, and Editorial Activity. (2004), pp. 125-139.

Inwood, Michael. Dicionário Hegel. Jorge Zahar editor. Rio de janeiro, 1992.

Jimenez, Stella. DEUS É A MULHER - A FEMINILIDADE EM LACAN. In: curso on line 2009/1. Núcleo Márcio Peter de Ensino – conexão Lacaniana. Videoconferência com Stella jimenez.

Junger, Ernst. Tempestades de Acero: la guerra en el frente oeste. Ediciones y Publicaciones Ibéria. Madrid, agosto de 1932

Keegan, John. O rosto da batalha. Editorial Fragmentos. Lisboa, 1976.

Kojeve, A. Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro: Contraponto; UERJ, 2002.

Lacan, Jacques. (1953-1954) Seminário 1. Os Escritos Técnicos de Freud.. Zahar Editores. Rio de janeiro, 1979.

_____.(1954) Seminário 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____.(1955) Seminário 3 – As psicoses. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

_____. (1960) Seminário 7 – A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

_____. (1962) Seminário 8 – A ética da psicanálise. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1992.

_____. (1964) Seminário 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Jorge Zahar editores. Rio de Janeiro, 1998

_____.(1967-1968) Seminário 15 – O ato analítico. Mimeo.

_____. (1969) Seminário 15 - *O ato analítico*. Resumo do Seminário de 1967-1968. In: Outros escritos. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2003.

_____. (1968-1969) Seminário 16. De um outro ao outro. Aula de 10-01-1968. – Mimeo.

_____. (1972-1973) Seminário 20 - mais ainda. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

_____. (1947). *A Psiquiatria inglesa e a guerra*. In: Outros Escritos. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 2003.

_____. (1963) *Kant com Sade*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

_____. (1964) *Ato de fundação*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1958) *A direção do tratamento e os princípios de seu poder*. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1998.

_____. (1967) *Proposição de 9 de outubro de 1967*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2003.

_____. (1967) *Discurso na escola freudiana de Paris*. In: Outros Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

_____. (1975) Sobre o passe. In: *Lettres de L'Ecole freudienne*, n. 15, jul. de 1975, p. 185-193.

_____. (1975) "Sobre el passe", *Ornicar?* 1, Espanha, 1981.

_____. (1960) *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache*. In: **ESCRITOS**. Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1998.

_____. (1963). *Kant com Sade*. In: Escritos. Rio de Janeiro. Jorge Zahar Editor, 1998.

_____. *A ciência e a verdade*. In: Escritos. Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano*. In: Escritos. Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro, 1998.

Leite, Márcio Peter de Souza, *Destituição subjetiva e fim de análise*. In: *Psicanálise lacaniana*. Editora Luminuras. São Paulo, 2000.

_____. *As propostas da "Proposição"*. In: *A Escola de Lacan: a formação do psicanalista e a transmissão da psicanálise*. Editora papyrus. São Paulo, 1992.

Levi, Primo. *É isto um homem?* Editora Rocco. Rio de Janeiro, 1988.

Náufel, José. *Novo Dicionário Jurídico Brasileiro*. São Paulo: Ícone Editora, 1989.

Oster, Pierre. *Quem é Jean Paulhan?* : <[Société des lecteurs de Jean Paulhan](#)>, extraído em 18/05/2008. O endereço eletrônico do site é: <www.atelierpdf.com/paulhan.sljp/ - 6k .

Paulhan, Jean. *Lê Guerrier Appliqué.* Editions Gallimard. 1930/1982, Paris.

_____. *El Guerrero Aplicado.* Tres Aches. Buenos Aires, 1999.

_____. “L`experience du proverbe”. *Commerce Cahier V*, 1925

_____. *le clair et l'obscur.* Edited by Claude-Pierre Pérez. (Cahiers **Jean Paulhan**, 9). Paris, Gallimard, 1999.

Porge, Erik. *Jacques Lacan, um psicanalista – percurso de um ensino.* Editora UNB. Brasília: Universidade de Brasília, 2006.

Quinet, Antonio. *A destituição subjetiva.* In: *As 4 + 1 condições da análise.* Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1991.

Remarque, Eriquer. Maria. *Nada de novo no Front.* Editor Victor Civita. Rio de Janeiro, 1981.

Rapoport, Anatole. Prefácio ao livro *Da Guerra de Carl Von Clausewitz.* Martins Fontes Editora. São Paulo, 1979.

Reis, Ricardo. (Fernando Pessoa), *Ouvi contar que outrora.* Ode de 01/06/1916.

In:

< www.academia dexadres.com/2009/12/01/odes-de-ricardo-reis-fernando-pessoa/>

extraído em 17/09/2009.

Safatle, Vladimir. *O amor pela superfície: Jacques Lacan e o aparecimento do sujeito descentrado.* 1997. 126 f. Tese (Mestrado em Filosofia). - Faculdade de filosofia, Letras e Ciências Humanas – FFLCH. Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997.

_____. *Reportage a Vladimir Safatle*. ACHERONTA, 2001. Entrevista a Sara Hassan em 20 de agosto de 2001. In: Acheronta, Revista de Psicoanálisis y cultura, <<http://www.acheronta.com>>, extraído em 16/05/2005.

_____. *Sexo, simulacro e política da paródia*. In: Revista do departamento de Psicologia, UFF – vol 18, nº 01. Niterói, jan/jun de 2006.

_____. *O ato para além da lei: Kant com Sade como ponto de viragem do pensamento lacaniano*. (org.Vladimir Safatle). In: Um limite tenso, Lacan entre a filosofia e a psicanálise. São Paulo: Unesp, 2003.

_____. *A Paixão do Negativo: Lacan e a Dialética*. Editora Unesp. São Paulo, 2005.

_____. *Atravessar o fantasma através do corpo*. In: *A paixão do negativo: Lacan e a Dialética*. Editora Unesp. São Paulo, 2005.

_____. *Uma clínica do sensível: a respeito da relação entre destituição subjetiva e primado do objeto*. Artigo disponível no site de: <<http://www.clipp.org.br>>. Acesso em 17/08/2007.

_____. *A destituição subjetiva como protocolo de amor*. In: *A paixão do negativo: Lacan e a Dialética*. Editora Unesp. São Paulo, 2005.

_____. *Os impasses do amor: Sartre, Lacan e o problema do reconhecimento do desejo*. In: <<http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi058.htm?200817>>., texto extraído em 17/08/2008.

_____. *Espelhos sem imagem. Mimesis e reconhecimento em lacan e Adorno*. In: <<http://www.geocities.com/vladimirsafatle/vladi058.htm?200817>>., texto extraído em 17/08/2008.

Seynhaeve, Bernard. *Guerrero aplicado y destitucion subjetiva*.

<http://www.congresoamp.com/es/textos/papers/papers_02_es.pdf>, extraído

em 03/09/2007.

Simanke, Richard Theisen. Metapsicologia lacaniana: os anos de formação. Discurso editorial. Editora UFPR. Curitiba, 2002.

Site: <**Société des lecteurs de Jean Paulhan**>, extraído em 18/05/2008. O endereço eletrônico do site:: < www.atelierpdf.com/paulhan

Soler, Colette. *Os discursos-tela. (fevereiro de 1998). Publicado em: Alberti S. & carneiro Ribeiro, M. A. (orgs.) retorno do exílio: o corpo entre a psicanálise e a ciência..* Contra Capa, Rio de Janeiro, 2004.

_____. A Psicanálise na civilização. Contra Capa. Rio de Janeiro, 1998.

_____. *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas – aula 1.* In: Stylus. Belo Horizonte, nº 5 – novembro de 2002.

_____. *Variantes da destituição subjetiva: suas manifestações, suas causas – aula 2.* In: Stylus. Belo Horizonte, nº 5 – novembro de 2002, pág.22.

_____. Clínica de la destitución subjetiva. Seminário dictado en las II jornadas de los Foros psicoanalíticos de la Argentina, en Buenos Aires, em 25 y 26 de octubre de 2001.

_____. Variáveis do fim da análise. Papyrus Editora. São Paulo, 1995.

_____. *Que se espera del análisis y del psicoanalista*". Psicoanálisis ApdeBA – vol. XXVI – nº 3 – 2004.

Sonia, D-H. A Paixão pela morte como paixão política na obra de Ernst Junger. Tempo. Rio de Janeiro, vol. I, 1996.

Syrotinski, Michael. Defying Gravity; *Jean Paulhan's Interventions in Twentieth-Century French Intellectual History*. State University of New York Press, 1998.

_____. *A retórica da enfermidade em Jean Paulhan*. In: Yale French Studies, nº 106, The power of Rhetoric, the Rhetoric of power: Jean Paulhan's Fiction, Criticism, and Editorial Activity. (2004),

_____. *The rhetoric of Illness in Jean Paulhan*. In: Yale French studies. Nº 106, The power of rhetoric, the rhetoric of power: Jean Paulhan's Fiction, Criticism, and Editorial Activity. (2004), pp. 57-70.

Zizek, Slavoj. *O espectro da ideologia*. In: Um mapa da ideologia. Org. Slavoj Zizek. Editora Contraponto. Rio de Janeiro, 1996.

_____. *A "Teoria Crítica" frente ao fascismo*. In: Eles não sabem o que fazem. (O sublime objeto da ideologia) Jorge Zahar Editor. Rio de Janeiro, 1992.

_____. *O mais sublime dos histéricos*. (Hegel com Lacan). Jorge Zahar editor. Rio de Janeiro, 1991.
